



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO: HISTÓRIA, TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS

FERNANDA QUIXABEIRA MACHADO

**“NÓS SOMOS JOVENS”: UM PROBLEMA NO PRESENTE E UMA
ESPERANÇA DE FUTURO NA CUIABÁDOS ANOS 1950 E 1960**

Cuiabá - MT

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FERNANDA QUIXABEIRA MACHADO

**“NÓS SOMOS JOVENS”: UM PROBLEMA NO PRESENTE E UMA
ESPERANÇA DE FUTURO NA CUIABÁ DOS ANOS 1950 E 1960**

*Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Mato Grosso, como
exigência final para obtenção do título de
mestre em História, sob a orientação do
Prof. Dr. Pio Penna Filho.*

Cuiabá - MT

2006

TERMO DE APROVAÇÃO

FERNANDA QUIXABEIRA MACHADO

“NÓS SOMOS JOVENS”: UM PROBLEMA NO PRESENTE E UMA ESPERANÇA DE FUTURO NA CUIABÁ DOS ANOS 1950 E 1960

Dissertação aprovada como exigência final para obtenção do título de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Leny Caselli Anzai - Examinadora interna
Universidade Federal de Mato Grosso

Prof. Dr. João Pinto Furtado - Examinador externo
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Vitale Joanoni Neto - Examinador interno - Suplente
Universidade Federal de Mato Grosso

Prof. Dr. Pio Penna Filho - Orientador
Universidade Federal de Mato Grosso

Dedico esta pesquisa aos jovens das décadas de 1950 e 1960 que marcaram a própria história e a história do seu país.

AGRADECIMENTOS

- Ao meu orientador, professor **Dr. Pio Penna Filho**, pessoa calma, paciente e sem burocracia que respeitou as minhas idéias e contribuiu para que o mestrado fosse tranqüilo. Agradeço aos membros da banca de qualificação, professora **Dra. Leny Caselli Anzai**, e professor **Dr. Vitale Joanoni Neto**, cujas contribuições foram decisivas para a conclusão do trabalho. Senti-me motivada a seguir em frente. A experiência não poderia ter sido melhor.
- Ao professor **Dr. João Pinto Furtado** por gentilmente ter aceito o convite para participar da banca de defesa.
- **À CAPES** pela bolsa de estudos concedida durante todo o mestrado que muito contribuiu para a realização da pesquisa e ao **PADTC** por ter financiado a viagem de pesquisa ao Rio de Janeiro.
- À professora **Dra. Maria Aparecida Morgado** pela oportunidade na graduação de participar do seu instigante projeto de pesquisa “Práticas transgressivas de jovens da classe média e alternativa educacionais” que fez com que me interessasse pelo tema da juventude.

O mestrado foi uma experiência gratificante em todos os sentidos. Encontrei pessoas maravilhosas que tornaram o meu caminho mais fácil e agradável. Também quero agradecer:

- Sou grata à **Matilde**, ex-secretária do Programa de mestrado e **Mônica** a atual secretária, pela paciência e competência com que nos atendem.
- Agradeço à **Coordenadora do Programa** e a **todos os professores** pelo empenho e dedicação ao trabalho que vão muito além das suas obrigações.
- Agradeço aos colegas de turma, **Helena, Rosely, Antutérpio, Kleber, Silviane, Marildes, Maria de Lourdes e Maildes**, pelo incentivo companheirismo. Tenho um carinho especial por todos.
- Sou grata aos jovens de ontem **Nilva, Mirtes, Benedito Flaviano, Euli, Carolina, Wandir, Alfredo, Hênio, Aecim, Ramez e Benedito** por terem aberto a porta de casa e a memória para mim. Especialmente a **Mirtis Leão Ferreira e ao Alfredo Ferreira da Silva** pessoas maravilhosas que se colocaram a minha disposição e, sem nenhuma restrição, emprestaram os seus acervos pessoais de fotografia.
- Agradeço especialmente aos amigos **Théo, Silviane e Malu** pelas indicações bibliográficas preciosas.
- Às amigas **Gelice, Mirian e Tânia** por terem me socorrido gentilmente com os seus livros.
- Ao professor Carlos Américo Bertoline por ter esclarecido dúvidas e emprestado documentos do seu acervo pessoal e ao amigo **Hilário** por ter localizado o Estatuto da AME.
- Finalmente agradeço a minha família. Deixei-a por último porque não estava encontrando as palavras certas para expressar a gratidão e o afeto que sinto por eles. Ainda não encontrei, mas vou tentar assim mesmo. Sou eternamente grata aos meus pais, Maria José e Andiário e as minhas irmãs Adriana e Andréia pelo apoio incondicional em todos os momentos, sem o qual eu não teria chegado até aqui.
 - **A todos, muito obrigada!!!**

Com que rapidez passamos pela terra! O primeiro quarto da vida já findou antes que lhe tenhamos conhecido o uso; o último quarto passa depois que já deixamos de gozá-la. No princípio não sabemos viver; muito logo não o podemos mais; e no intervalo que separa essas duas extremidades inúteis, três quartos do tempo que nos resta são consumidos pelo sono, pelo trabalho, pela dor, pelo constrangimento, pelas penas de toda espécie. A vida é curta, menos pelo pouco que dura do que porque desse pouco tempo quase nenhum temos para apreciá-la. Por mais que o momento da morte esteja longe do nascimento, a vida é sempre demasiado curta quando esse espaço é mal preenchido. (ROUSSEAU, 1995, p. 233).

RESUMO

Duas imagens culturais de juventude despontam no século XX, uma delas destacou-se na década de 1950 e ficou conhecida como “juventude transviada”. a expressão começou a ser utilizada para denominar os jovens da classe média que se envolviam em crimes e transgressões. A outra imagem emergiu na década de 1960, parafraseando a expressão “rebeldes sem causa” poderíamos chamá-la de “rebeldes com causa”, trata-se da figura do jovem enquanto estudante caracterizada pelo ativismo político no movimento estudantil. A presente dissertação teve por objetivo estudar essas duas imagens culturais de juventude que se destacaram na sociedade brasileira nas décadas de 1950 e 1960, tomando como referência a juventude cuiabana. Quem eram e como viviam esses jovens? Em que contexto político e econômico emergiram essas imagens culturais? O que fez esses modelos serem tão fortes? O que significa ser delinqüente nos anos 1950? Quais as reivindicações dos estudantes dos anos 1960? Como a sociedade vê esses jovens? Estas são algumas das questões que permearam todo o trabalho. Quer seja por suas transgressões, quer seja por sua contestação e mobilização política, os jovens, desde então, não saíram mais de cena, protagonizando assim, uma revolução nos costumes e hábitos sem precedentes. Estas são imagens fortes que marcaram o período e fizeram a sociedade refletir sobre as formas de educação existentes, sobre os problemas da juventude e sobre a juventude problema. Para elaboração do trabalho foram utilizadas fontes impressas, fontes orais e fontes iconográficas.

Palavras-chave: juventude, transgressão, estudantes.

ABSTRACT

Two cultural images blunted in the XX century, one of them highlighted in the 1950 and was known as “Transaction Youth”, the expression became to be utilized to denominate the middle class youth that was involved in crimes and transgressions. The other image emerged in the 1950 decade, paraphrasing the expression “rebels without cause” could be called “rebels with cause”, treated the young figure while student characterized by the political action in the student movement. The present dissertation has for objective to study these two youth cultural images that highlights in the Brazilian society in the 1950 e 1960 decades, taking as reference the “Cuiabana youth”. Who were and how did this youth live? In what political and economic context did these images emerge? What did make these models so strong? What does it mean to be delinquent in the 1950 years? What are the students' vindications in the 1960 years? How the society see these young? These are few questions that compose the whole work. Can be from its transgressions, can be from its contestation and political mobilization, the young, since then, didn't get out of the house any more, protagonizing, a revolution in the customs and precedents habits. These are strong images that marked the period and made the society to reflect about the existent ways of education, about the problems of youth and the youth problems. For the work elaboration were utilized printings sources, oral sources and iconographical sources.

Key words: youth, transgression, students.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	
LISTA DE TABELAS	
RESUMO	
INTRODUÇÃO	13
1 A INVENÇÃO DA JUVENTUDE NO SÉCULO XX	22
1.1. COMO NOS TORNAMOS JOVENS	22
1.2. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM	26
1.3. JUVENTUDE: A PALAVRA DE ORDEM	33
2 NOS ANOS 1950: O DELINQUENTE	39
2.1. GERAÇÃO PÓS BOMBA ATÔMICA	39
2.2. ANOS 1950 NO BRASIL	48
2.3. O REINADO DOS FILHOS	56
2.4. SER JOVEM NA ERA DO OLHAR	61
2.5. “SEU FILHO JÁ CHEGOU ÀS FRONTEIRAS DO CRIME!”	72
3 NOS ANOS 1960: O ESTUDANTE	89
3.1 “APESAR DA APARENTE CALMARIA”: RESISTÊNCIA E REPRESSÃO EM MATO GROSSO NO PERÍODO DA DITADURA	89
3.2. O ESTUDANTE: ESPERANÇA DE FUTURO	100
3.3. O ESTUDANTE: PROBLEMA NO PRESENTE	110
3.4. “OS ESTUDANTES FIZERAM PASSEATA EM CUIABÁ: NÃO ERA SUBVERSÃO ERA UNIVERSIDADE FEDERAL”	121
3.5. OS DONOS DA HISTÓRIA: MEMÓRIAS DE MILITANTES	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
FONTES	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157
ANEXOS	167

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa do livro “Trajetória da Juventude Brasileira: dos anos 50 ao final do século”	141
Figura 2	Anúncio do creme dental Kolynos, 07 jan. 1951	168
Figura 3	Anúncio do tônico Biotônico Fontoura, 16 mar. 1952	169
Figura 4	Anúncio do fortificante Vanadiol, 13 mar. 1952	169
Figura 5	Anúncio do fixador de cabelos Brylcreem, 10 jun.1951	170
Figura 6	Anúncio do regulador Fluxo-Sedatina, 06 maio 1951	170
Figura 7	Anúncio do tônico Emulsão Scott, 05 jul. 1951	171
Figura 8	Capa do DVD do filme “Rebeldes sem causa”	172
Figura 9	Anúncio da caneta Pilot, 22 fev. 1966	173
Figura 10	Anúncio da Cooperativa central dos produtores de açúcar do Estado de São Paulo, 30 abr. 1968	174

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACES – Associação Cuiabana dos Estudantes Secundários
AI – Ato Institucional
ALN – Aliança Libertadora Nacional
AME – Associação Mato-Grossense de Estudantes
AMEGO – Associação Mato-Grossense dos Estudantes de Goiás
AMEP – Associação Mato-Grossense dos Estudantes do Paraná
AMESP – Associação Mato-Grossense dos Estudantes de São Paulo
APMT- Arquivo Público de Mato Grosso
BC – Batalhão de Caçadores
BNM – Brasil Nunca Mais
CJMs – Circunscrições Judiciárias Militares
DOI-CODI – Destacamento de Operação de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS – Departamento de Ordem Política e Social
DPF – Departamento de Polícia Federal
ENA – Escola Nacional de Agronomia
FLN – Frente de Libertação Nacional
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ME – Movimento Estudantil
MEC – Ministério de Educação e Cultura
NDIHR- Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional
ONU – Organização das Nações Unidas
PAEG – Programa de Ação Econômica do Governo
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PIB - Produto Interno Bruto
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrático
SAM - Serviço de Assistência ao Menor
SENAC - Serviço de Aprendizado Comercial

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC - Serviço Social do Comércio
SESI - Serviço Social da Indústria
SNI – Serviço Nacional de Informação
SUPRA – Superintendência de Política da Reforma Agrária.
UBS – União Brasileira de Estudantes Secundários
UDN – União Democrática Nacional
UEE – União Estadual dos Estudantes
UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso
UMES – União Municipal dos Estudantes Secundaristas
UNE – União Nacional dos Estudantes
UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso
VPR – Vanguarda Popular Revolucionária

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Taxas de Crescimento da População Jovem e Total (% a.a.) - Brasil, 1900-1991.....	37
Tabela 2	População urbana de Cuiabá, de Mato Grosso, e do Brasil de 1940 a 1970	91

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema juventude surgiu quando passei a integrar em 2000, na Universidade Federal de Mato Grosso, a pesquisa sobre “Práticas Transgressivas de Jovens da Classe Média e Alternativas Educacionais”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), como bolsista de Iniciação Científica. Pesquisa de caráter interdisciplinar possibilitou uma discussão com muitos olhares sobre a questão juvenil. Um desses olhares foi o meu através de uma perspectiva histórica, já estudando a juventude na década de 1950.

As mudanças ocorridas na escrita da história nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 1970 e 1980, período que culminou com uma explosão de novos métodos, de campos, de canteiros e de objetos da história, produziu uma verdadeira revolução no modo de fazer e de pensar a história. A reação contra o paradigma tradicional internacionalizou-se permitindo assim o desenvolvimento de estudos sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos, tais como, os prisioneiros, os imigrantes, os soldados, os homossexuais, as mulheres, as crianças, os escravos e também os jovens. O homem comum ganhou um papel que de fato e de direito sempre foi seu: protagonista da História. A Nova História abriu um leque de possibilidades. Como observa Peter Burke, “nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo”.¹

Em 1974, Jacques Le Goff e Pierre Nora organizaram na França uma coleção de livros com três volumes² para discutir os novos caminhos da história. No primeiro volume é colocada a questão dos “novos problemas” da história; no segundo discutem-se as “novas abordagens” e no terceiro abordam-se os “novos objetos da história”, os

¹ BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 11.

² LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *História: novas abordagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *História: novos objetos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

jovens, juntamente com o clima, o inconsciente, o mito, as mentalidades, a língua, o livro, o corpo, a cozinha, a opinião pública, o filme e a festa, aparecem como um desses novos objetos de investigação histórica. Tudo e todos têm uma história, para isso só basta que seja contada, reconstruída, narrada, interpretada, problematizada, registrada. Os caminhos do fazer historiográfico são múltiplos, o momento é de experimentação. A História é uma ciência em constante renovação. O cenário é de otimismo, os debates são fecundos e necessários. É preciso que não se tenha medo de experimentar, ousar, criar, recriar e recomeçar.

Para estudar os novos objetos da história, faz-se necessário repensar os conceitos, as categorias, as fontes e os métodos de investigação, até então, utilizados. Assim, o cinema, a música, a propaganda, a pintura, a charge, a foto, o panfleto, a poesia, o teatro, constituem-se em fontes valiosas. Cabe ao historiador valer-se de toda a sua criatividade, utilizando essas fontes.

Em “História dos Jovens: da antiguidade à era moderna” e “História dos Jovens: a época contemporânea”, ambos publicados em 1996, os autores Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, reúnem pela primeira vez uma coletânea de ensaios que versam sobre a juventude do ponto de vista histórico. A história da juventude para os autores “se configura como um terreno privilegiado de experimentação historiográfica”.³ É uma fase da vida humana, conforme salientam Levi e Schmitt, que não pode ser delimitada apenas por critérios biológicos e jurídicos; segundo os autores “nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas, segundo o modo pelo qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório”.⁴ É nessa perspectiva que a juventude será estudada aqui, como uma construção social e cultural.

A segunda metade do século XX representa um marco para o estudo sobre a juventude, devido ao *status* adquirido por esse contingente populacional a partir de então. Entretanto, ainda são poucos os estudos no campo da História que abordam a

³ LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos jovens I: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.07.

⁴ Id. *ibid.* p. 08.

temática. A literatura sobre a história da juventude ocidental é predominantemente europeia e norte-americana, onde existem vários estudos sobre o tema. Sobre os países latino-americanos são poucas as referências. Como campo de pesquisa permanente surgiu a partir da década de 1960, em função da militância política que colocou esse contingente populacional em evidência. O Brasil não foge a essa realidade, o jovem aparece na historiografia brasileira associado à figura do estudante ou através de estudos sobre instituições que cuidam da sua educação; nestes casos o enfoque recai sobre a instituição, ficando o jovem em segundo plano. Outro aspecto abordado diz respeito ao jovem na condição de menor abandonado.

Não existe uma produção historiográfica específica sobre a juventude brasileira. Nesse campo temos os trabalhos: “Movimentos culturais de juventude” de Antônio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte e “O lugar dos jovens na história brasileira”, um artigo de Augusto Caccia-Bava e Dora Isabel Paiva da Costa, publicado no livro “Jovens na América Latina”. Já no campo da Sociologia temos uma vasta produção; desse modo, a sua contribuição foi fundamental. Procurei selecionar os trabalhos nessa área que abordavam a questão dos jovens brasileiros nos anos 1950 e 1960. Destaco “Culturas da rebeldia: a juventude em questão” de Paulo Sérgio do Carmo; “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”, de Helena Abramo; “Caminhando contra o vento: uma adolescente dos anos 60”, de Cristina Costa; a coleção “Sociologia da juventude”, composta por quatro volumes e organizada por Sulamita de Britto, publicada em 1968, que contém artigos de Pierre Bourdieu, Otávio Ianni, Albet Cohen, entre outros. “O estudante e a transformação da sociedade brasileira” e “A participação social dos excluídos”, de Marialice Foracchi. Contribuíram ainda para a reflexão sobre o tema a coletânea “História dos jovens”, de Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, “A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)”, de Eric Hobsbawm e as obras sobre história de Mato Grosso, história da família, sobre o movimento estudantil, a ditadura militar, as conseqüências da Segunda Guerra Mundial, a conjuntura política, econômica e social das décadas de 1950 e 1960, a transgressão, a classe média e teoria e metodologia da História.

Duas imagens culturais de juventude despontam no século XX, uma delas ficou conhecida como “rebeldes sem causa” ou “juventude transviada”, sendo que a

expressão é a tradução em português do título do filme *“Rebel without a cause”*, de 1955, que abordava a questão da rebeldia dos jovens da classe média norte-americana do pós-guerra. Até então, esse tipo de comportamento estava associado tão somente à condição social. O fato de jovens da classe média estarem vinculados à criminalidade não como vítimas causou grande impacto na sociedade. A história nos mostra que jovens transgredindo não é novidade. A dimensão adquirida por tais episódios está relacionada à classe social do indivíduo que transgride.

A outra, parafraseando a expressão “rebeldes sem causa”, poderíamos chamá-la de “rebeldes com causa”. Trata-se da figura do jovem enquanto estudante caracterizada pelo ativismo político no movimento estudantil, visto como esperança de futuro. São imagens fortes que marcaram o período e fizeram a sociedade refletir sobre as formas de educação existentes, sobre os problemas da juventude e sobre a juventude problema. Por imagens culturais juvenis utilizo o conceito proposto por Carles Feixa Pàmpols, que significa:

um conjunto de atributos ideológicos, valores e ritos destinados especificamente aos jovens; assim como o universo simbólico que configura seu mundo, expresso em objetos materiais (como a moda e os bens de consumo) e em objetos imateriais (a música, a linguagem, as práticas culturais e outras atividades). As imagens culturais são produto das elaborações subjetivas dos jovens ou das instituições que intervêm em seu mundo.⁵

A presente dissertação tem por objetivo estudar essas duas imagens culturais de juventude que se destacaram na sociedade brasileira na década de 1950 e 1960, tomando como referência a juventude cuiabana. Quem eram e como viviam esses jovens? Em que contexto político e econômico emergiram essas imagens culturais? O que fez esses modelos serem tão fortes? O que significa ser delinqüente nos anos 1950? Quais as reivindicações dos estudantes dos anos 1960? Como a sociedade via esses jovens? Estas são questões que permeiam o trabalho.

⁵ PÀMPOLS, Carles Feixa apud POSO; ISLÀS. *Imagens juvenis do México moderno*, POZO, Maritza Urtega Castro; ISLÀS, José Antonio Pérez. *Imagens juvenis do México moderno*. In: CACCIA-BAVA, Augusto; PÀMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004, p. 184.

Transgressão e delinqüência não são termos usados como sinônimo no trabalho. Utilizo o conceito de delinqüência juvenil proposto pelo Direito que “compreende o conjunto de atos praticados por menores de idade e definidos pela lei como infrações penais”⁶ para diferenciar do conceito de transgressão que significa “a violação das regras, normas ou expectativas sociais, passível de punição”⁷. “Safadeza, trapaça, fraude, iniquidade, vileza, simulação, apropriação indébita, imoralidade, desonestidade, traição, suborno, corrupção e pecado”,⁸ como define Albert Cohen, trata-se de transgressão, mas não necessariamente de crime. Todo ato de delinqüência é uma transgressão, mas nem toda transgressão é entendida pela lei como delinqüência; isso depende dos valores de cada sociedade.

A opção em estudar a juventude de classe média está relacionada ao significativo aumento desse segmento social e, conseqüentemente, da intensa participação da sua camada jovem em movimentos políticos, bem como, por suas práticas transgressivas que adquirem grande notoriedade e status de problema social a partir dos anos de 1950.

O termo classe média designa, em sentido amplo, “o estrato, dentro de uma estrutura social, considerado intermediário entre a classe alta e a classe operária”.⁹ A expressão foi usada pela primeira vez no século XVIII para se referir “à classe empresarial e proprietária (*middle class*) localizada entre senhores de terras, por um lado, e trabalhadores agrícolas e urbanos, por outro”.¹⁰ Para classificar a classe média, não utilizo a renda familiar como único critério, levo em conta também, aspectos como, o tipo e localização da residência, profissão, relacionamentos sociais, *status* e estilo de vida.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro “A invenção da juventude no século XX”, tem por objetivo discutir o conceito de juventude no campo da História, mostrar a imagem juvenil criada pela indústria cultural e quais as mudanças

⁶ SILVA, Benedicto (org). *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p.310.

⁷ OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.152.

⁸ COHEN, Albert K. *Transgressão e controle*. São Paulo: Pioneira, 1968, p. 11.

⁹ Id. Ibid. p. 192.

¹⁰ OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 97.

sociais e tecnológicas que permitiram o prolongamento dessa fase da vida no século XX.

O segundo capítulo “Nos anos 1950: o delinqüente” aborda as mudanças ocorridas após a Segunda Guerra Mundial que contribuíram para a formação e difusão de uma consciência etária. Trata da construção da imagem do jovem enquanto “delinqüente” que se destaca na sociedade ocidental dos anos 1950. A “delinqüência em questão chama a atenção porque vem de onde geralmente ela não era esperada, o comportamento transgressivo de jovens do segmento médio que ia desde beijar em público até a prática de homicídio abalou algumas “certezas” vigentes. As práticas transgressivas dessa juventude, o que é considerado transgressão e a reação da sociedade frente às questões relacionadas às suas transgressões também serão discutidas.

O terceiro e último capítulo “Nos anos 1960: o estudante” trata da construção da imagem cultural da juventude na década de 1960, da forma como a sociedade vê seus jovens. Os reflexos da Ditadura Militar em Cuiabá, as mudanças ocorridas na estrutura da cidade, bem como o processo de implantação da Universidade Federal na capital, serão abordadas neste capítulo. Merecem destaque ainda, as atividades do movimento estudantil cuiabano, a sua forma de atuação antes e depois do Golpe Militar de 1964 e a disseminação da memória dos militantes que participaram do movimento estudantil nos anos 1960.

Para a elaboração da dissertação foram utilizadas fontes impressas: os jornais O Estado de Mato Grosso, A Cruz, A Folha de São Paulo e Última Hora; as revistas: Manchete, Realidade e O Cruzeiro; relatórios de governadores; recenseamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); estatuto de fundação da Associação Mato-Grossense dos Estudantes (AME); fontes orais e fontes iconográficas.

Selecionou-se o jornal O Estado de Mato Grosso, pelo fato de ser o jornal que mais tempo permaneceu em circulação na cidade de Cuiabá, sem sofrer interrupções e por registrar a vida cotidiana em Cuiabá em seus múltiplos aspectos. Fundado em 27 de agosto de 1939 por Arquimedes Pereira Lima, em comemoração aos 100 anos da imprensa em Mato Grosso, circulou de 1939 a 1996, noticiando acontecimentos locais,

nacionais e internacionais. Nas suas páginas, obtemos informações sobre política, esporte, moda, economia, fatos policiais, religião, cidade e cultura. Cuiabá por dentro, instantâneos sociais, coisas da cidade, atividades estudantis, tópico do dia, raio X, coluna da cidade, atualidades em foco, sem censura, opinião e Cuiabá hoje, são colunas do jornal que falam dos problemas da cidade, dos costumes, expressam a opinião dos leitores em relação a comportamento, em que fazem denúncias, reclamações, homenagens. Para efeito de análise, as matérias jornalísticas encontradas foram agrupadas em cinco categorias: cidade, juventude, educação, transgressão e mobilização política.

O jornal A Cruz, um periódico semanal publicado em Cuiabá e produzido pela Igreja Católica, foi escolhido, pois, a partir de 1960, passou a publicar a coluna: panorama estudantil, na qual os estudantes faziam manifestos, informes sobre as suas atividades, convites para participar de festas, palestras e concursos. Os outros jornais produzidos no Estado no período em questão não foram contemplados, pois, tratavam de assuntos específicos como literatura, comércio e política. O jornal Folha de São Paulo foi escolhido por se tratar de um veículo de comunicação expressivo e de fácil acesso, pois possui um banco de dados informatizado do período de 1921 aos dias atuais disponível na internet. Nele, interessam especificamente as matérias sobre juventude. O jornal Última Hora, fundado em 1951, foi escolhido por tratar-se de um periódico de circulação nacional, com conteúdo variado em que havia espaço para críticas e denúncias, como as veiculadas sobre a “juventude transviada”. Foi o jornal que mais abordou o episódio.

A imprensa brasileira de um modo geral, passa por profundas modificações a partir da década de 1950. As revistas são o melhor exemplo disso. Incorporaram inovações técnicas, gráficas e editoriais, o que fez aumentar o número de vendas e atingir leitores diversificados. Selecionou-se, O Cruzeiro, revista fundada em 1928, que logo, tornou-se sucesso nacional pelo seu formato inovador, conquistou um público fiel e sobreviveu até 1975, acompanhando as mudanças em curso. Nela observou-se o ano de 1958, data da morte de Aída Curi, em que a revista empreendeu uma campanha contra “a juventude transviada”. A revista Manchete, fundada em 1952, nasceu para concorrer com O Cruzeiro, abordava temas diversos de interesse geral que lhe

renderam tanta popularidade quanto a sua concorrente. No ano de 1968, publicou inúmeras reportagens sobre o movimento estudantil, o que chamou nossa atenção. Realidade, fundada em 1966, era uma revista ousada que abordava temas polêmicos, com textos provocativos e imagens impactantes, como as de um parto normal, publicadas no número dedicado às mulheres que foi censurada. Em setembro de 1967, publicou uma edição especial sobre o tema juventude que serviu de fonte para o nosso trabalho.

Os Relatórios dos Governadores do Estado de Mato Grosso são fontes oficiais que tratam de questões de interesse público como instrução pública, população, segurança pública e individual, comércio, obras públicas, finanças, transporte, colonização, saúde pública, câmaras municipais e agricultura. Neles foram observadas, particularmente, as questões sobre instrução e segurança pública.

Os Recenseamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fornecem os dados quantitativos referentes à estrutura e dinâmica da população.

Em busca de registro sobre transgressões da juventude foram consultados os processos crimes do Cartório do 6º Ofício, a série sobre roubos e furtos, homicídio e hábeas corpus do período de 1950 a 1969. Existem muitas falhas na documentação, estão faltando vários processos, alguns estão relacionados no catálogo, porém, não se encontram nas caixas. Observa-se que em alguns anos não há nenhum processo registrado.

Por meio das fontes orais, procurou-se obter informações sobre aspectos da vida das pessoas que não estão nos arquivos como namoro, relação com os pais e professores, os papéis de marido e mulher, a educação dos filhos, consumo. A seleção dos entrevistados teve por objetivo formar um quadro heterogêneo com os jovens que participaram e com os que não participavam do movimento estudantil, com os que estudaram em outros estados e com os que nunca saíram da cidade, com homens e mulheres, com os de esquerda e de direita. Alguns nomes dos entrevistados foram conseguidos através da documentação que por sua vez indicaram outros nomes. Foram realizadas 12 entrevistas: 08 homens e 04 mulheres. Todos os entrevistados autorizaram a gravação em fita cassete e apenas 02 pediram para que os seus nomes não fossem revelados.

Também estão sendo utilizadas fontes iconográficas: imagens de propaganda comerciais veiculadas no jornal O Estado de Mato Grosso de 1950 a 1969. O objetivo é fazer um trabalho de iconologia, ou seja, de interpretação das imagens.

Os exemplares do jornal O Estado de Mato Grosso, A Cruz, os Relatórios dos Governadores e os Processos Crimes encontram-se disponíveis nos acervos do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso (NDIHR) e no Arquivo Público de Mato Grosso (APMT). Os Recenseamentos estão disponíveis na Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de Mato Grosso. A revista Realidade e o jornal Última Hora foram consultados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. As revistas Manchete e o Cruzeiro encontram-se na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), também no Rio de Janeiro. Os arquivos do jornal Folha de São Paulo podem ser consultados na internet e as 12 entrevistas gravadas em fita e já transcritas fazem parte do meu acervo particular.

1 A INVENÇÃO DA JUVENTUDE NO SÉCULO XX

“Antes a garotada não era garotada, seguia o padrão do adulto, aquela imitação do homenzinho, sem identidade” (Raul Seixas, 1990, p.14).

1.1 COMO NOS TORNAMOS JOVENS

No poema “Metamorfoses” o poeta romano Ovídio¹¹ compara as fases da vida humana com as estações do ano. Para ele a infância é semelhante à primavera; nessa fase “tudo floresce, o fértil campo resplandece com o colorido das flores, mas ainda falta vigor às folhas”. Então, eis que surge o verão, “quadra mais forte e vigorosa que é a robusta mocidade, fecunda e ardente”. Chega por sua vez o outono que é a quadra da maturidade, o meio-termo entre o jovem e o velho. Passado o outono, vem enfim o inverno que é o ‘velho trôpego’, cujos cabelos ou caíram como as folhas das árvores, ou, os que restaram, estão brancos como a neve dos caminhos”. O verão escolhido por Ovídio para simbolizar a juventude é a estação das tempestades, das altas temperaturas, ora é o Sol, ora é a chuva, fase de mudanças.

Para Rousseau a saída da infância vem acompanhada de uma tempestade; o menino que antes era um ser dócil torna-se um leão indomável. Para ele esse é um momento crítico, uma espécie de segundo nascimento marcado por uma tormentosa revolução anunciada pela mudança de humor, por exaltações freqüentes e contínua agitação do espírito no qual o homem nasce verdadeiramente para a vida.¹² Embora Ovídio, nascido em 43 a.C e Rousseau no século XVIII, estejam se referindo ao período entre a saída da infância e a entrada na vida adulta, isso não significa que estejam falando de juventude. “A robusta mocidade, fecunda e ardente” e a “tormentosa revolução” são características próprias da puberdade que é uma condição fisiológica natural e universal marcada por um conjunto de transformações psicofisiológicas

¹¹ OVÍDIO. *Metamorfoses*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

¹² ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 233-234.

ligadas à maturação sexual do indivíduo que ocorre geralmente entre os 11 e 15 anos de idade.

Todas as pessoas, independente da cor, do sexo, da nacionalidade, da língua, da religião ou da condição social passam pela puberdade, exceto em casos de patologia. Já a juventude é uma construção cultural historicamente relativa.¹³ Nem todas as sociedades a reconhecem do mesmo modo. Para algumas essa fase não tem valor, o indivíduo sai da infância e entra diretamente na vida adulta. Essa saída pode ser acompanhada por um rito de passagem ou não. Podemos dizer então, que existiam e existem jovens sem juventude por questões culturais e sociais. Quer dizer, juventude no sentido de que como a entendemos hoje, ou seja, uma categoria social distinta, separada da infância e da condição adulta.

Ser púbere na idade antiga, ser efebo da idade média, ser moço do século XVIII, ser rapaz no século XIX, ser jovem do século XX, não significam a mesma coisa. Não se trata de uma mera troca de palavras. Existe uma diferença de sentido. É preciso situá-los em seu tempo e espaço.

A concepção de juventude como uma categoria social distinta, com identidade própria, consciência de si e com o reconhecimento da sociedade é uma invenção do século XX. Isso não implica dizer que não houve jovens antes disso, mas que a idéia de juventude possui não apenas uma definição biológica como principalmente um conceito político e social que começou a se formar no século XIX e a consolidar no século XX.¹⁴

Para classificar e reconhecer a condição juvenil, distinta da infância e da idade adulta, tanto no espaço público quanto no privado, a sociedade utiliza-se de normas, comportamentos e das suas instituições. E um fator importante nesse processo de reconhecimento é o conjunto de normas que demarcam o estatuto jurídico dos menores de idade.

Até o século XIX, a palavra menor era usada no Brasil como sinônimo de criança, adolescente, ou jovem. No plano civil a pessoa ficava submetida ao pátrio

¹³ PÂMPOLS, Carles Feixa. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto; CARLES, Feixa Pàmpols; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004, p. 257-327

¹⁴ NECOEHCEA apud. POZO, Maritza Urtega Castro; ISLÃS, José Antonio Pérez. Imagens juvenis do México moderno. In: CACCIA-BAVA, Augusto; PÂMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004, p.183-255.

poder até os 21 anos. O Código Penal Brasileiro de 1820 isentava os menores de 14 anos das responsabilidades penais, mas não se referia a outras idades. Já o novo Código Penal de 1890 determina as responsabilidades penais conforme três períodos de idade antes dos 21 anos: os menores de 9 anos ficavam isentos de responsabilidades penais, os que tinham entre 9 e 14 anos deveriam ser recolhidos quando apresentavam discernimento e os que tinham entre 14 e 21 anos seriam beneficiados com atenuantes, pois ainda não haviam atingido a maioridade.¹⁵

No século XX, as classificações das pessoas pela faixa etária ficaram mais definidas, principalmente em relação aos indivíduos que passam a ser considerados como jovens. O Estado criou leis estabelecendo os seus direitos e deveres. A Constituição de 1934 proibiu o trabalho para os menores de 14 anos, o trabalho noturno para os menores de 16 e a proibição para os menores de 18 anos de trabalharem em indústrias insalubres e a Emenda Constitucional nº 01 de 1969, tornou obrigatório o ensino público àqueles entre 7 e 14 anos.¹⁶ Até 1950 foram criadas uma série de instituições como o Serviço de Assistência ao Menor (SAM) em 1940, cujo objetivo era assistir a população pobre infante-juvenil, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em 1942 e o Serviço Social da Indústria (SESI), o Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço de Aprendizado Comercial (SENAC), todos criados em 1946, com o objetivo de formar jovens com qualificação para o mercado de trabalho.¹⁷ Além de inúmeras escolas, internatos, prisões e tribunais específicos para atender à juventude. Essas instituições, de acordo com Pàmpol, ajudam a formar “parte do reconhecimento social de um status singular para aqueles que já não eram crianças, mas que ainda não eram plenamente adultos”.¹⁸

A Biologia divide a juventude em duas fases: a pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e a adolescência (de 15 a 19 anos). Para a Sociologia, a juventude começa aos

¹⁵ LONDOÑO. A origem do conceito de menor, p. 130-132 e PASSETTI. O menor no Brasil republicano, p. 147-149. In: DEL PRIORE, Mary (org). 4.ed. *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1996, p. 129-173.

¹⁶ PASSETTI. O menor no Brasil republicano, p.148. In: DEL PRIORE, Mary (org). 4.ed. *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1996, p. 147-173.

¹⁷ FRONTANA, Isabel C. R. da Cunha. *Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 68.

¹⁸ PÀMPOLS, Carles Feixa. A construção histórica da juventude, p. 297. In: CACCIA-BAVA, Augusto; PÀMPOLS, Carles Feixa.; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004,

15 e termina aos 24 anos. Essas ciências têm já definido o limite certo do período em que começa e termina a juventude, o que não ocorre na história. O historiador precisa descobrir o que é ser jovem e isso varia conforme cada sociedade e principalmente conforme o período. Portanto, tempo, espaço e cultura são essenciais para a compreensão do sentido de juventude em história.

Trata-se de um objeto relativamente novo para os historiadores, por isso, algumas considerações tecidas pelos autores são de fundamental importância para aqueles que desejam pisar nesse “terreno” e se aventurar nessa “experimentação historiográfica”. Os historiadores não devem perder de vista, que a juventude é uma construção social e cultural, “em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros valores”.¹⁹

É importante ainda destacar outros aspectos, como a questão da transitoriedade: não se é jovem, se está jovem. “Pertencer à determinada faixa etária — e à juventude de modo particular — representa para cada indivíduo uma condição provisória. Mais apropriadamente, os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam”.²⁰ A desigualdade entre as classes sociais e a diferença entre os sexos também não devem ser esquecidas.

A partir da década de 50 do século XX, vive-se um momento de expressiva ascensão jovem que teve início nos Estados Unidos, principalmente, entre as classes média e alta. “A cultura juvenil tornou-se dominante nas economias de mercado desenvolvidas”.²¹ É tecida uma identidade própria em torno dessa fase da vida humana, jamais vista na história. Começava a constituir-se uma consciência etária que acentuaria a oposição entre os grupos jovens e os não jovens.

E além de constituírem objeto de atenção particular no século XX, motivo de preocupação para pais, professores, sociólogos, governos, psicólogos e objeto de estudo também dos historiadores, os jovens converteram-se em idade da moda, um ideal de vida, um produto a ser comercializado e o centro da família.

¹⁹ LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos jovens I: da antiguidade a era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.14.

²⁰ Id. Ibid. p. 08-09.

²¹ HOBBSAWM, Eric.J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*, 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 320.

1.2 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM

Nas fotografias de família do final do século XIX e início do século XX, as personagens mais retratadas eram as crianças, a mãe e as demais mulheres da casa. Quando a família aparece reunida estabelece-se uma hierarquia nas posições que determinam o grau de importância de cada um dentro do grupo. No plano de fundo que representa o passado ficam os mais velhos, muitas vezes são os avós, bisavós, em forma de gravuras pendurados na parede. No centro aparece o pai, a mãe e aos filhos são reservadas as bordas por ordem decrescente de idade.²² Na base, perto dos pais ficam as crianças e na periferia os jovens que ocupam na fotografia o mesmo lugar que ocupam na sociedade: à margem.

Os traços que os diferenciavam dos adultos eram mínimos, se vestiam do mesmo modo, a fisionomia era séria e compenetrada, os cabelos presos e raramente demonstravam um leve sorriso. Nada que possa ser comparado a um certo rapaz de camiseta branca, jaqueta de couro, cigarro entre os dedos, de calça *jeans* e o topete nos cabelos que apareceu nos cinemas em 1955 (Figura 08).

Em *“Rebel Without a Cause”*, (Rebelde Sem Causa ou Juventude Transviada), James Dean interpreta Jim Starks, um jovem da classe média americana que vive angustiado com o autoritarismo da família, com as normas morais vigentes e que luta pela liberalização dos costumes. Ele não se parecia com seus pais, nem no modo de vestir e nem no modo de ser. E foi isso que chamou a atenção dos jovens por onde o filme era exibido porque, até então, salienta Marialice M. Foracchi:

o jovem procurava identificar-se com o adulto o quanto podia, assimilando seus maneirismos, seu modo de vestir, sua atitude diante da vida. Era um adulto precoce. Tinha diante de si a imagem antecipada do que seria, dentro de alguns anos.²³

²² LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

²³ FORACCHI, Marialice Mençarini. *A participação social dos excluídos*. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 25.

Jim não era um adulto precoce, era um jovem. A juventude se identificou com o ator e com seus personagens. A identificação não era apenas estética, mas também comportamental. O mesmo processo de identificação ocorreu com outros dois filmes também da década de 1950 que tinham como protagonistas os jovens: ambos provocaram reação violenta nas platéias de cinema por onde eram exibidos. “Sementes da Violência” de 1954, aborda o conflito em sala de aula entre os alunos de um bairro pobre de Nova York e os professores. A cena do filme que mais causa impacto é a que mostra os alunos quebrando a coleção de discos do professor que tenta ensiná-los *jazz*. A cena simboliza a quebra de elos entre as gerações, a negação da sociedade estabelecida. “No Balanço das Horas” de 1956, conta a história de um jovem que não consegue sucesso na música cantando *jazz* e então cria uma nova modalidade de música, o *rock*, que lhe dá fama e dinheiro. Antes mesmo de “No balanço das horas” chegar ao Brasil em janeiro de 1957, o jornal O Estado de São Paulo de 02 de outubro de 1956, já alertava contra os perigos do filme:

Os despachos telegráficos divulgaram com abundância de pormenores os acontecimentos ocorridos em Londres, no Canadá e na Austrália, em virtude da projeção, nos cinemas, de um filme intitulado ‘*Rock Around the Clock*’. [...] Um jornalista inglês, que assistiu à projeção da película num cinema londrino, durante a qual ocorreram graves acontecimentos, provocados por jovens, assegurou que jamais vira espetáculo semelhante. “A música desse filme — disse ele — produz um contágio nos jovens ‘modernizados’ igual ao que ‘tam-tam’ africano produz nos selvagens”. Daí provocar em moças e em rapazes um sentimento de completa irresponsabilidade e uma atmosfera de explosão que pode, inclusive, determinar delitos mais graves, como o que ocorreu numa cidade australiana, onde um homem foi navalhado, quando tentava impedir que um grupo de jovens, na porta do cinema, provocasse maiores tumultos.²⁴

Um jovem nascido em Salvador em 1944, chamado Raul Santos Seixas descreve a sensação que teve ao assistir o filme:

²⁴ CONFLITOS e loucuras entre os jovens nas exibições do filme “*Rock around the clock*”. *Folha de São Paulo*. 02 out. 1956. Disponível em <http://www.folha.uol.com.br/foha/bd/bd-pesquisa.htm>. Acesso em 07 jul. 2004.

[...] quando Bill Haley chegou com *Rock Around the Clock*, o filme *No balanço das horas*, eu me lembro, foi uma loucura para mim. A gente quebrou o cinema todo, era uma coisa mais livre, era minha porta de saída, era minha vez de falar, de subir num banquinho e dizer eu estou aqui. Eu senti que ia ser uma revolução incrível. Na época eu pensava que os jovens iam conquistar o mundo.²⁵

O enredo do filme nada tem de espetacular, o impacto era causado por sua trilha sonora, o *Rock Around the Clock*, gravado por Bill Haley e tocado nos dois filmes. O *rock* era um ritmo ousado para época, mistura do *blues* com música *country* que estimulava movimentos sensuais mais livres que escandalizavam os adultos e seduziam a juventude. O *rock and roll* chegou ao Brasil em 1955, por meio do cinema e como em outras partes do mundo causou preocupação nos pais e nas autoridades que não exitaram em tomar providências a fim de conter o novo ritmo. Um Juiz de menores de São Paulo baixou uma portaria proibindo o filme “No balanço das horas” para menores de 18 anos, alegando que “o novo ritmo divulgado pelo americano Elvis Presley é excitante, frenético, alucinante e mesmo provocante, de estranha sensação e de trejeitos exageradamente imorais”.²⁶ O mesmo pensamento era compartilhado por um Juiz de Londres que alertava para a necessidade de se proibir a divulgação do *rock* argumentando que “se essa música provoca nos jovens os mesmos efeitos do álcool, não vejo porque não se proíba a sua divulgação, da mesma forma que é proibido o consumo de álcool pelos menores”,²⁷ dizia ele.

A indústria cultural logo percebeu a excitação do público jovem com o novo estilo de música, com o cinema e o poder de sedução que ídolos como Elvis Presley e James Dean eram capazes de exercer. A indústria de modo geral, viu no jovem um consumidor em potencial, um alvo a ser atingido. Nos anos 1950 e 1960 as indústrias estavam em expansão nos Estados Unidos e na Europa e em pleno desenvolvimento no Brasil, portanto ávidas por novos consumidores e, pensando nisso, foi criado um mercado

²⁵ SEIXAS, Raul. *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martim Claret, 1990, p. 14.

²⁶ ROSA, Fernando. *Anos 50: os primeiros passos*. Disponível em <<http://www.abordo.com.br/senhorf/sf3vs/secretaria/introd/anos50.htm>>. Acesso em 14/01/2005.

²⁷ CONFLITOS e loucuras entre os jovens nas exibições do filme “*Rock around the clock*”. *Folha de São Paulo*. 02 out. 1956. Disponível em <http://www.folha.uol.com.br/folha/bd/bd-pesquisa.htm>. Acesso em 07 jul. 2004.

especializado em produtos destinados aos jovens como: discos, motocicletas, chicletes, revistas, roupas, balas, refrigerantes, cosméticos. A aposta da indústria no novo público deu certo. Em 1955, ano em que o *rock* apareceu nos Estados Unidos as vendas de discos movimentaram 277 milhões de dólares; em 1959 esse valor subiu para 600 milhões e em 1973 para 2 bilhões.²⁸

Ao contrário do filme, a versão da música “*Rock around the clock*,” gravada em 1955, por Nora Ney em inglês, não causou tanto impacto no Brasil. Nora já era uma cantora de samba canção consagrada, semelhante aos outros existentes. Não houve interação com o ritmo e identificação do público jovem com a cantora. Entretanto, a partir da exibição do filme começaram a se formar grupos nacionais de *rock* e os jovens conquistaram um espaço importante na programação das rádios e televisão. “Hoje é dia de *Rock*”, da rádio Mayrink Veiga do Rio de Janeiro e “Clube do *Rock*” da TV-Rio, foram os primeiros programas destinados ao público jovem. Antes a programação não tinha idade; filhos, pais e avós ouviam e dançavam ao som das mesmas músicas.

O estouro do ritmo no país aconteceu em 1959, primeiro no Rio de Janeiro e São Paulo com a versão dessa vez em português de *Stupid Cupid*, música de Neil Sedaka e Howard Greenfield. Estúpido Cupido foi gravado pela jovem Celly Campello, cantora desconhecida, que em pouco tempo tornou-se ídolo da juventude. Ao lado de seu irmão Tony Campello, gravou outras versões como: “Banho de Lua”, “Lacinhos cor-de-rosa”, “Broto certinho” e passou a comandar o primeiro programa de *rock* da televisão brasileira, o “*Crush em hi-fi*” na TV Record em 1960. Celly abandonou a carreira em 1962 para casar-se.²⁹ Mas a essa altura já havia lançado moda e as versões continuaram cada vez mais a fazer sucesso.

Dessa vez, na voz de um rapaz chamado Roberto Carlos, músicas como “*Splash splash*,” “Calhambeque” e “Parei na contramão”, em parceria com Erasmo Carlos lhe deram projeção. De olho no sucesso dos cantores, em 1965 a TV *Record* investiu em mais um programa musical, o “Jovem Guarda”, comandado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia. A identificação da juventude com o programa foi imediata. Nele

²⁸ HOBBSAWM, Eric. J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 321.

²⁹ BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 1999, p. 64.

podiam ver e ouvir seus ídolos que em nada lembravam os artistas de antes. A cada domingo novos nomes surgiam e logo alcançavam os *status* de ídolo. Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Martinha, Golden Boys, Leno e Liliam, Prini Lorez, Sérgio Murilo, os Vips, Trio Esperança, The Fevers, Renato e seus Blue Caps, Bobby di Carlo, Deny & Dino, Rosemary, Wanusa, Eduardo Araújo, Silvinha, Sérgio Reis, Ronnie Von, Waldirene, Nilton César, The Jet Blacks, entre outros, eram as atrações de “Jovem Guarda”.³⁰ Nos nomes muitos y e w, influência do *rock* norte-americano e britânico. Nunca a juventude teve tantas opções musicais.

A expansão dos meios de comunicação (incluindo televisão, rádio, jornal e revistas) e a crescente urbanização permitiram a emergência de uma cultura de massa no país. A “Jovem Guarda” foi um fenômeno nacional. Quem não podia vê-los pela televisão, podia ouvi-los pelo rádio e discos, bem como acompanhar a sua vida por meio das revistas. Foi dessa forma que a juventude cuiabana os conheceu. A primeira emissora de televisão da cidade começou a funcionar em 1969, ano em que o “Jovem Guarda” foi extinto. Porém, devido à popularidade do rádio, o ritmo se espalhou rapidamente. Os clubes noturnos logo aderiram à moda: “As músicas eram maravilhosas! *rock and roll*, *hully-gully*, dançávamos *twist*, chá-chá-chá, bolero, música de carnaval, samba. A gente ia ao Clube Feminino, depois veio o clube Dom Bosco, o clube Náutico”,³¹ conta Mirtis Ferreira Leão.

Hully-gully, *twist*, *chá-chá-chá*, *boogaloo*, *watusi*, *locomotion*, *funk*, *frug*, *surfer*, *stomp*, *shake*, eram variações do *rock* que passaram a ser tocados junto com boleros, valsas, tangos, rasqueado e sambas até sobrepor-se. Na memória das pessoas que ouviram e dançaram todos esses ritmos, o *rock* produzido pela “Jovem Guarda” aparece como a lembrança mais forte: “Música era aquela Jovem Guarda, Celly Campello, Wanderlei, aquela turma de Roberto Carlos”³², relembra Carolina Costa. Quando perguntado sobre a música dos anos 1950, Francisco Oliveira imediatamente responde: “Roberto Carlos. Existiram outros, mas eu citei o “Rei” que está vivo, rei da música do meu gosto, mas existiram ótimas cantoras do rádio, tempo da Rádio

³⁰ CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da Rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 43.

³¹ LEÃO, Mirtes Ferreira. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 18 ago. 2004.

³² COSTA, Carolina. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, em 26 jun. 2002.

Nacional do Rio!”³³ Euli cita Orlando Silva, Nelson Gonçalves, no entanto, o primeiro nome que vem a cabeça é o do *rock*:

Dessa época surgiu a Jovem Guarda: Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderléa, toda essa turma, Wanderlei Cardoso, Sérgio Reis que nessa época, ele surgiu com a Jovem Guarda, depois que ele passou para música sertaneja. Tinha Celly Campello que vocês conhecem: Banho de Lua, Estúpido Cúpidos, dessa época, então veio a Jovem Guarda que revolucionou, que todo mundo gostava. Moacir Franco que também tinha música, Cauby Peixoto é dessa época. Nelson Gonçalves foi toda vida, já era e continuou. Mas nesta época predominou foi a Jovem Guarda, Roberto Carlos e a turma dele.³⁴

Mesmo para os que não apreciavam esse tipo de música, de alguma forma tem guardado na memória a letra de uma daquelas canções, o nome de um intérprete. O fenômeno de cultura de massas dissemina-se por todos os ambientes com facilidade. Mesmo que o indivíduo não a consuma, ela está ali ao seu lado. A “Jovem Guarda”, enquanto cultura de massa, não se restringia à música; se fez presente no cotidiano das pessoas sob várias formas. As calças boca-de-sino, os cabelos compridos, as roupas coloridas, a mini-saia, as botas de cano alto, usadas por Roberto Carlos, o “Rei”, Erasmo Carlos, o “Tremendão”, e Wanderléa, a “Ternurinha”, essas eram a sua marca registrada no sentido comercial que se tornou moda. Uma mania nacional, produzida pelo mercado publicitário e divulgada pela mídia difícil de ser ignorada. O público alvo era os jovens, um mercado consumidor emergente disposto a comprar roupas, óculos, sapatos, cadernos, chicletes, bolsas, chaveiros, carros e tudo o mais que estivesse associado à imagem da “Jovem Guarda”. Para vender gasolina a *Shell* divulgou um anúncio em 1967, escrito em linguagem jovem:

Jovem Super vai de Shell!
O carango leva longe, longe...
A onda agora é escapar da multidão

³³ OLIVEIRA, Francisco. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 04 abri. 2004.

³⁴ TORTORELLI, Euli Fernandes. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 25 fev. 2002.

Garota papo-firma
 Rápido! O Surf, o lê-iê-iê
 [...].
 O céu azul da cor do céu. Jovem Super!
 Shell com ICA põe juventude super no carro
 Bárbaro!
 Shell Super no motor
 O algo mais é uma brasa, mora.³⁵

Elizabeth Ridzi, miss Guanabara de 1966 encarnava a Jovem Super, a garota propaganda da *Shell* que estampava as páginas das revistas e se apresentava em desfiles, eventos sociais como símbolo da juventude. O automóvel e a moda eram a sua marca registrada. O carro, também chamado de carango tornou-se o objeto de desejo, a propaganda o vendia como símbolo de sedução, poder, independência, aventura. A moda servia para diferenciar os jovens dos outros grupos, as roupas pesadas e escuras cederam lugar a modelos mais leves e coloridos. Os homens viram desaparecer dos seus guarda-roupas: “o suspensório, abotoadura, a barbatana da camisa social, o pregador de gravata e definitivamente o chapéu. As mulheres por sua vez, se despediram da anágua, da cinta, da combinação, dos calçolões, da cinta-liga, do saiote do maiô inteiro e do sutiã com armação.³⁶ E ambos viram surgir um tipo de roupa diferente para aqueles que não eram mais crianças, mas que também ainda não entraram na vida adulta. A Jovem Super, dizia um anúncio, usava uma moda

super no que diz respeito à qualidade de funcionalidade dos tecidos e jovem no que se refere aos padrões, pode-se dizer até irreverentes [...] que representa o estado de espírito, a inquietação e o inconformismo da juventude em relação à maneira de vestir tradicional.³⁷

O francês André Courrèges que divide com a inglesa Mary Quant, o título de inventor da minissaia, tornou-se o estilista da juventude, o chamavam de “o criador de

³⁵ *Revista Realidade*. São Paulo: Abril Cultural, ago. 1967, p. 164.

³⁶ MELLO, João.M.C. de; NOVAIS, Fernando. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 570-571.

³⁷ FENIT: uma atração depois da outra. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18 jun. 1967.

formas jovens para corpos jovens”.³⁸ Em São Paulo, as jovens podiam freqüentar o “Jeune Filles”, um salão de beleza exclusivo para os “brotos”, especializado em penteados “ultra-elegantes, modernos e principalmente jovens, muito jovens”.³⁹

Carango, garota papo-firme, brasa, mora, bárbaro, assim como, legal, cuca, broto, barra limpa, barra suja, coroa, cuca, mancada, pinta, pra frente, eram expressões presentes nas músicas da Jovem Guarda. Suas letras falavam de desencontros amorosos, festas, garotas, carros, amor, amizade, namoro. O ritmo estimulava movimentos corporais livres, nada de passos marcados, cada um dançando a sua maneira. Os cabelos puderam crescer e ser soltos. As roupas ficaram coloridas, leves, mais curtas, menos formais feitas de *nylon*, malha, *lycra*, tecidos para acompanhar o movimento do corpo. As festas dispensavam a presença e a música dos pais. Liberdade, eis o que seduziu a juventude nesse movimento.

1.3 JUVENTUDE: A PALAVRA DE ORDEM

No decorrer do século XX, com o avanço da ciência e da tecnologia e a elevação dos níveis de higiene, o homem teve a sua expectativa de vida ao nascer aumentada em muitos anos. Enquanto no início do século, em 1910, a expectativa de vida ao nascer no Brasil era de menos de 33,4 anos para homens e 34,6 para mulheres, no final do século, em 2000, já era de 64,77 anos para os homens e 72,55 para mulheres.⁴⁰ Isso provocou grandes modificações e uma delas foi o prolongamento da infância e da juventude. Em uma sociedade onde a esperança de vida é de 35 anos, as pessoas têm pressa, a passagem da infância para a vida adulta é imediata. Porém, à medida que essa expectativa aumenta, o ingresso na vida adulta tende a ser adiado fazendo com que o período da juventude seja maior.

³⁸ A MODA é mulher, tem mil faces. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18 jun. 1967.

³⁹ OS BROTOS usam a cabeça. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 05 jun. 1966.

⁴⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Anuário estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, 2003, p. 02-26 e ESTATÍSTICAS DO SÉCULO XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2003, p.38.

Ter uma vida longa era um antigo sonho humano que foi alcançado no século XX. Mas não bastava viver mais, era preciso ter saúde, beleza, energia, características essas atribuídas à juventude. Ter um corpo jovem virou a obsessão do homem moderno, um ideal a ser alcançado a qualquer custo. Quem não quer ser eternamente jovem? A eternidade é outro sonho humano e por isso a juventude causa tanto fascínio. Ela nos dá a idéia de infinito, ao contrário da velhice que anuncia o fim, a hora da morte, tão temida pelo homem. Quando somos jovens, ou melhor, quando estamos jovens, pois esta é uma condição provisória, temos a sensação de que somos eternos, o amanhã nos parece tão distante. E ninguém explorou e explora melhor esse ideal humano que a publicidade. A juventude passou cada vez mais a consumir e a ser consumida. A propaganda se especializou em vender para jovens e a vender o jovem, o que ele representa.

A publicidade brasileira no início do século XX limitava-se a mostrar imagens de estabelecimentos comerciais, de produtos e retratos de pessoas em poses formais, feita por artistas em forma de gravuras, não havia uma articulação com o texto do anúncio. A gravura servia apenas como ilustração, sem uma linguagem publicitária. No decorrer do século as gravuras foram sendo substituídas pela fotografia, as principais mudanças começaram na década de 1930, com a chegada das agências estrangeiras, o trabalho que antes era realizado pelos jornais passou ser feito por profissionais especializados.⁴¹ Na década de 1950, novas técnicas de editoração e de fotografia são incorporadas tornando o trabalho mais elaborado. Até então, é possível observar a ausência dos jovens, tanto como modelos ou como público alvo nas propagandas publicitárias — indispensáveis à expansão industrial — e a quase inexistência de produtos destinados a eles. As propagandas dirigiam-se diretamente aos homens e às donas de casa.

A garota propaganda do creme dental *Kolynos*⁴² de 1951 (Figura 02), era uma senhora, de cabelos grisalhos e aparentando ter 40 anos de idade. O Biotônico Fontoura, um fortificante “bom para todas as idades” exibia como garoto-propaganda

⁴¹ PALMA, Daniela. Do registro à sedução: os primeiros tempos da fotografia na publicidade brasileira, *Histórica Revista Eletrônica do Arquivo do Estado*, n. 01, abr. 2005. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/htm>. Acesso em 14/05/2005.2005.

⁴² Todas as figuras estão em anexo.

um senhor (Figura 03) também aparentando ter 40 anos de idade, de terno e gravata, fazendo anotações em um papel.

“Bom para todas as idades” era o *slogan* do Biotônico, mas não existiam todas as idades. Na propaganda de um outro fortificante, o Vanadiol (Figura 04), vemos quais idades existiam: “Vanadiol é indicado para homens, mulheres e crianças”. Ou você era homem, mulher ou criança, esses eram os papéis a serem desempenhados. Poderia ser um rapaz também e utilizar o fixador para os cabelos Brylcreem (Figura 05),. Ou ser uma moça e usar o Fluxo-Sedatina (Figura 06), um remédio indicado para “combater as irregularidades das funções periódicas”. No entanto, o rapaz não era um jovem e sim uma cópia do adulto e do mesmo modo, a moça era a futura mãe, uma senhora com menos idade.

A imagem da pessoa mais velha inspirava confiança, respeito, experiência. Isso acontecia mesmo quando o produto prometia deixar a pessoa mais jovem, é a figura de um senhor de terno e gravata, usando óculos que o anúncio recorre (Figura 07),. “Agora sinto-me mais jovem”: não há melhor tônico que a Emulsão de Scott, isto diziam meus pais e agora repito eu! Porque voltei ao remédio antigo e o resultado me surpreendeu!”, diz o garoto propaganda do Emulsão de Scott. A idéia que se quer vender é a de tradição “isto diziam meus pais”. O antigo é valorizado: “voltei ao remédio antigo”, sugere credibilidade; “nas sociedades tradicionais existe um ordenamento, o indivíduo apóia-se nas tradições e nas estruturas preexistentes, há a valorização do passado porque este perpetua a experiência de gerações”.⁴³ A juventude não era um valor, uma mercadoria como passou a ser.

A caneta *Pilot* com a qual hoje escrevo este trabalho que em 1957 era apenas uma caneta mais prática, mais moderna, passa a ser em 1966 (Figura 09), o Jogo Juvenil *Pilot*. Da periferia os jovens passam ao centro das atenções.

“Aonde a juventude vai buscar tanta energia?” Pergunta a propaganda da Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (Figura 10). Quem ilustra o anúncio é uma jovem sorridente de cabelos soltos, roupa estampada, dançando. Ao lado ela fala das suas atividades:

⁴³ ROSSI, Andréa Silvana. Juventude e morte: representações na contemporaneidade. *Revista História: Questões e Debates*. Curitiba, v. 18, n. 35, p. 155-175, jul/dez. 2001, p. 156.

Hoje tem festa. Vou dançar o tempo todo.
 Amanhã tem prova. Vou estudar barbaramente.
 Domingo quero um Sol legal e um mar todo azul. E todo doce-
 doçura do mundo.
 Ontem vi um anúncio muito bacana que diz que “açúcar sacode”.

Esse é o roteiro da felicidade, retrata o jovem como aquele que não trabalha, apenas estuda, que passa o tempo todo se divertindo e que pode fazer tudo o que quiser. Festa, escola, praia, é tudo com que o jovem precisa se preocupar. Constrói-se aí um mito: o mito da juventude. Fase dourada de alegria, beleza, energia, saúde, paixão, em que não se têm problemas, para alguns considerada a primavera da vida ⁴⁴. O anúncio fala na língua dos jovens: “vou estudar barbaramente”, “quero um sol legal”, “vi um anúncio muito bacana”.

O homem no século XX, passa a lidar de uma outra forma com a cultura material. *Ter* torna-se sinônimo de *ser*. O valor do objeto consumido não está no seu uso, na sua utilidade, isso é o que menos importa. Não se compra um par de tênis apenas por necessidade, mas pelo que ele representa. E por isso os objetos nas nossas vidas são substituídos tão rapidamente. A cada dia novos produtos! Não adquiri-los significa estar à margem da sociedade, ultrapassado. A emergência da juventude como categoria social foi possível graças ao processo de industrialização, urbanização, ampliação do sistema educacional e pela extensão dos meios de comunicação de massas. O século XX também é a era da imagem.

O mundo da fotografia publicitária é um mundo ficcional que busca tornar-se real. Há a criação de um cenário e a construção de um personagem com o objetivo de seduzir. É uma fantasia que é “tornada realidade concreta uma vez que veiculada pela mídia é consumida enquanto produto”.⁴⁵ Como qualquer fotografia, também é uma representação a partir do real, contudo é uma fotografia que possui uma pré e uma pós-produção que visa propagar um conceito. Após o fotógrafo materializar a imagem, elas

⁴⁴ Id.e, *ibid.e*, p. 162.

⁴⁵ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3. ed. São Paulo: Ateliê, 2002, p. 52.

recebem títulos, textos, legendas que as compõem e são inseridas ao longo das páginas dos jornais e revistas no ângulo, no tamanho, nas cores mais adequadas de acordo com o alvo e o objetivo a atingir. O consumidor nesse processo, não é um receptor passivo; tem a sua forma de interpretar, como ressalta Kossoy, “as nossas emoções não são programadas, nossas reações emocionais podem ser, em função dos estímulos externos, imprevisíveis [...] caso contrário seríamos robôs, replicantes”.⁴⁶ Mas existem armadilhas, nem sempre fáceis de serem percebidas à primeira vista e por isso elas precisam ser substituídas constantemente.

E por que tanto interesse destinado a esse contingente populacional? No período de 1950 a 1960 a população brasileira entre 10 e 24 anos, cresceu 3,06 a.a. A maior taxa de crescimento dessa faixa etária registrada no século XX:

TABELA 1: TAXAS DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO JOVEM E TOTAL (% A.A.) - BRASIL, 1900-1991.

Períodos	População			Total
	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	
1900-1920	3,25	4,17	1,55	2,86
1920-1940	1,56	0,26	2,93	1,50
1940-1950	1,70	2,16	2,73	2,34
1950-1960	3,10	2,69	2,25	3,06
1960-1970	3,31	3,63	2,89	2,87
1970-1980	1,86	2,84	3,34	2,48
1980-1991	1,63	0,92	1,50	1,93

Fonte: Fundação IBGE, Anuário Estatístico de 1993; Censo Demográfico de 1991. In: BAENINGER, Rosana. Demografia da população jovem. Disponível em: www.uff.br/obsjovem/

É importante destacar na tabela acima que uma pessoa entre 20 e 24 anos no início do século já não era mais considerada jovem. As idades variam conforme o período. Os números nos dão apenas uma noção.

Nesse período uma pessoa era considerada jovem a partir dos 13 anos de idade e essa fase se estendia até o momento do casamento. A média de idade no ato do

⁴⁶ Id. Ibid. p. 46.

casamento legal para os homens em 1940 era de 27,1 anos, essa média manteve-se quase inalterada até os anos 1990. Já entre as mulheres houve um constante aumento. Em 1940, elas se casavam no civil em média aos 21,7 anos; passou para 23,3 anos em 1950; 23,8 em 1960 e 24 anos em 1970.⁴⁷

Era um contingente populacional que não podia ser desprezado e não queria ser ignorado. E o lugar não importa, fizeram-se visíveis nas grandes metrópoles e nas pequenas cidades, nas colunas sociais e nas páginas policiais, como vítimas e como algozes. Causaram preocupação, inquietação, indignação, medo e admiração.

E como viviam os jovens da Cuiabá dos anos de 1950? Como recebiam essas mensagens? Até que ponto assimilaram as mudanças em curso? Quais as suas experiências anteriores? Que imagem cultural juvenil se destacou na década de 1950? Todas estas são questões que serão tratadas no próximo capítulo.

⁴⁷ BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica, pp.416-417. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p. 411-438.

2 NOS ANOS 1950: O “DELINQUENTE”

“Nós somos da juventude/ da juventude transviada. O lema da nossa escola/ É a lambreta e a coca-cola. Elvis é o nosso mestre/ E Pat Boone, o diretor. Na nossa primeira aula/ Nós aprendemos o rock-and-roll” (Nosso século, 1980).

2.1 GERAÇÃO PÓS BOMBA ATÔMICA

Imaginem um mundo recém saído de uma guerra e prestes a entrar em outra. Esse era o cenário pós 1945. Angústia é a palavra ideal para descrever a situação depois da Segunda Guerra Mundial. Mais do que medo, o que sentiam as pessoas no pós-guerra era angústia. O medo é um sentimento relacionado ao pavor, ao espanto, a terror de algo conhecido, enquanto a angústia diz respeito à ansiedade, à inquietação, à melancolia frente ao desconhecido.⁴⁸ Como define Delumeau “angústia é pressentimento do insólito e espera de novidade, vertigem do nada e esperança de uma plenitude. É ao mesmo tempo temor e desejo”.⁴⁹ Naquele momento do pós Segunda Guerra Mundial, a humanidade se perguntava, o que a segunda metade do século XX lhe reservava? O final do milênio se aproximava e com ele a temível idéia de fins dos tempos.

Entre os cristãos do ocidente essa crença passou a ser difundida com maior intensidade no final do século XV, a vinda de um Anticristo e fim do mundo tornaram-se certezas para os cristãos que só não tinham certeza de quando isso aconteceria.⁵⁰ Inúmeros textos bíblicos anunciam a chegada do fim da história humana. Santo Agostinho dedicou todo o livro XX de “A cidade de Deus” a esse tema. São João no Apocalipse “anuncia que o anjo de Deus acorrentará Ata por mil anos” e então antes do fim os justos ressuscitariam com Cristo e teriam mil anos de felicidade. Nos textos de São Mateus (cap. 24-25), São Marcos (cap. 12-13), São Lucas (cap. 12), Isaías (cap.

⁴⁸ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 25.

⁴⁹ Id. *ibid.* p. 26.

⁵⁰ Id. *ibid.* p. 206.

24-27), Ezequiel (cap. 1; 8, 21; 37), Daniel (cap. 2; 7; 12), aparecem a descrição do Juízo Final que marcaria o fim do mundo.⁵¹

De acordo com suas descrições, esse fim seria precedido por um período de tormentos, catástrofes, tragédias e pela presença de um Anticristo, o Satanás que espalharia o terror entre os homens. Quanto à data desse episódio não havia precisão. No “Apocalipse de João, o demônio sairia da prisão depois de mil anos e o número da Besta Satânica era 666, isso levou muitos a crerem que o fim dos tempos seria em 1666. Para Daniel, “quatro impérios precederiam aquele que jamais seria destruído e que, sob o quarto soberano, os santos seriam perseguidos durante um tempo, tempos e um meio tempo”.⁵² Mas a maioria dos cálculos tinham como marco o nascimento de Jesus.

O medo ficava mais forte com a aproximação da passagem de séculos, com as datas redondas: 1600, 1700, 1800, ou no meio do século 1650, 1750. Daniel anunciava “um tempo, tempos e um meio-tempo”. Em 1654, um eclipse do sol provocou pavor na Europa, isso porque segundo o Antigo testamento em 1656 um “dilúvio de fogo ia consumir a terra”.⁵³ Tudo o que acontecia próximo a essas datas poderia ser interpretado como um sinal do fim dos tempos. A passagem de um cometa, um eclipse, uma epidemia, uma praga nas plantações, um terremoto, uma enchente, uma estiagem ou a erupção de um vulcão, bastavam para levantar a dúvida. E o que pensar então de um século que enfrentou só na sua primeira metade, duas Guerras Mundiais e estava perto de enfrentar a Terceira que poderia ser o fim? O comunismo, o inimigo vermelho comparado ao Anticristo era visto como uma ameaça capaz de dominar o mundo. O clima era de apreensão.

O jornal O Estado de Mato Grosso anunciou a chegada da nova década em Cuiabá com uma matéria do presidente da Academia Mato-grossense de Letras, José de Mesquita, intitulada “1950”, onde se lê:

Chega ao meio o século assombroso, verdadeira era das maravilhas, que deu ao mundo, o rádio, a aviação comercial, a televisão e a energia nuclear — e

⁵¹ DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 206-207.

⁵² Id. Ibid, p. 233.

⁵³ Id. Ibid, p. 235.

cujo desenvolvimento surgiu numa verdadeira revolução transformando a face do planeta, assinala-se, por outro lado a enturia de mil novecentos, pelas tremendas devastações que foram as duas guerras de 1914 e 1939, [...]. A paz desapareceu da face da terra, dividida em dois campos, onde já não há lugar para os neutros. As escâncaras, a despeito dos esforços da ONU para realizar o entendimento entre os povos, prepara-se, na guerra fria entre o Ocidente e o Oriente, o terceiro choque, resultando talvez, na ruína irreparável da atual civilização. [...] Raras vezes se tem defrontado a humanidade com uma encruzilhada tão perigosa e decisiva como a que se abre aos seus horizontes conturbados, no início deste ano marcado pelos mais impressionantes prognósticos. [...] Vemos somente os inimigos que estão fora das trincheiras sem nos apercebermos que a verdadeira defesa contra o comunismo tem de ser feita dentro de cada Pátria - pela justiça social, [...]. A desproporção, que dia-a-dia se acentua entre o capitalismo e as classes pobres, vai cavando um abismo que amanhã já não será possível transpor [...].⁵⁴

As previsões, angústias, temores e esperanças, eram muitas em relação à outra metade do século. Observam-se sentimentos contraditórios: de um lado o deslumbramento com as novidades tecnológicas - o rádio, a aviação comercial, a televisão, a energia nuclear - e as invenções não menos importantes, como o cinema, os elevadores, as rodas gigantes, as escadas rolantes, a anestesia, a penicilina, o medidor de pressão arterial, o papel higiênico, a escova de dente, o sabão em pó, os refrigerantes gasosos, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, o refrigerador e os sorvetes, as comidas enlatadas, a cerveja engarrafada, a Coca-Cola, a aspirina, os processos de pasteurização e esterilização⁵⁵ entre outras; de outro lado, o medo da guerra, dos campos nazistas, da bomba atômica, das desigualdades sociais inerentes ao sistema capitalista, medo do futuro e medo do outro.

Uma das músicas mais tocadas na década de 1960 nos Estados Unidos era “*Eve the Destruction*” de Sloan que dizia:

Não entende o que intento dizer?
 Não sente o medo que sinto hoje?
 Se apertarem o botão não há escapatória
 Ninguém se salvará, com o mundo numa sepultura
 Olhe à sua volta, rapaz,
 Aposto que vai levar, um susto, rapaz [...]⁵⁶

⁵⁴ MESQUITA, José de. 1950. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 01 jan.1950, ano: XI, n. 1.829, p. 01-02.

⁵⁵ SEVCENKO, Nicolaw (org). *História da vida privada no Brasil*, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 09-10.

⁵⁶ LEUCHTENBUG, William E. *O século inacabado: a América desde 1900*, vol 2. Rio de Janeiro, 1976. p. 705.

Apenas um gesto: o apertar de um botão e o mundo em poucos minutos poderia virar poeira. Depois de Hiroxima ninguém duvidaria disso. A Guerra Fria, expressão utilizada pela primeira vez em 1947, em discurso proferido pelo primeiro ministro inglês Winston Churchill, para designar o confronto ideológico, político, econômico e militar entre os EUA e a União Soviética, tornava a devastação total da humanidade, uma possibilidade real. O confronto direto não aconteceu, mas espalhou tensão. A geração pós-Hiroxima cresceu ouvindo histórias sobre guerras, sobre os efeitos da bomba atômica. As crianças norte-americanas recebiam treinamento na escola para se protegerem de um possível bombardeio nuclear, ao ouvirem o toque das sirenes recebiam as seguintes instruções:

Ao fugirem para o abrigo antiaéreo, não olhem para luz, cubram os olhos para se proteger. Vocês só têm três segundos. Escondam-se debaixo das mesas ou corram o mais próximo possível das paredes dos prédios.⁵⁷

O período posterior à Segunda Guerra Mundial foi chamado por psiquiatras americanos de “era de angústia”, a expansão da psicanálise, o crescente mercado de tranqüilizantes e o aumento e o aparecimento de novas doenças mentais reforçam a afirmação. Entre 1940 e 1956, o número de internações em hospitais mentais quase dobrou. Só no ano de 1956, os americanos consumiram mais de um bilhão de pílulas tranqüilizantes e a partir da segunda metade da década de 1950, uma em cada três receitas incluía um sedativo.⁵⁸ O clima angustiante suscitado pela Guerra Fria causou neuroses, insônias, depressão, stress, mas não impediu a humanidade de caminhar. A civilização ocidental passou por várias ondas de medo, sem, no entanto, se deixar paralisar, sublinha Delumeau. Para ele isso ocorre porque a angústia vem

⁵⁷ CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2001, p.48.

⁵⁸ LEUCHTENBURG, William. E. *O século inacabado: a América desde 1900*, vol. 2. Rio de Janeiro, 1976, p. 806.

acompanhada de desejo e esperança, tanto é que os anos entre 1950 e 1970, são chamados de “anos dourados”⁵⁹ e também de “era de angústia”.

Foi neste cenário de angústia e prosperidade econômica que um tipo de jovem começou a chamar a atenção da sociedade norte-americana por seu comportamento considerado “anormal”: trata-se do “rebelde sem causa”. O jovem no período de guerras assume o papel de combatente, é o primeiro a ser convocado para lutar na linha de frente das batalhas. Não há tempo para se preparar para a vida adulta, a convocação pode significar o fim. Para os que sobrevivem, a idade já não tem tanta importância. A questão da sobrevivência impõe obrigações a todos os membros da família, a mão-de-obra de mulheres, crianças, jovens e idosos, torna-se indispensável, não há tratamento diferenciado. Quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim em 1945, a geração nascida nos anos do conflito se viu livre das funções que lhe são atribuídas em tempo de guerra.

As mulheres, responsáveis pelo sustento da casa enquanto o marido ou pai estava na guerra, que tiveram que ocupar diversos postos de trabalho, desde ir para o campo de batalha como enfermeira, até assumir o trabalho do cultivo de alimentos, a responsabilidade de cargos administrativos e as atividades nas fábricas, agora são obrigadas a abandonar seus empregos para dar lugar aos homens que voltaram da guerra. Nesse período o governo e o mercado publicitário norte-americano investiram na divulgação da imagem da mulher como a rainha do lar.

Muitas universidades inseriram na sua programação aulas sobre decoração de interiores, corte e costura, culinária, economia doméstica e cosméticos, exclusivamente para as mulheres. O diretor de uma faculdade declarou que “para as mulheres, os anos de universidade devem ser períodos de ensaio para o grande desempenho do matrimônio”.⁶⁰ Um outro, disse para um grupo de graduadas que a sua missão política consistia em “influenciar homens e rapazes dentro de seu humilde papel de donas de casa”.⁶¹ Às mulheres cabia o papel de esposa fiel, companheira, mãe dedicada voltada, exclusivamente, para atividades do lar. E os filhos, principalmente os da classe média

⁵⁹ HOBBSAWM, Eric. Os anos dourados, p-253-281. In _____. *A era dos extremos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁶⁰ LEUCHTENBURG, William. E. *O século inacabado: a América desde 1900*. vol. 2. Rio de Janeiro, 1976, p. 774.

⁶¹ Id. Ibid. p. 774.

branca, podiam dedicar o seu tempo aos estudos, aos esportes, à cultura e ao lazer, sem ter que se preocupar com as atividades domésticas.

A infância e a adolescência foram prolongadas. Nesse período, a adolescência passou a ser reconhecida como uma fase distinta, merecedora de cuidados especiais; o termo adquiriu *status* legal e social. O adolescente destaca-se por suas transgressões que passam a ser tratadas como um problema social de responsabilidade não só da família, mas também do Estado.

No filme “Juventude Transviada” (*Rebel Without a Cause*) de 1955, James Dean, vive Jim Starks, que conforme a sinopse:

é um bom garoto que tomou o caminho errado na vida e ninguém sabe explicar porquê. Nem seus professores, nem os policiais que o prenderam mais de uma vez nem mesmo os pais. Como milhares de outros rapazes da classe média, Jim é mais um rebelde sem causa.⁶²

Jim representava o adolescente problema dos anos 1950, aquele nascido em condições materiais boas, que praticava atos de vandalismo, envolvia-se em brigas violentas, usava drogas e desafiava a morte constantemente. Isso praticado por pequenos grupos isolados não passaria de um problema particular de família, porém, a partir do momento em que essas práticas se disseminaram e o número de envolvidos não mais podia ser contado nos dedos, a questão ganhou visibilidade.

Uma reportagem do jornal Última Hora de 14 de julho de 1958, dava uma noção do número de casos de transgressão registrado pela polícia da cidade de Nova York envolvendo jovens. O título da matéria informa: “Mais de 100 bandos de transviados em Nova York: polícia não dá mais conta”. Em seguida continua:

Cinquenta e seis mil prisões entre os menores de 20 anos, pertencentes a 100 *gangs* diferentes, dizia um dos itens do relatório da polícia de Nova York, em 1957. E o problema da delinqüência entre os menores, a grande preocupação com a juventude transviada está longe de diminuir nos EUA.⁶³

⁶² Juventude Transviada. (*Rebel Without a Cause*). Direção de Nicolas Ray. EUA: David Weisbart: Distr. Warner Vídeo, 1955. 1 filme (111 min): son. legendado, preto e branco.

⁶³ Última Hora. Rio de Janeiro, 14 jul. 1958.

Esses números dizem respeito às transgressões praticadas por todos os tipos de jovens, inclui os grupos de imigrantes, de negros que estavam cada vez mais se organizando para lutar por seus direitos civis e eram visados pela polícia, de jovens brancos de classe média, organizados em grupos racistas hostis aos negros e aos imigrantes e os “*play-boys*”, “o bom garoto que tomou o caminho errado e ninguém sabe explicar porquê”. Ser delinqüente nesse período significava também, usar o corte de cabelo tipo Elvis Presley, vestir-se e dançar como ele, uma vez que o seu modo de dançar com movimentos sensuais era considerado obsceno. Elvis era um cantor branco com ritmo e voz de negro, uma afronta para a conservadora sociedade norte-americana. Em 1957, a televisão foi proibida de mostrar Elvis da cintura para baixo, por causa do seu rebolado.⁶⁴ Ter um carro personalizado com motor envenenado e carroceria modificada, usar roupas de estilo afro-americano constituíam sinais de delinqüência.

No México, o aparecimento das primeiras *gangs* de jovens da classe média conforme indicam Pozo e Islãs⁶⁵, está relacionado à exibição dos filmes “O Selvagem” com Marlon Brando no papel principal e “Rebeldes sem causa”, com James Dean. Os personagens destes filmes serviram de inspiração para a formação desses grupos de jovens, chamados de “branditos” em alusão a Brando. Vestiam-se como o personagem de Marlon Brando em “O Selvagem” e seu comportamento caracterizava-se pela agressividade, valentia, pelo gosto em desafiar a morte, seja nas brigas sem motivos em que se envolviam, ou nas disputas das corridas de automóvel.

Para a delinqüência dos garotos pobres, negros e emigrantes, havia explicação. A péssima condição de vida era aceita como a principal causa do comportamento de jovens que não eram considerados “bons garotos” como Jim Starks. O centro do debate vinha a ser a delinqüência juvenil dos “*play-boys*”, os “rebeldes sem causa” que viviam na era do pleno emprego, não precisavam trabalhar, que não passavam por privações,

⁶⁴ BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 1999, p. 21.

⁶⁵ POZO, Maritza Urtega Castro; ISLÁS, José Antonio Pérez. Imagens juvenis do México moderno. In: CACCIA-BAVA, Augusto; PÂMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004, p.215-216.

uma geração criada na abundância, tida como privilegiada em relação a outras. Faziam parte da nação mais próspera do mundo, a única envolvida diretamente na guerra que não saíra arrasada, pelo contrário, saíra mais forte. Finda a Segunda Guerra o país estava com superávit de 11 bilhões de dólares, o Produto Nacional Bruto (PNB) passou de 206 bilhões de dólares em 1940, para 500 bilhões em 1960.⁶⁶

A recuperação econômica do pós-guerra surpreendeu até os mais otimistas. Na verdade os observadores esperavam que acontecesse a mesma crise econômica e depressão experimentada depois da I Guerra Mundial. Porém, como a história é imprevisível, o inesperado ocorreu. No lugar de crise econômica: prosperidade, desenvolvimento, inovação tecnológica, aumento da expectativa de vida, movimentos em prol da defesa dos direitos dos negros, das mulheres e dos homossexuais, crescimento da produção de alimentos. A “Era de Ouro”, expressão utilizada por Hobsbawm para designar o surto econômico pelo qual passou grande parte da humanidade no período entre 1950 e 1970, foi um fenômeno mundial, porém, isso não significa que a miséria em um determinado momento tenha desaparecido do planeta, significa que mais pessoas tiveram acesso ao que antes era considerado luxo de uma minoria.

Um número maior de pessoas passou a freqüentar a escola, a produção de alimentos superou o crescimento demográfico, as maravilhas tecnológicas antes restritas somente aos muito ricos, como a geladeira, a máquina de lavar roupas, a televisão, o telefone, tornaram-se bens produzidos em massa e consumidos mundialmente pelo homem comum, sem contar as inúmeras inovações que mal acabavam de ser inventadas e já estavam nos nossos lares. As mais importantes sem dúvida foram as do setor químico e farmacêutico porque tiveram efeito imediato mudando a vida das pessoas para melhor. O uso dos antibióticos, descoberto em 1928, sob a forma da penicilina e usada pela primeira vez em humanos em 1940, tornou mais eficaz o tratamento e a cura de inúmeras doenças, prolongando assim a expectativa de vida. A invenção da pílula anticoncepcional em 1955 e sua comercialização em larga

⁶⁶ LEUCHTENBURG, William. E. *O século inacabado: a América desde 1900*, vol. 2. Rio de Janeiro, 1976 p. 739.

escala na década de 1960 propiciou uma revolução sexual sem precedentes na história. Revolução Tecnológica e Revolução Cultural andavam juntas.⁶⁷

Outra frente de atuação dos norte-americanos se deu por meio da difusão do consumismo. O consumo era estimulado tanto interna como externamente, o capitalismo depende da produção, venda e consumo de bens e de serviços para sobreviver, criou-se no país uma cultura do consumo que ficou conhecida como “*American Way of life*” (estilo de vida americano). A preocupação central desse estilo de vida era com a satisfação pessoal medida pelo poder de compra de cada um. Consumir deixou de ser uma atividade rotineira, de necessidade e se tornou diversão.

Os americanos da classe média branca do pós-guerra foram incentivados pelo governo, pelas agências de publicidade e pelos meios de comunicação de massa a desfrutarem dos benefícios econômicos de uma fase de desenvolvimento excepcional, o país beirava o pleno emprego, os tempos difíceis haviam passado, o mais importante era “reunir os pedaços de casamentos fragmentados pela guerra, organizar o lar e criar os filhos, dar alimento à psique, gozar os frutos da prosperidade”⁶⁸. Agora podiam viajar nas férias de avião, encher os carrinhos nos supermercados, adquirir a casa própria, comprar eletrodomésticos, discos, livros, ir ao cinema mais vezes para sair de lá com vontade de comprar o sabonete que deixava a pele sempre jovem, o perfume que atrai as mulheres, o creme dental que proporcionava hálito fresco e o charme das estrelas de *Hollywood* e podiam também ter o número de filhos quisessem e recuperar o tempo perdido na guerra.

Entre 1940 e 1960 a população do Estados Unidos aumentou 33%, a explosão demográfica, conhecida como *baby boom* acompanhou a expansão econômica; essa dinâmica beneficiava a economia interna, cada nascimento significava mais um consumidor e a certeza de que a expansão continuaria. Os jovens nascidos nesse período só em discos compactos 35 rotações gastaram 100 milhões de dólares em 1965 e 1 bilhão e 200 milhões em 1968.⁶⁹ O “*American way of life*” foi exportado para

⁶⁷ HOBBSAWM, Eric. J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 265.

⁶⁸ LEUCHTENBURG, William. E. *O século inacabado: a América desde 1900*, vol. 2. Rio de Janeiro, 1976, p. 708.

⁶⁹ Id. Ibid. p. 765.

grande parte do mundo ocidental, chegava aos países tanto por meio de símbolos materiais quanto culturais.

2.2 ANOS 1950 NO BRASIL

Guerra Fria, bomba atômica, corrida armamentista, comunismo, fazem parte de um passado próximo e ao mesmo tempo distante de nós contemporâneos do século XXI. Próximo porque faz pouco tempo e distante pelas transformações ocorridas nas formas de viver. Imaginem nascer em um mundo sem computador, sem pílula anticoncepcional, sem telefone celular, caixa eletrônico, fax, supermercado, *shopping center*, comida enlatada e em poucos anos ter que conviver com essas inovações. A geração nascida nos anos 1950 viu o mundo transformar-se por completo diante dos seus olhos. O mundo em que Nilva Fernandes de Campos viveu a sua juventude, passada na década de 1950, a padaria era móvel e os pães eram entregues na porta de casa:

Sempre quando falo do tempo de jovem lembro do padeiro, da padaria, a padaria mandava era uma carrocinha pintada de verde ou de cor de rosa, fechadinha, aí vinham os pães torrados, sacos de pães torrados, aí passava fazendo aquele barulho dela, né, e a gente sabia que era o horário.⁷⁰

Naquela época já tinha geladeira sim, lembra Carolina Costa, mas eram poucas as pessoas que possuíam uma e as que possuíam a utilizavam mais para gelar água, a sua manutenção dava trabalho:

Eles compravam... usava assim uma geladeira [...] era um móvel assim de madeira forrado, então passava o carro com móvel... de gelo e passava com barra de gelo, então a pessoa comprava e colocava naquele móvel, tudo revestido de lata, naquele tempo era aquela lata, não sei como era o nome [...] pra conservar mais né, aquela barra de gelo com pano [...] saco assim bem

⁷⁰ CAMPOS. Nilva Fernandes de. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 25 fev. 2002.

limpo e encostava a garrafa, era mais pra água gelada, não era para pôr nada de alimento, não.⁷¹

A geladeira da década de 1940, e até início dos anos 1950, como lembra Carolina Costa era um pequeno armário-arca onde se colocavam barras de gelo, o sistema era rudimentar. Os alimentos não podiam ficar guardados por muito tempo, por isso a compra de verduras, frutas, legumes e carnes tinha que ser feita com freqüência. Aquilo que não era produzido no próprio quintal, (a maioria das casas tinham espaço para uma pequena horta, pomar e até para a criação de pequenos animais), era trazido pelo verdureiro em uma carroça. A sua chegada era anunciada por uma buzina, o pagamento podia ser feito à vista ou a prazo, em uma caderneta eram anotadas as compras para serem pagas no final do mês. O padeiro e o leiteiro usavam o mesmo sistema. E o que não era possível comprar na porta de casa, “mamãe mandava buscar na venda”, bolicho ou mercearia. No final dos anos 1950, as carroças começaram a ser substituídas por pequenos furgões da marca *Ford Anglia* ou *Prefect* e as geladeiras de madeira por geladeiras elétricas.⁷² Em 1952, as geladeiras de madeira em Cuiabá puderam ser substituídas pelos refrigeradores a querosene das marcas norte-americanas *Ibesa Gel-o-matic* ou da *Write Star*⁷³, um refrigerador com “gabinete inteiriço, branco brilhante, acabamento interno esmaltado a fogo, prateleiras de aço zincado à prova de ferrugem e compressor fechado” e os fogões a gás, Gás-bel, começaram a ser comercializados em Cuiabá em 1957.⁷⁴

Essas são lembranças de um tempo em que os brasileiros “imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância”.⁷⁵

⁷¹ COSTA, Carolina. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 26 jun. 2002.

⁷² FURQUIM, Luiz Fernando. O consumidor e os meios de comercialização, p. 287. In: BRANCO, Renato Castelo (org). *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990, p. 286-293.

⁷³ WHITE Star: o refrigerador de longa vida. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 19 jun. 1952, p. 03;

⁷⁴ NOVIDADE em Cuiabá: Fogões a Gás-Bel. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 10 jan. 1957, p. 03.

⁷⁵ MELLO, João. M.C. de; NOVAIS, Fernando A. capitalismo tardio e sociabilidade moderna, p. 560. In: SCHWACZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.

Um tempo posteriormente chamado de “anos dourados” em que o consumo se expandiu, multiplicaram-se a venda de eletrônicos e a indústria de automóveis foi implantada no país⁷⁶. Um tempo em que o PNB (Produto Nacional Bruto) brasileiro entre 1957-1961, cresceu 7% , a renda per capita 3,8% e a produção industrial 80% em preços constantes. O crescimento da indústria de aço foi de 100%, as indústrias mecânicas de 125%, as indústrias elétricas e de comunicações 380% e as indústrias de equipamentos e de transportes 600%.⁷⁷ Um tempo em que as pessoas podiam dormir com as janelas abertas e as janelas sequer tinham grades. “A porta não precisava ficar fechada, era aberta, trancas e tramelas⁷⁸, metia a mão e abria”⁷⁹, conta um brasileiro que viveu esse tempo.

E que tempo foi esse? Foi o período do governo do presidente Juscelino Kubistchek, de 1956 a 1961. A expressão “anos dourados” aplica-se apenas aos anos de governo JK⁸⁰, período caracterizado por estabilidade política e grande desenvolvimento econômico. O governo contou com o apoio de uma aliança histórica feita entre o Partido Social Democrático (PSD), que reunia os setores dominantes no campo, e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que representava os setores urbanos. Além disso, recebeu a colaboração das Forças Militares. Porém, isso de forma alguma significava ausência de conflitos, é o que Maria Victoria Benevides, chama de “equilíbrio instável”, ou seja, uma “estabilidade dentro de um contexto instável”, fruto da habilidade política de JK.

Sob o *slogan* “50 anos em 5” o país viveu uma onda de otimismo e euforia. A base do seu governo foi o Programa de Metas que tinha 31 objetivos relacionados à área de transporte, energia, indústria de base, educação, alimentação e a construção de Brasília, a meta síntese. Uma das metas no transporte, por exemplo, era a pavimentação asfáltica de 5 mil quilômetros de rodovias até 1960. A meta não só foi atingida como ultrapassada em 24%; em 1960 já haviam sido pavimentados 6.202

⁷⁶ KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos 50, p. 357. In: FREITAS, Marcos. C. de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 355-374.

⁷⁷ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 27.

⁷⁸ Tramela é uma fechadura de madeira pouco resistente.

⁷⁹ METELO, Wandir. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 05 out. 2004.

⁸⁰ GOMES, Angela de Castro (org). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 11.

Km.⁸¹ E assim a maioria das metas foram alcançadas. A expansão industrial financiada em grande parte pelo capital estrangeiro foi a base do seu governo. Pouco tempo depois pagaríamos e ainda pagamos caro por esses empréstimos. Nesse período o país teve um baixo desempenho nas exportações e por isso recorreu ao endividamento como forma de viabilizar recursos para a execução do Programa de Metas. JK “decidiu-se pelo crescimento com endividamento”.⁸²

Imaginem a vida em uma cidade que tinha polícia de costume e Legião da Decência que foi criada para coibir abusos e dissoluções⁸³, visto que segundo uma moradora da época “a dignidade particular e coletiva da parte decente do povo brasileiro estava à espera de medidas essenciais, quanto à preservação da moral e do pudor, principalmente em público, onde se via os espetáculos mais deprimentes”.⁸⁴ Parece que a vergonha desapareceu de muitas criaturas, dizia ela,

fazendo com que, as famílias que se prezam nem mais licença tenham de andar pelas ruas da cidade em certas horas [...]. Perigosos agentes de dissolução infiltram-se em toda à parte e se torna preciso que haja um clamor da imprensa para que, uma polícia de costumes severa, eficiente e hábil se crie, a fim de dar caça sem tréguas aos que transgridem as normas da decência e da moralidade”.⁸⁵

Que cidade era essa? Era a Cuiabá no início dos anos 1950, lugar onde quase todos se conheciam, onde a maioria das casas não tinha muros e nem grades, em que o comércio fechava as suas portas para o almoço, em que tomar banho no Rio Cuiabá era um ótimo programa. Essa tranquilidade era apreciada pelo povo cuiabano, entretanto, o desejo de progresso era algo latente. Ao longo da sua história, Cuiabá vive momentos em que o discurso do progresso aparece ora com maior, ora com menor intensidade. A década de 1950 foi um desses momentos. Era como se a cidade tivesse acordado de um longo sono para entrar em uma nova era:

⁸¹ FARO, Clovis de; SILVA, Salomão L. Quadros. A década de 1950 e o Programa de Metas. p. 82-86. In: GOMES, Angela de Castro (org). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 67-105.

⁸² LEOPOLDI, Maria Antonieta P. Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-1960), p. 140. In: GOMES, Angela de Castro (org). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 107-142.

⁸³ UMA campanha que se impõe. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 04 jan. 1950, Ano: XI, n. 1.831, p. 04.

⁸⁴ Id. Ibid. p. 04.

⁸⁵ Id. Ibid. p. 04.

A eterna Capital de Mato Grosso, abandonando o Estado da adormecência em que se encontrava, despertou possuída de uma benéfica 'fome de construções'. Dir-se-ia Cuiabá faminta, devorar-se a si própria. [...] essa é a Cuiabá de hoje, progressista e promissora. O certo é que Cuiabá progride. [...] a vida da Capital transformou-se por completo. Do ambiente calmo que caracterizava a cidade, passou-se à correria quase desabalada, como se os ponteiros dos relógios tivessem acelerado sua marcha [...].⁸⁶

Nota-se nesta matéria um sentimento de “até que enfim”, de “agora sim”, a cidade progredirá. É retomado o mito do progresso que ao longo da história de Cuiabá aparece várias vezes, ora com maior, ora com menor intensidade. Os anos de 1918-1922, por exemplo, conforme Lylia Galetti, foram marcados pelo processo de constituição de uma identidade coletiva em Mato Grosso. As comemorações do bicentenário da fundação de Cuiabá, em 1919, a fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso e do Centro Mato-Grossense de Letras foram as principais manifestações no sentido de construir uma identidade mato-grossense. As comemorações do bicentenário significavam o início de uma nova era para Mato Grosso, marcada pelo signo do progresso:

[...] E agora que Mato Grosso, comemorando o bicentenário do início da sua colonização, sente percorrer por toda parte a vastidão do seu território, a mesma febre de progresso, o mesmo ensaio de energias novas que parece conduzir o Brasil todo a uma era de ressurgimento [...].⁸⁷

Esse progresso proclamado nos anos de 1918-1922 que será perseguido nos anos subseqüentes, na década de 1950 aparece como algo inadiável. O tempo da espera parecia ter chegado ao fim. “O progresso bateu às portas da bi-centenária Cuiabá e não há, hoje, graças a Deus força capaz de deter a marcha ascencional, nessa sua caminhada gloriosa do progresso”⁸⁸, dizia outra matéria. Durante a pesquisa

⁸⁶ BARROS, Darcy Gomes de. Cuiabá por dentro. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 12 jul. 1953, p. 04.

⁸⁷ GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo: 2000. Tese (Doutorado em História Social), - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2000, p. 273.

⁸⁸ O PROGRESSO da terra cuiabana. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 05 set. 1957, p. 06.

empírica no jornal O Estado de Mato Grosso, a questão do progresso sempre me chamou a atenção. Por que nesse período o apelo ao progresso aparece com tanta força?

No início do século XX, Cuiabá passa por um período de estagnação econômica decorrente do declínio da produção das usinas de cana-de-açúcar e da exportação da borracha. Nesse período “nenhum sinal de crescimento da cidade faz-se notar”.⁸⁹ A situação começou a mudar na década de 1940, com a política do Estado Novo que assegurava maiores recursos financeiros para as capitais. Porém, de forma lenta. O entusiasmo observado nos anos de 1950 em relação ao progresso de Cuiabá pode ser entendido como uma reação ao momento anterior marcado pela estagnação econômica que conseqüentemente refletiu na fisionomia da cidade. Roblin Couto, um ex-morador da cidade que se ausentara durante cinco anos, comentou com entusiasmo, ao retornar, as modificações encontradas e faz uma comparação entre a Cuiabá de ontem (1953) e a de hoje (1958):

[...] A modificação veio, por volta de 1940, em plena guerra mundial, quando o governo construiu novos edifícios para as repartições públicas. Aos poucos a civilização foi chegando, que hoje, na era dos *sputniks*, notamos um desenvolvimento tremendo tanto na paisagem urbana como na vida comercial e industrial da cidade. Pouca coisa resta do passado. Tudo é apenas uma reminiscência. [...] Cuiabá como uma velha vaidosa, usa creme Pondes, pinta cabelos, e caminha depressa como um brotinho de linhas aero-dinâmicas. Chegou a civilização! A verdade é insofismável! Quem a viu ontem e quem a vê hoje! Ruas calçadas cheias de gente a passar, automóveis em disparada, feiras, frigoríficos, luxuosos hotéis, tudo mostrando a evolução do município [...].⁹⁰

De fato, como observa este cidadão, Cuiabá crescia, mas havia uma pedra no meio do caminho do desenvolvimento da capital mato-grossense: a deficitária infra-estrutura e os precários serviços públicos. A insuficiência no abastecimento de energia elétrica era um problema que persistia. As reclamações foram constantes do início ao fim da década de 50 do século XX. Laura Antunes Maciel chama a atenção para a questão do serviço de iluminação elétrica da cidade que desde a década de 1910 já era um sonho dos cuiabanos. Para ela, essa questão é o melhor exemplo do

⁸⁹ FREIRE, Júlio De Lamonica. *Por uma poética popular da arquitetura*. Cuiabá: EDUFMT, 1997, p.107.

⁹⁰ COUTO, Roblim. Cuiabá de ontem e hoje. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 16 fev. 1958. p. 04.

ritmo lento e quase imperceptível das transformações físicas sofridas por Cuiabá, “a discussão sobre a necessidade desse serviço, iniciada na Câmara em 1913 em regime de urgência, ainda continuava dois anos depois, quando foi enfim apresentada pela Intendência uma proposta de contrato”.⁹¹ Em 1951, a questão da energia elétrica é chamada na coluna “Cuiabá por dentro” do jornal O Estado de Mato Grosso de problema insolúvel: “Luz — problema insolúvel. Cuiabá vem se debatendo há muito tempo com o problema da luz [...]. Até quando Cuiabá permanecerá nessa agonia, porque está passando sem luz, para tirar dessa constante apatia que se nota na sua vida noturna.”⁹²

Exigia-se também um novo serviço telefônico, de transporte coletivo, bem como um programa de habitações para a cidade. Os constantes alertas feitos em relação à necessidade de ampliar e melhorar os serviços públicos de luz, água, telefone, transporte coletivo e habitação para melhor atender as necessidades da população que crescia não foram ouvidos e o crescimento de Cuiabá continuou a se dar de forma desordenado.

Em uma crônica do jornal O Estado de Mato Grosso de 05 de junho de 1956, intitulada, “vamos lutar”, é possível perceber como era viver em Cuiabá:

[...] Lutar é viver diz o ditado popular. E ninguém mais tem lutado neste Brasil afora do que o cuiabano. [...] os que aqui vem, atraídos pelo desejo de progredir conosco sentem o quanto é difícil o nosso lutar. Lutamos contra a distância. Estradas é o grito angustiante de todos. Lutamos contra a seca do Rio Cuiabá nossa única estrada fluvial. Os estabelecimentos bancários de Cuiabá necessitam de maior limite para a expansão dos negócios. Lutamos contra a energia elétrica que tem sido o grande problema da Capital e nos ameaça seriamente. [...] Vamos lutar porque enfim lutar é viver e só progride quem lutar. E Cuiabá tem que progredir.⁹³

Além de lutar contra os problemas de infra-estrutura da cidade, necessário se fazia também, lutar contra certos hábitos que não mais condiziam com a “moderna” Cuiabá almejada por sua elite, como o de usar animais para o transporte de cargas:

⁹¹ MACIEL, Laura Antunes. *A capital de Mato Grosso*. São Paulo:1992. Dissertação (Mestrado) – PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992, p. 67.

⁹² LUZ: problema insolúvel. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 09 ago. 1951. p. 01.

⁹³ VAMOS Lutar. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 05 jun. 1956.

Não é falta de assunto, e também não é simplesmente implicância ou “tirar o pão da boca dos pobres” como alguém poderá taxar, mas simplesmente um pouco de amor, de boa vontade para a nossa “Cidade Verde” que desejamos seja o quanto antes uma cidade moderna, modificando certos costumes que além de afeiar-lhe o ambiente, ainda constitui um perigo aos transeuntes. É o caso dos bois cargueiros de lenha que trafegam livremente pelas nossas ruas mais centrais, com aquela música enervante das campanhas [...].⁹⁴

Em benefício da modernidade negava-se tudo quanto representasse o antigo, o atraso, na tentativa de romper com o passado e entrar em uma nova era marcada pelo signo do progresso, do novo. Isso, tanto em relação aos costumes, como o caso dos bois cargueiros de lenha que trafegavam livremente pelas ruas, quanto em relação à estrutura física da cidade:

[...] Mas Cuiabá é também orgulhosa, como a beldade que reforma a sua maquilage diariamente para se tornar mais atrativa. Assim, também é a Cidade Verde. Aquela encobre uma mancha negra que lhe enfeia a face, com um rouge carmim, Cuiabá substitui por modernas e luxuosas residências, como se fora sua maquilage, o casario antigo que comprometia sua aparência e constituía a mancha negra de sua face [...].⁹⁵

O “casario antigo” não constituía a única “mancha negra” a enfeiar a face da cidade; algumas festas tradicionais como as Esmolas do Senhor Divino, na visão da elite cuiabana comprometia “a vida de grande metrópole” aspirada para a Capital. Entretanto, tradições não são tão fáceis de serem derrubadas quanto casas antigas. Não se reformam costumes de um dia para o outro. Tais festas representavam a volta ao passado, a uma condição de “aldeiola” que precisava ser esquecida em nome do progresso:

Há muita gente por aqui, que afirma que certas festas tradicionais, por exemplo, as “Esmolas do Senhor Divino”, assentam bem em aldeias e não em cidades ou capitais. Implica isto em assegurar que Cuiabá já está evoluída a ponto de dispensar festas suas típicas e viver uma vida de grande metrópole. [...] sentimos que o povo não reage, como deveria,

⁹⁴ ESCREVE-NOS um leitor e colaborador. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 05 jan. 1950, p. 03.

⁹⁵ BARROS, Darcy Gomes de. Cuiabá por dentro. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 12 jul. 1953, p.04.

contra determinados indivíduos que, em nome de uma antiga praxe, aliás, reprovável de mau gosto, e prevalecendo do nome de um santo, molestam ou perturbam a tranqüilidade pública, e de maneira, quase, que Cuiabá é mesmo uma aldeia de doidos! [...] O povo cuiabano, através de seu órgão policial, deveria reagir sobre esses cristãos de fachada, que abusam de foguetórios e bombas, alta madrugada, para anunciarem missa das cinco, a perturbarem, indevida e imprudentemente, o sossego noturno de habitantes, a menos que abdique dos seus direitos, vale dizer, dos foros da cidade policiada e em franco processo e queira voltar, aqui à condição de aldeiola!⁹⁶

Percebe-se um duelo entre o passado e o presente, entre o antigo e o moderno. Havia uma distância entre a cidade que se tinha e a cidade que se queria ter. O discurso jornalístico investia em previsões e expectativas de progresso enquanto crescimento econômico e modernização da estrutura e dos serviços. Porém, tal aspiração modernizadora contrastava com o conservadorismo cuiabano. Era uma cidade de “população pouco densa, de vida calma e pacata, vivendo em um clima de íntima cordialidade” que aspirava “viver uma vida de grande metrópole”.

Neste período o povo cuiabano esperava o progresso, ansiava por ele. Apesar disso as mudanças são pequenas, nada de espetacular se faz sentir. O tão almejado progresso que significava construções de altos edifícios, asfaltamento de ruas, expansão dos meios de comunicação como telefone e o telex, incorporação de inovações tecnológicas como televisão, eletrodomésticos e automóveis, expansão de rede de estradas e eficiência no serviço de abastecimento de água e luz, foram coisas que tiveram grande expansão nos anos 1960 em diante.

2.3 O REINADO DOS FILHOS

As mudanças ocorridas na família no século XIX e XX, com o crescente processo de urbanização e industrialização foram fundamentais para construção da juventude como uma categoria social distinta. Como mostra Jurandir Costa Freire, a família

⁹⁶ MONTEIRO, Corsindio. Dinamitadores da tranqüilidade pública. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 10 jul. 1952, p. 01.

moderna “perdeu sua timidez, rompeu a couraça e abriu-se ao convívio com os estranhos”.⁹⁷ O contato entre a rua e a casa ficou mais estreito, atividades que antes eram realizadas em casa como a alfabetização das crianças, a consulta médica, a confecção da roupa, a produção de alimentos, o cuidado com a aparência física, passaram a ser feitas fora do ambiente doméstico ampliando assim, a rede de relações pessoais do indivíduo. A mulher que vivia reclusa em casa sai para a esfera pública, as mudanças começaram na infância com a ida das crianças cada vez mais cedo para a escola. De corpo social, a família passa a ser uma célula da sociedade, perde o poder absoluto, deixa de ser auto-suficiente e passa a depender do todo social. O exército, a escola, a igreja, o Estado, a ciência, sobretudo, a Medicina e a Psicologia vão interferir na vida familiar, ditando regras e impondo normas.⁹⁸

Ao mesmo tempo em que a família se abre para o convívio externo, ela se volta para si mesma. A intimidade e a privacidade dos indivíduos caracterizam a família moderna ou nuclear que significa aquela formada exclusivamente pelo marido, a esposa e os filhos. No início do século XIX, uma casa brasileira tinha em média 15 pessoas, havia sempre a presença de escravos, afilhados, agregados, parentes mais velhos. A estrutura arquitetônica das residências evidenciava o número de pessoas que nela habitava, as casas grandes das fazendas e algumas casas da cidade tinham de 5 a 12 quartos.⁹⁹ Em uma casa com tantos quartos, ante-salas, salas de visita, de jantar, varanda que funcionava como sala e com tantas pessoas circulando nela, como ter privacidade? O único espaço da casa onde se podia desfrutar de um pouco de intimidade era a alcova (o quarto), um espaço mais feminino onde se podia dar vazão ao choro, às paixões, à raiva, ao ciúme, à dor. “Enquanto nas salas desenvolvia-se a cortesia e usava-se a máscara, e na alcova desenvolvia-se a imaginação e eram feitas as revelações”, observam Leite e Massaini.¹⁰⁰ A própria distribuição dos móveis no interior da casa não propiciava um ambiente de intimidade, mesmo nas residências das pessoas mais abastadas o mobiliário era escasso e a decoração pobre, o conforto doméstico não era algo valorizado, assim como a individualidade dos membros da

⁹⁷ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p.133.

⁹⁸ Id. Ibid. p. 140-143.

⁹⁹ Id. Ibid. p. 84.

¹⁰⁰ D'INCÃO. Representações do amor e da família, p. 76. In: D'INCÃO. *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989, p. 72-87.

família. Nesse ambiente era difícil ter um cantinho próprio, objetos pessoais e atenção particular.

A transição da família patriarcal para a nuclear marca a emergência de uma vida privada individual, autônoma. As mudanças que permitiram tal emergência começaram cedo, na infância, os papéis na família foram alterados, o trono que antes era ocupado pelo pai passou para as mãos dos filhos. O reinado começou no berço, com as noções difundidas pela medicina e pela psicologia de que a criança é um ser frágil que precisa de cuidados especiais para se desenvolver. Maternidade, paternidade, amor entre os cônjuges são valores cultivados na sociedade moderna, isso não significa dizer que esses valores não existiam nos séculos XVIII e antes disso; quer dizer que não eram demonstrados, valorizados, os sentimentos eram abafados. Os filhos ocupavam um papel secundário na família, principalmente quando crianças, pois, para o pai, o mais importante era o filho adulto capaz de ajudá-lo nos negócios, de herdar e administrar seus bens. Daí resulta a passagem quase direta da infância para a idade adulta.¹⁰¹ Jurandir Freire Costa, destaca três mudanças de comportamento fundamentais que distingue a família antiga da moderna:

Em primeiro lugar, pais e filhos começam a valorizar o convívio íntimo e exclusivo entre eles, abandonando a companhia contínua de elementos estranhos, porventura residentes na casa. Em segundo lugar, os pais passam a ter maior interesse pelo desenvolvimento físico-sentimental dos filhos, educando-os de maneira mais individualizada e levando-os, em conseqüência, a ganhar maior consciência de suas próprias individualidades. Em terceiro lugar o amor entre pais e filhos torna-se a energia moral responsável pela coesão familiar, substituindo progressivamente a ética religiosa e os imperativos de sobrevivência material.¹⁰²

Aparentemente simples, essas mudanças acarretaram uma revolução no seio familiar; elas ficaram mais evidentes na segunda metade do século XX. A chamada

¹⁰¹ Quando falo em família refiro-me à burguesa, ou seja, “àquela que nasceu com a burguesia e que vai com o tempo, caracterizar-se por um certo conjunto de valores, que são o amor entre os cônjuges, a maternidade, o cultivo da mãe com um ser especial e do pai como responsável pelo bem-estar e educação dos filhos, a presença do amor pelas crianças e a compreensão delas como seres em formação e necessitados (D IINCÃO, Maria Ângela (org). Amor e família no Brasil, p.10). Esses valores não são exclusivos das classes média e alta; foram difundidos por todas as camadas da sociedade.

¹⁰² COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 86-87.

família moderna não perdeu os traços da família patriarcal da noite para o dia. Na década de 1950, o pai ainda era o chefe da casa, com poderes absolutos sobre a esposa e os filhos, a mulher desempenhava o papel de rainha do lar e morando na casa, geralmente, havia um agregado, parente ou afilhado vindo do campo para estudar na cidade e a presença de um ou outro empregado que não precisava necessariamente morar na casa dos patrões. A educação, agora não mais restrita ao âmbito privado, continuava rígida.

O modelo de família brasileira nos anos 1950, sobretudo das classes média e alta, era a família nuclear, ou seja, aquela constituída por pai, mãe e filhos com forte presença de traços da família patriarcal em que o chefe de família é o pai, o provedor e tem o poder de decidir o destino dos filhos e da mulher. A maioria dos pais não tinha o hábito de demonstrar seus sentimentos em relação aos seus filhos; isso não significava falta de cuidado, porém fazia parte da formação cultural que era passada de pai para filho. Euli Tortorelli foi educada deste modo:

minha mãe, toda vida foi uma mãe excelente em todos os sentidos, boa demais, mas a natureza dela, não era assim carinhosa [...] que gosta, mas não tem aquele beijo, aquele abraço, como eu sou com os meus filhos. Beijo, abraço, ponho no colo até hoje.¹⁰³

Observa-se que a entrevistada não reproduziu o mesmo modelo de educação com os filhos. Euli Tortorelli faz parte da geração que foi educada de forma rígida, autoritária e educou os filhos de outra maneira promovendo uma ruptura com o passado.

Em 1928, o psicólogo norte-americano John Watson recomendava aos pais: “nunca beije seus filhos, nunca os abrace, nunca os deixe sentar no seu colo. Se for necessário, dê-lhes um beijo na testa na hora de dormir”.¹⁰⁴ Essas recomendações foram seguidas por muitos pais norte-americanos e ingleses, pois se acreditava que dessa forma as crianças cresceriam disciplinadas, seriam jovens obedientes, capazes

¹⁰³ TORTORELLI, Euli Fernandes. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 25 fev. 2002.

¹⁰⁴ WATSON, apud CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2001, p. 237.

de manter a ordem. No Brasil as relações entre pais e filhos também era calcada na disciplina e austeridade típicas da família patriarcal brasileira. Sinhá Carneiro, uma colaboradora do jornal O Estado de Mato Grosso que apresentava semanalmente a coluna “Como cuidar do bebê”, onde dava dicas de como cuidar da saúde, da alimentação, da higiene e da educação das crianças, aconselhava os pais em 1952, a tratar os filhos como adultos desde pequenos para que se tornassem indivíduos sérios, disciplinados:

Para a formação da personalidade do bebê, é importante que você o trate, sempre que possível como se fosse um adulto mesmo quando a conversa dele pareça mais uma mistura de árabe antigo com tupi guarani [...] A atitude da mãe em relação à criança nesse período em que se processa a formação do caráter, é muito importante para os hábitos futuros do indivíduo. Trate-o como adulto.¹⁰⁵

Havia uma separação entre o espaço dos adultos e os da criança, “a gente não podia entrar em conversa de adulto, então mamãe tem olhos verdes, então quando ela dava uma olhada assim a gente oh, saia de mansinho!”¹⁰⁶. Prevalcia a era do olhar. Não precisava dizer uma palavra, bastava um olhar para a mensagem ser entendida. E caso o olhar não fosse o suficiente podia-se recorrer à palmatória: “[...] lá em casa tinha uma palmatória, fui educado na palmatória;”¹⁰⁷ ao puxão de orelha, ao cinturão: “[...] quando criança, se fazia coisa errada a gente entrava na chibata mesmo, apanhava de cinturão, sabe? E mamãe, oh na orelha! Cada orelhão! Ah!”¹⁰⁸; outra opção bastante eficaz era o pito: “olha eu não apanhava. A minha tia ela era de falar muito comigo, ela passava como se diz... falava antigamente pito, agora fala sermão [...] mas às vezes o pito era tão triste que acabava a gente ter preferido levado uma surra; o pito era dureza.”¹⁰⁹ A educação baseada no diálogo não era uma prática comum e nem se pensava em levar ao psicólogo. Os pais não tinham noção de trauma. Com exceção da

¹⁰⁵ CARNEIRO, Sinhá. Como cuidar do bebê. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 06 jul. 1952, p. 01.

¹⁰⁶ FERREIRA, Mirtes Leão. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 18 ago. 2004.

¹⁰⁷ METELO, Wandir *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 05 out. 2004.

¹⁰⁸ FERREIRA, Mirtes Leão. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 18 ago. 2004.

¹⁰⁹ CAMPOS, Nilva Fernandes de. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 25 fev. 2002.

palmatória, todas essas formas de repreender as crianças e os jovens continuaram existindo. No entanto, a partir de 1950, passaram a ser questionados e alguns desses métodos, se usado em demasia, passaram a ser considerados crimes.

2.4 SER JOVEM NA ERA DO OLHAR

Os jovens criam na cidade o seu próprio território, são espaços de sociabilidade abertos em meio aos espaços institucionais da escola, da igreja, da família, bem como nos lugares de diversão, na rua, no cinema, nas festas. Esses espaços propiciam a convivência exclusiva entre os jovens e os seus pares, ideal para a criação de símbolos culturais que os diferenciam de outros grupos etários. Em Cuiabá, o ponto de encontro da juventude era na Praça Alencastro, em frente à Prefeitura Municipal. As praças também eram chamadas de jardim. “Nós passeávamos ali no jardim, ali se encontrava, se conhecia, namorava, tudo ali. Os pais, vários pais de rapazes e moças, inclusive acompanhavam, sentavam nos bancos do jardim, enquanto nós passeávamos e o horário era rígido”¹¹⁰, conta Euli Tortorelli. As moças só podiam ir às quintas-feiras e aos domingos e tinham que voltar no horário marcado, às nove horas da noite.

Esses espaços vão sendo ampliados à medida que a família se abre para o convívio social e que a urbanização se intensifica. A Cuiabá de 1950 era uma pequena cidade com aspecto do interior, onde a maioria das casas não tinha muros e nem grades, em que o comércio fechava as portas no horário de almoço, onde um dos meios de transporte mais utilizados eram as carroças, charretes e carros de boi e podia-se dormir com as janelas abertas. Nesse ambiente o contato entre vizinhos, parentes, amigos e as pessoas da rua era constante. Todo acontecimento servia de motivo para uma visita: nascimento, casamento, falecimento, aniversário, batizado, Páscoa, Natal, os que viajavam costumavam visitar os parentes e amigos para se despedirem e

¹¹⁰ TORTORELLI, Euli Fernandes. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 25 fev. 2002.

quando regressavam recebiam de volta uma visita de boas vindas.¹¹¹ Sentar na calçada de casa à noite para longas conversas com vizinhos, amigos e parentes era outro hábito do povo cuiabano:

Cuiabá era uma cidade muito tranqüila, tinha o costume de todo mundo à noite sentar à porta pra conversar. Nós com os nossos colegas da nossa idade e os pais, os tios, tudo sentava com um grupo de vizinhos, pra bater um papo pegar um ar fresco, não existia televisão, né. Então, era saudável, todo mundo conversava amigo, tinha amizades de anos e anos, conservava, sentava na porta, né. Inclusive, tinha umas calçadas bem altas, a gente sentava e ficava balançado as pernas porque a rua ficava lá embaixo, era a rua baixa e calçada bem alta, aí depois que foi nivelando, a cidade.¹¹²

Nessas ocasiões como lembra Nilva Fernandes de Campos, as pessoas se dividiam em grupos conforme a idade, criança com criança, adulto com adulto e os jovens com os jovens, o momento lhes possibilitava trocarem entre si confidências, compartilharem as dúvidas e as experiências com o álcool, com o cigarro, com o sexo oposto. Não eram momentos de liberdade absoluta. A família moderna estava cada vez mais sociável. No entanto, o controle continuava rígido, os jovens precisavam usar a criatividade para escapar da a vigilância. Isso acontecia, por exemplo, na missa que para muitos não era vista apenas como uma obrigação moral, mas como diversão, um local para ver e ser visto; a saída da escola, também, permitia os encontros, visto que o controle dentro da escola era tão rígido quanto o de casa; a ida ao cinema, permitida somente em dias e horários específicos:

[...] a gente tinha muita dificuldade pra gente sair, pra gente ir ao cinema, pra ver um filme, era uma coisa bem simples, a gente ia mais pra matinê. Pra você assistir um filme à noite, a gente tinha costume de ir atrás do guarda-roupa rezar: Oh meu Deus do Céu! Ave Maria! Pai Nosso! Pra ver se minha tia deixava. Quando a gente pedia que ela falava que podia, a gente saia igual louca. Só que tinha um horário: nove horas a gente tava entrando em casa. Se não entrasse nove horas... A gente saia do cinema, a gente ainda morava na Joaquim Murtinho, era Cine Teatro Cuiabá, aí a gente descia correndo e

¹¹¹ PÓVOAS, Lenine. *Cuiabá de outrora: testemunho ocular de uma época*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-grossense de Letras, 1983, p. 90-91.

¹¹² CAMPOS, Nilva Fernandes. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 25 fev. 2002.

entrava em casa para não apanhar, levar uma tapa né, por causa do horário, horário era nove horas.¹¹³

As mulheres não tinham o direito de sair sozinhas; fazia-se necessário a companhia de um irmão, de uma prima, da tia, dos padrinhos ou dos pais. Sair só com os amigos, nem pensar, pois amigos sabiam os pais eram cúmplices e não informantes. Os rapazes podiam sair sozinhos, mas também tinham que respeitar o horário determinado pelos pais. Não havia ainda festas exclusivas para jovens, quer seja nas festas religiosas, nos bailes para a escolha de Miss, nas festas dos clubes, quer seja, nos bailes de formatura ou na apresentação de uma peça de teatro na escola, a família estava presente. Predominavam as festas públicas e coletivas, as mais comuns eram as de Santos, uma tradição da cidade e as datas comemorativas, como o aniversário da cidade em 8 de Abril, a Páscoa, o Carnaval, o 7 de Setembro, dia da Independência do Brasil. Datas como dia das mães, das crianças, dos pais, dos namorados e aniversários de casamento, nascimento, não eram cultuadas como hoje. Algumas nem sequer eram celebradas, embora já fossem instituídas como datas oficiais.

Com o avanço do capitalismo e o desenvolvimento da indústria de propaganda essas datas ganharam destaque enquanto as comemorações cívicas e religiosas ficaram em segundo plano. O capitalismo promove o individualismo; datas como o Dia da Mãe, do Pai, das Crianças, celebram o indivíduo e não o coletivo. Nesse sentido, torna-se mais importante comemorar o próprio aniversário que o da cidade; ao estimular a celebração desses eventos objetiva-se incentivar o consumismo.

O espaço público de Cuiabá mais freqüentado eram as praças; ao longo da história esses espaços desempenharam diversos papéis, serviram de mercado, feira livre, local para festas religiosas, jogos, assembléias. Até o início de 1970, elas eram o coração da cidade, palco dos acontecimentos políticos, culturais, sociais e ponto de encontro da juventude:

¹¹³ CAMPOS, Nilva Fernandes. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 25 fev. 2002.

Na Praça Alencastro, onde tem a Prefeitura Municipal, ali era o ponto de encontro de todo mundo. Nós passeávamos ali no jardim, ali se encontrava, conhecia, namorava, tudo ali. Os pais, vários pais de rapazes e moças, inclusive acompanhavam, sentavam nos bancos do jardim, enquanto nós passeávamos, a gente rodeava a praça, o jardim e ali a gente olhava os rapazes, paquerava e naquele tempo falava flertava, a gente flertava e o rapaz vinha falar com a gente, a gente passeava. E o horário era rígido. Mamãe falava: “nove horas em casa” e nove horas nós estávamos chegando em casa, porque se não ficava de castigo, passava dois domingos, três sem sair.¹¹⁴

A Praça Alencastro também era chamada de jardins em função do jardim bem cuidado que cercava o ambiente dando um aspecto romântico e agradável. Situada em frente ao Palácio Alencastro, sede do governo do Estado tornou-se o espaço de diversão preferido da população cuiabana. O encontro entre os jovens dava-se sob o olhar atento dos pais e de todos os que ali circulavam. Enquanto os pais ficavam sentados nos bancos conversando, os filhos davam voltas ao redor da Praça, as moças sempre de mãos dadas entre si e os rapazes em pé parados observando aquele movimento que se repetia várias vezes. O primeiro contato se dava através de gestos, do olhar, do sorriso, do aceno discreto, quando o olhar era correspondido, o rapaz se aproximava para uma conversa. Aqueles que já namoravam, após o consentimento dos pais, podiam passear de mãos dadas, sentar nos bancos do jardim, encontrar-se na casa da namorada uma ou duas vezes por semana, sempre na presença de uma pessoa da família para evitar os comentários em uma sociedade que tinha polícia de costumes e estava atenta ao comportamento dos seus cidadãos. “Amar em público” como diz o título de uma matéria publicada no Estado de Mato Grosso de 8 de julho de 1951, era considerado uma transgressão grave:

Numa cidade, como a nossa Cuiabá, de população pouco densa de vida calma e pacata, onde quase todos se conhecem, vivendo num ambiente de íntima cordialidade, sobressai uma nota pouco recomendável a sua culta sociedade. A nossa Praça da República, o centro urbano da cidade, a noite é transformado num palco de amores baratos. A parte baixa, em frente à antiga Renascença, reúne uma coleção de pares amorosos, que vem à praça pública dar expansão aos seus idílios, afrontando a nossa sociedade com os seus gestos lascivos e indecorosos. Os transeuntes, amigos da moral, que por ali passam, de caras baixas para não assistirem cenas, que fazem corar até os libertinos. E tudo isso, praticado em pleno coração da ‘Cidade Verde’, e para a qual a nossa polícia de

¹¹⁴ TORTORELLI, Euli Fernandes. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 25 fev. 2002.

costumes fecha os olhos, e permite que os ‘pombinhos’ continuem impunemente a escandalizar a sociedade cuiabana com os seus ‘amores em praça pública’. A nossa polícia deve intervir nesse assunto uma dose de vergonha, nesses ‘namorados de zonas escuras da Praça da República’.¹¹⁵

A Praça da República situada em frente a Igreja Catedral próxima da Praça Alencastro, ambas localizadas na região central eram as mais freqüentadas. Nelas havia uma nítida divisão de classes; os espaços físicos estavam demarcados conforme a condição social dos indivíduos. Na Praça Alencastro havia até uma mureta para separar os segmentos:

[...] havia duas pistas de footing: uma por dentro dos canteiros que delimitavam a praça, pela qual circulava o *top set* da sociedade local; e outra fora dos canteiros, na calçada lateral, pela qual circulava a gente mais humilde. Por dentro estavam os doutores, os altos comerciantes, os capitalistas, os professores, os magistrados e seus familiares. [...] Pela outra pista giravam os operários, os motoristas, os comerciários, etc.¹¹⁶

Na lembrança de quem passeava do lado de dentro da praça, tratava-se de uma divisão natural, “havia uma divisão natural: a elite circulava dentro do jardim, enquanto a outra sociedade girava fora daquele ambiente”.¹¹⁷ Enquanto a Praça Alencastro era o território da elite, a Praça da República era ocupada pela “outra sociedade”, pelos “humildes”, pelos plebeus, termo usado pelo jornalista Eduardo Enock para designar as pessoas que freqüentavam a Praça da República: “[...] O plebeu e a plebéia também se divertem, nos parques de diversões, nos circos [...] ou na praça em frente a Catedral da cidade, que as empregadinhas escolheram como ponto de encontro com os namorados, entusiastas do amor livre”.¹¹⁸ Por não fazerem parte da chamada “alta sociedade”, os “plebeus” gozavam de maior liberdade rompendo com as convenções sociais, sem se preocupar com o que os outros pudessem falar.

¹¹⁵ CUIABANINHO. Amar em público. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 08 jul. 1951, p. 03.

¹¹⁶ PÓVOAS, Lenine C. *Cuiabá de outrora: testemunho ocular de uma época*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-grossense de Letras, 1983, p. 80.

¹¹⁷ NASCIMENTO, J. F. do. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 04 set. 2004.

¹¹⁸ ENOCK, Eduardo. A Cuiabá: minha cidade é assim. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 07 abr. 1968, p. 05.

As atividades de diversão da juventude cuiabana nas décadas de 1950 e 1960 concentravam-se em lugares abertos: nas praças, nos piqueniques feitos nas beiras dos inúmeros rios, córregos e riachos que banhavam toda a cidade, nos campos de futebol, nos parques de diversão instalados em lugares públicos, nas festas de santo realizadas na rua, nos bailes promovidos pelos clubes que embora funcionassem em locais fechados possuíam internamente uma estrutura arejada. Como recorda Benedito Pinheiro de Campos, “os clubes tem uma diferença das boates, as boates são fechadas, são escuras e os clubes eram iluminadíssimos, muito abertos, refrescantes”.¹¹⁹ O salão de dança era cercado por mesas onde os pais sentavam-se enquanto observavam seus filhos. Cuiabá, até início dos anos 1970, tinha três clubes: o Feminino, o Dom Bosco e o Náutico, e duas boates: a do Presidente Hotel e a do Sayonara, localizada nas margens do Rio Coxipó com um ambiente semelhante aos clubes, freqüentada por toda a família. A principal atração do Sayonara eram os shows com artistas da música nacional.

As salas de cinema constituíam um dos poucos espaços de diversão fechado, cujo público freqüentador em sua maioria era formado por jovens que podiam ir sem a companhia dos pais, inclusive as moças. A concessão se aplicava especialmente às matinês; nos outros horários a permissão continuava sendo difícil. Até 1958, Cuiabá possuía apenas 1 cinema, o Cine Teatro Cuiabá, inaugurado em 23 de maio de 1942, obra do Interventor Júlio Strubing Muller, nomeado pelo Presidente Getúlio Vargas em 1937 para governar Mato Grosso. Durante a sua intervenção, Cuiabá na condição de Capital do estado passou por inúmeras mudanças na sua estrutura física, fruto da política do Estado Novo que visava à urbanização e industrialização do país.

Dentre os muitos prédios erguidos nesse período estava o Cine Teatro Cuiabá, projetado para abrigar cinema e teatro, foi o primeiro a exibir filmes 35mm e a funcionar em ambiente adequado. A estrutura dos cinemas já existentes como descreve Márcio Moreira era precária, “muitos deles assemelhavam-se a um circo, com arquibancadas de tábuas, tendo um pequeno número de cadeiras e camarotes apenas para as

¹¹⁹ CAMPOS, Benedito Pinheiro de. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 01 jun. 2005.

autoridades”.¹²⁰ Em 1958, foram inaugurados dois cinemas: Cine Cidade Verde e Cine São Luiz e nos anos 1960, mais dois cinemas foram inaugurados: o Cine Bandeirantes, em 1963, e o Cinema Tropical, em 1965, ambos com instalações confortáveis e modernas para a época. O Cinema Tropical possuía sistema de ar condicionado central, cortinas de veludo, carpete e lustres de cristais importados.¹²¹ A divulgação dos filmes era feita por meio do jornal “O Estado de Mato Grosso”, das rádios “A Voz do Oeste” e “Difusora Bom Jesus de Cuiabá”, dos carros alto-falantes que percorriam as ruas da cidade anunciando os filmes em cartaz. Para chamar a atenção dos espectadores reproduziam algumas cenas dos filmes e de cartazes fixados na porta dos cinemas e nos locais de maior movimento,¹²² principalmente na Avenida Getúlio Vargas, por onde passavam diariamente inúmeros jovens que estudavam nas escolas da região central.

Para o jovem a ida ao cinema significava um momento de liberdade, de encontro com seus pares, hora de dar asas à imaginação e entrar em contato com um mundo novo. “O cinema era tudo, era o sonho, porque era o ápice do amor, geralmente você arrumava namorada no cinema”, define Wandir Metelo, ao recordar sua juventude. As telas exibiam filmes de guerra, humor, religião, música, *cawboys* que divulgavam modelos de comportamento. As mulheres eram representadas por mocinhas românticas, fiéis, ingênuas, futura rainha do lar e mãe dedicada. Os homens apareciam como heróis destemidos, conquistadores, fortes e defensores da pátria. Além desses modelos, Hollywood passa a apresentar ao público a partir da segunda metade da década de 1950, personagens com comportamento fora do padrão convencional. Jovens rebeldes que transgridem as leis e as normas sociais vigentes seduzem e influenciam o espectador. Mulheres que fumavam, praticavam esportes, dirigiam carros tornaram-se exemplos a serem seguidos. Mirtis Ferreira Leão conta que quando entrou para a universidade em 1964, no Rio de Janeiro, quase todas as moças da sua idade

¹²⁰ MOREIRA, Márcio. *Cuiabá na lente do Foto Cháu: um resgate cinematográfico*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura, 2000, , p. 48.

¹²¹ MOREIRA MOREIRA, Márcio. *Cuiabá na lente do Foto Cháu: um resgate cinematográfico*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura, 2000, p.53-55.

¹²² MOREIRA, Márcio. *Cuiabá na lente do Foto Cháu: um resgate cinematográfico*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura, 2000, p.58-59.

fumavam, pois “na época o bonito era fumar mesmo, tanto o rapaz, como a moça; todo mundo queria fumar para ser a tal, mulher fatal”.¹²³

“Nunca houve uma mulher como Gilda”, dizia o *slogan* do filme *Gilda* de 1946, estrelado pela atriz Rita Hayworth que lançou o modelo da mulher fatal, irresistível. O cigarro era a arma de Gilda; fumar tornou-se sinônimo de sedução, charme, *glamour*. Personagens que fumavam, dirigiam automóveis em disparada, que liderava gangues, que se embriagavam e se envolviam em brigas elevaram seus intérpretes à condição de ídolos. Rita Hayworth, James Dean, Marlon Brando, Elizabeth Taylor, John Wayne, Marilyn Monroe eram admirados além das telas. Suas atitudes na vida real, assim como a de seus personagens serviam de modelo. Revistas como *Filmelândia*, lançada em 1954 e *Cinelândia* de 1953, especializadas em cinema que traziam na capa artistas de Hollywood e matérias sobre a sua vida particular eram sucesso garantido de público. *Filmelândia* publicava a cada edição o pôster de um ídolo das telas que tinha destino certo: a parede do quarto ou o diário. *Cinelândia* tinha correspondente especial em Hollywood, responsável por matérias como “Os espões de *Cinelândia* em Hollywood”.¹²⁴

Se o cinema era o sonho, o rádio era um companheiro para o jovem, estava mais próximo. Além de ser uma fonte importante de informação para Cuiabá devido a sua dificuldade em se comunicar com outras partes do país, o rádio também era diversão. “A Voz do Oeste”, a primeira estação transmissora de rádio da cidade foi fundada em 15 de outubro de 1939. Dezesesseis anos depois, em 1955, foi inaugurada a segunda emissora, a “Rádio Cultura” e nesta mesma década, graças à invenção do transistor em 1947, uma pequena peça que substituiu as pesadas válvulas eletrônicas, tornando os aparelhos de rádios menores e mais baratos, a sua utilização se ampliou. Aquele aparelho grande, pesado e caro, um luxo das famílias abastadas que ocupava lugar de destaque na sala de visita, em pouco tempo passou a fazer parte da vida do operário, da lavadeira, do lavrador, do garimpeiro.

¹²³ LEÃO, Mirtes Ferreira. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 18 ago. 2004.

¹²⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. *Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.336.

Nos anos 50, esse meio de comunicação estava no auge. Em 1955 o país possuía 477 emissoras de rádio e meio milhão de receptores.¹²⁵ As radionovelas figuravam entre os programas mais populares; tinham o poder de reunir as pessoas em torno do aparelho. Na casa de Carolina Costa, esse era um momento sagrado, nada de conversa, todos parados para ouvir a novela. “Eu lembro de Direito de Nascer, todos no rádio, ninguém podia fazer barulho, estavam todos escutando”.¹²⁶ A novela Direito de Nascer fazia tanto sucesso que no horário da sua transmissão as ruas ficavam desertas. As mulheres preferiam as novelas, os homens, os noticiários, e os jovens os programas de música. O rádio era um objeto de uso da família, não ficava sob a posse exclusiva de um membro; assim como a vitrola, permanecia a maior parte do tempo na sala. À medida que seu preço e tamanho foram reduzidos, ele se tornou objeto de estimação de uns e sonho de consumo para outros, um companheiro de quarto, presente nos momentos de alegria e tristeza. A música por expressar sentimentos diversos serve como fonte de animação, consolo, esperança, companhia.

A juventude cuiabana da década de 1950 era embalada ao som de valsas, boleros, tango, samba-canção, marchinhas de carnaval, música sertaneja e rasqueado que faziam sucesso na voz de Ângela Maria, Cauby Peixoto, Francisco Alves, Marlene, Emilinha Borba, Cascatinha e Nhana, Carlos Alberto, entre outros. Esses eram os mesmos apreciados pelos pais.

Nas ruas da cidade ouvia-se o som das retretas, concerto das bandas do 16º Batalhão de Caçadores do Exército e da Polícia Militar, apresentada aos domingos na Praça Alencastro. Nas madrugadas, principalmente nos sábados, o som que se ouvia vinha das serenatas. Rapazes reunidos em grupos instrumentalizados com violões paravam nas janelas da mulher desejada ou da namorada a cantar e tocar valsas, boleros e tangos. As moças já ficavam esperando:

[...] fizeram muita serenata pra mim, meus colegas de escola. Chegava o sábado era serenata, as meninas já saiam para serenata, de repente você tava dormindo começava a tocar. O meu pai não gostava, então quando chegavam e viam a janela aberta já sabiam que meu pai estava ali, então eles não faziam,

¹²⁵ ALVES, Júlia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996, p. 88.

¹²⁶ COSTA, Carolina. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 26 jun. 2002.

passavam direto, faziam na casa de outra colega. [...] Aí falava no outro dia: Ah! Serenata! As meninas ficavam todas alegres. Fizeram serenatas pra mim!¹²⁷

Para aqueles que não participavam das serenatas, mas queriam fazer suas declarações de amor em forma de música, podia-se recorrer ao serviço de música dos carros alto-falante instalados nos parques de diversão para oferecer uma canção à pretendente. Outra maneira de se apreciar música na cidade era participar do “Domingo Festivo na Cidade Verde”, programa de auditório da rádio Voz do Oeste, em que cantores nacionais e regionais se apresentavam ao vivo. Nora Ney e Linda Batista cantaram no programa.¹²⁸ Esse tipo de programa fazia sucesso em todo país.

Assim como o pai de Carolina, muitos outros não apreciavam as serenatas, viam nelas um ato de vadiagem, uma falta de respeito com as famílias “descentes” da cidade, praticada por rapazes boêmios. O que era diversão para uns, deveria ser tratado como caso de polícia para outros:

As nossas autoridades policiais precisam tomar sérias providências quanto à vadiagem nesta Capital. Malandros aos grupos, andam por aí às soltas, fazendo desordens, desrespeitando famílias e dando facadinhas em transeuntes, chegando mesmo a ameaçar os que não os atendem. Ora, a nossa Capital não comporta mais atos deste jeito. Existe também por aí, andando altas horas da noite pelas ruas um grupo de engraçadinhos, fazendo ‘românticas serenatas’ que de serenatas não têm nada. Uma noite destas, um desses grupos, andou fazendo serenatas, causando como sempre, enorme confusão [...]. Vejam os nossos prezados leitores, até que ponto chegaram os nossos mocinhos!¹²⁹

O fato dos jovens dos anos 50, terem uma vida social mais movimentada, não significava que estavam livres do olhar atento dos pais. Na rua havia outros olhares tão severos quanto os da família. Mocinhos, assim eram chamados os jovens brasileiros no início da década de 1950. Raramente alguém usava a palavra adolescente, o termo era mais utilizado no meio científico, sobretudo, nos trabalhos de médicos e psicólogos. Os pais não se referiam aos filhos como adolescente, tinha-se em casa, um rapaz ou uma

¹²⁷ COSTA, Carolina. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 26 jun. 2002.

¹²⁸ SILVA, Carlos Antônio. *Vozes do Oeste: a radiodifusão cuiabana: entre a antena e a Lei (1939-1949)*: 2005. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2005, p. 10.

¹²⁹ COISAS da cidade. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 03 jan. 1950, n. 1830, ano: XI, p. 04.

moça. O termo começou a popularizar-se no Brasil nos anos 70, com a psicologização da sociedade. A noção de adolescência nasce associada à idéia de crise, caracterizada como uma fase de conflitos. O adolescente problema torna-se objeto de estudo da psicologia que procura entender seu comportamento e orientar a sociedade em como lidar com os seus problemas.

Antes os mocinhos não eram tratados como indivíduos em crise. Quando desrespeitavam as normas morais vigentes o caso era resolvido pelos pais de forma discreta. A polícia, a escola, a igreja, intervinham com medidas repressoras sem, no entanto, tratar o episódio como uma crise da adolescência. Na época constituía-se transgressão: sair sozinha com o namorado, passar trote pelo telefone, pegar carona com desconhecido, fumar, ir a festas sem ser convidado, pegar o carro do pai escondido, chegar em casa depois do horário estabelecido pelos pais, mascar chiclete em sala de aula, falar palavrão, dizer que ia para missa e ir para outro lugar, beijar em público, engravidar antes do casamento, se embriagar, entre outras.

O aluno apanhado em sala de aula mascando chiclete ou contando piadas recebia uma advertência verbal ou era suspenso das aulas por alguns dias. O caso não motivava uma reunião de professores. Os pais por sua vez, também tinham seus métodos de punição, o filho mesmo tendo 18 anos ou mais, não escapava das penalidades; enquanto morasse no lar paterno devia obediência. Uns, ao encontrarem o filho fumando, o fazia engolir o cigarro; quem chegasse do cinema fora do horário determinado pelos pais ficava proibido de sair de casa por várias semanas; a gravidez antes do casamento, considerada uma tragédia para a família, obrigava o rapaz a se casar imediatamente com a moça e havia ainda o pai que optava por expulsar a filha de casa. Os casos envolvendo transgressões juvenis eram tratados como segredo interno, geravam comentários entre os vizinhos, parentes e amigos, mas não discussões entre os educadores, os psicólogos, os policiais para tentarem descobrir as causas e propor soluções.

2.4 “SEU FILHO JÁ CHEGOU ÀS FRONTEIRAS DO CRIME!”

Por volta de 1956, os jornais começaram a publicar notícias sobre as atitudes de uma certa “juventude transviada” que estava escandalizando a sociedade do Rio de Janeiro e São Paulo. O jornal carioca Última Hora foi um dos primeiros a noticiar o fato, começou publicando notas pequenas sobre o desrespeito de rapazes da zona sul às regras do trânsito, do seu envolvimento em brigas, depredação de cinemas. Até que em 06 de março de 1957, estampou na primeira página do jornal, em letras gigantes a seguinte manchete: “Seu filho já chegou às fronteiras do crime!” A matéria fazia parte uma série jornalística intitulada “Um repórter mergulha no mundo sombrio da juventude transviada”. Pinheiro Júnior, um repórter de 21 anos, que fazia matérias ocasionais para o jornal recebeu uma proposta do redator-chefe: fazer um documentário sobre a atuação da juventude transviada. Para tanto, teria que conviver com os jovens transviados. Aceita a proposta, ou melhor, o desafio, Pinheiro Júnior e o fotógrafo Estrela, passaram 45 dias infiltrados em um grupo de jovens considerados transviados como se fossem um deles. A experiência resultou numa série jornalística de 14 matérias acompanhada por fotos, publicadas durante o mês de março que rendeu fama a Pinheiro Júnior e expôs para o país o “problema da juventude transviada”.

A questão tornou-se o assunto do momento, a indignação foi geral. O então presidente da república, Juscelino Kubitschek de Oliveira determinou ao Procurador Geral do Distrito Federal, Candido Oliveira Neto, a abertura de inquérito para apurar os fatos. E o que faziam os jovens transviados para causar tanta indignação?

Curra era o nome do crime da juventude transviada, a palavra vem de encurralar que significa encerrar em lugar estreito e sem saída. A palavra foi criada pelos próprios jovens para designar um tipo de estupro praticado por eles. A curra envolvia um esquema, antes da consumação do ato era feito um plano que começava com a escolha da vítima, esta deveria ser virgem, ter de 15 a 17 anos e ser “moça de família”. Esses pré-requisitos tornavam a sedução mais fácil. Depois apenas um integrante do grupo se aproximava da escolhida, como se fosse um pretendente, a abordagem se dava geralmente na saída da escola, do cinema ou do passeio na praça. Estabelecido o

contato inicial, procurava-se conquistar a confiança da vítima, a fim de colocar a segunda parte do plano em ação, que começava com um convite para fazer um passeio romântico.

De carro ou lambreta a moça era levada para um lugar deserto, onde o restante do grupo já estava a espera. Ao chegar no local o casal punha-se a passear normalmente, o rapaz comportava-se como se nada estivesse acontecendo. Tudo parecia perfeito até que de repente, um grupo surgia e atacava o casal, a vítima ficava encurralada, sem saída, então começava o estupro. Todos do grupo composto de três, cinco, seis ou mais participavam do ato. No final simulavam uma discussão e obrigavam o falso namorado a participar também. Este se fingia de inocente, mas obedecia à ordem, assim estava concretizada a curra. Essa prática entrou para os dicionários de língua portuguesa como uma gíria brasileira que significa “servir-se, juntamente com outros para fins libidinosos de mulher ou homem, utilizando astúcia e violência”. E como o crime da juventude transviada.

As vítimas por medo e vergonha não denunciavam, algumas tentavam o suicídio. A partir da série de reportagem de Última Hora, muitas criaram coragem e denunciaram para polícia, outras escreveram cartas para o jornal contando seu drama. As denúncias não paravam. Além da curra, causava preocupação o seu envolvimento com as drogas, principalmente a maconha. Na cidade de Santos, a polícia se ocupava com os grupos de usuários de maconha:

Jovens pertencentes a famílias destacadas da sociedade paulista — reduzido número, é bem de ver — vêm se entregando, ultimamente ao uso de entorpecentes [...] não raro provocando distúrbios, como já foi assinalado na cidade de Santos, onde os transviados que se agruparam num chamado “Grupo dos 50”, tem dado trabalho às autoridades. E estas, inteiradas das reincidências na contravenção, por parte dos mesmos rapazes, resolveram segui-los de perto, para pilhá-los em flagrantes, identificando a fonte abastecedora da ‘erva maldita’.¹³⁰

Na capital paulista, o então governador Jânio Quadros, declarou guerra aos “filhinhos de papai”, termo empregado pela polícia para classificar os jovens das classes

¹³⁰ SÃO PAULO declara guerra aos *play-boys* transviados. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 21 mar. 1958, p.06.

média e alta que eram presos. A expressão baseava-se na atitude dos pais perante a ocorrência que, para libertar os filhos apareciam na delegacia “com os bolsos cheios de cédulas de mil cruzeiros”.¹³¹ O que provocara a ira do Governador fora a atitude de grupos de rapazes que se posicionavam em certos pontos da cidade, como a porta de estabelecimentos comerciais e nas ruas mais movimentadas para paquerar as mulheres que passavam. Ao passar uma moça que os interessava, todos ao mesmo tempo começavam assoviar, mandar beijos e fazer comentários considerados indecentes. Ao tomar conhecimento do fato, Jânio enviou um dos seus famosos bilhetinhos ao chefe da polícia local exigindo punição:

Ouçõ que os rapazes que se dizem da sociedade, mas são verdadeiros marginais, recomeçaram a importunar as senhoras na rua Barão de Itapetininga, e tem cometido tropelias na rua Augusta. Dê-lhes uma lição exemplar.¹³²

O termo “juventude transviada” começou a ser usada no Brasil para denominar os jovens que copiavam o jeito do personagem de James Dean de se vestir, o modo de pentear os cabelos, o carro e a lambreta que usava no filme “*Rebel Without a Cause*”, traduzido para o português como “juventude transviada”. Além de imitar o personagem de Dean, esses jovens começaram a se reunir em determinados locais para apreciar um novo ritmo importado dos Estados Unidos, o *rock and roll*. Elvis Presley e Bill Haley, os ídolos do *rock*, também, eram imitados.

No início, os discos de *rock* que chegavam ao país eram caros e raros, as reuniões serviam para reunir os fãs do ritmo e compartilharem entre si discos, revistas e informações sobre o assunto. O momento era ideal para exibir o carro, a lambreta, o penteado, o passo de dança novo, a gíria inventada na hora. Tal comportamento era visto com desconfiança por parte da sociedade conservadora. O visual, a música, a linguagem verbal, a expressão corporal, destoava completamente dos padrões culturais e comportamentais vigentes. O estranhamento gerou preconceito, os jovens adeptos do

¹³¹ SÃO PAULO declara guerra aos *play-boys* transviados. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 21 mar. 1958, p.06.

¹³² SÃO PAULO declara guerra aos *play-boys* transviados. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 21 mar. 1958, p.06.

estilo Elvis Presley e James Dean, passaram a serem vistos como maus exemplos, uma péssima influência para os rapazes e moças de “boa família”. Quando começaram a ser registradas as primeiras ocorrências de vandalismo, uso de drogas, brigas, rachas, envolvendo indivíduos da chamada “juventude transviada”, esta passou a ser associada à delinqüência. *Play-boy*, filhinho de papai, transviado, tornaram-se sinônimos de delinqüente. A associação entre “juventude transviada” e delinqüência ficou mais forte depois do crime da Avenida Atlântica.

Na noite de 14 de Julho de 1958, um crime abalou o país. A estudante Aída Curi, de 19 anos, fora atirada ainda com vida do 13^o andar do edifício Rio Nobre em Copacabana, um bairro da cidade do Rio de Janeiro. Os responsáveis pelo crime foram Ronaldo Guilherme de Souza Castro, de 19 anos, e Cássio Murilo Ferreira, de 17 anos. Ambos provenientes de famílias de classe média. Aída estava acompanhada de uma colega do curso de datilografia que freqüentava quando primeiro conheceu Ronaldo no final da tarde do dia 14. O rapaz a abordou utilizando um recurso bastante usado pelos paqueradores daquele tempo: jogava-se um molho de chaves no chão e em seguida perguntava-se: essas chaves são suas? A resposta negativa da moça abria caminho para uma aproximação. Dessa forma Aída e Ronaldo se conheceram. Então, o rapaz a convidou para irem até o edifício Rio Nobre onde residia Cássio Murilo, que intercedeu junto ao porteiro Antonio João para liberar a entrada do rapaz para a cobertura do edifício que estava em reforma. O porteiro liberou a entrada e os quatro subiram. Pouco tempo depois o corpo de Aída estava na calçada. E o que aconteceu no terraço?

Os réus não confessaram o crime. A primeira hipótese era a de que para fugir da violência, Aída teria pulado do alto do edifício. No primeiro julgamento, mediante investigação, a justiça chegou à conclusão de que os três atiraram a moça do terraço. Ronaldo foi condenado a 37 anos e 6 meses de prisão e Antônio João, a 30 anos, ambos por homicídio qualificado. Cássio Murilo, por ser menor de idade, se livrou da acusação de crime qualificado e foi condenado a ficar 5 anos sob custódia do Serviço de Assistência ao Menor.¹³³ Porém, conforme as leis brasileiras vigentes na época, quem era condenado a pena de 20 anos ou mais tinha direito a um segundo

¹³³ CRIMES que abalaram o Brasil. *Revista Marcante*. Rio de Janeiro, Edição Especial, set. 2002, p.24-27.

juízo. Um mês depois da primeira sentença os três passaram por um novo julgamento. Dessa vez, foram absolvidos da acusação de homicídio qualificado. Ronaldo foi condenado a 13 anos e 5 meses de prisão por homicídio simples e tentativa de estupro. Cássio Murilo atuou como testemunha de acusação, foi condenado a pena de 2 anos por ter sido considerado cúmplice. Antonio João também foi condenado a 2 anos por cumplicidade.

A morte de Aída caiu como uma bomba. A sociedade ainda estava vivendo sob o impacto das denúncias pelo jornal Última Hora quando o corpo de uma jovem de 19 anos foi encontrado na avenida principal do bairro mais famoso do país, Copacabana. O crime chocou pela brutalidade, mas principalmente pela classe social dos assassinos. Aquele não era mais um crime ocorrido no morro da cidade, nem tão pouco podia ser resolvido com uma conversa com o chefe de polícia ou ser tratado como um assunto de família. Aída fora vítima de uma tentativa de curra e, ao tentar escapar caiu do 13º andar do edifício Rio Nobre.

Esse não era um tipo de crime de fácil evidência, as mulheres tinham medo de denunciar e serem mal interpretadas, principalmente em se tratando de rapazes ricos. Os agressores de Aída eram cidadãos, conforme o senso comum acima de qualquer suspeita. Ronaldo era membro de uma tradicional família carioca, figurava nas colunas sociais dos jornais e Cássio Murilo era enteado de Aduauto Esmeraldo, um conhecido coronel-chefe do DOPS/RJ. Eles não tinham o perfil do “indivíduo perigoso”, uma noção que foi criada no século XIX, pelas instituições penais com a ajuda da Psiquiatria e da Antropologia Criminal. A psiquiatria do século XIX procurou identificar os sinais que podiam marcar os indivíduos perigosos como a loucura moral, a degeneração, a monomania, a perversão e a loucura instintiva.¹³⁴

Em 1876, o médico italiano Cesare Lombroso publicou “O homem criminoso”, livro em que expõe a teoria do criminoso nato, segundo a qual reconhece-se o criminoso por sua anatomia. “Mandíbulas enormes, fronte abaulada, zigomas muito marcados, lábios superior fino, incisivos enormes, cabeça maior que o normal, torpeza tátil e sensorial”¹³⁵, constituíam conforme a teoria de Lombroso as características do

¹³⁴ Foucault, Michel. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense, 2004, p. 14.

¹³⁵ GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins, 2003, p.138.

criminoso nato. Em um dos julgamentos em que fora perito Lombroso emitiu o seguinte parecer sobre um homem acusado de roubar e assassinar um fazendeiro:

Ao examiná-lo, comprovei que o homem tinha orelhas grandes, maxilares e zigomas desenvolvidos, apêndice leporino, osso frontal dividido, rugas prematuras, olhar sinistro, nariz torto para direita: em resumo, uma fisionomia que se aproximava do tipo criminoso; as pupilas eram pouco móveis... e no peito havia uma grande tatuagem. [...] Tinha uma tia epiléptica e um primo louco; além disso, a investigação provou que era jogador e não trabalhava.¹³⁶

Nascia assim a Antropologia Criminal, ciência que defendia as raízes biológicas do crime. A teoria suscitou um dos debates mais acalorados entre os cientistas do século XX. Chegou até a ser usada em julgamentos, mesmo sofrendo inúmeras críticas, seus argumentos eram fracos, foram facilmente derrubados pelo meio científico da época, mas a essa altura suas idéias já haviam se infiltrado no senso-comum e chegado até os tribunais. Influenciou o Direito Penal para além da Europa e do século XIX. No Brasil suas idéias começaram a ser difundidas em 1908, após a visita de seu colega e também defensor da teoria do criminoso nato, Enrique Ferri, à Faculdade de Direito de São Paulo. Gutemberg Alexandrino Rodrigues ao analisar a imagem construída pela FEBEM, contida na revista *Brasil Jovem* (veículo de propaganda da FUNABEM de São Paulo) e nos seus prontuários, sobre as crianças e os adolescentes pobres internados na Instituição nas décadas de 1960 e 1970, constatou a forte presença da teoria lombrosiana,

[...] os prontuários sinalizam para diversos estereótipos imputados aos adolescentes, vistos como frios, egoístas e egocêntricos [...] a imagem do delinqüente nato se cristaliza nos prontuários do menor infrator [...] Os pareceres da FEBEM, aliados aos artigos de *Brasil Jovem*, mostraram que as teorias de Césare Lombroso, as teorias eugênicas e excludentes, desenvolvidas ao longo do século XIX, não estavam soterradas: antes se manifestaram por meio do viés conservador e autoritário que caracteriza grande parte da sociedade brasileira.¹³⁷

¹³⁶ Id. Ibid. p.138.

¹³⁷ RODRIGUES, Gutemberg Alexandrino. O discurso da ordem: a composição da imagem do menor. *Revista Acervo*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, v. 15, n. 1, jan/jun, 2002, p.148-151.

Diante de um crime buscava-se a explicação nas características do criminoso na sua anatomia ou nas motivações que impeliram a cometer o ato, como o ciúme, a paixão, a fúria, o desespero, a inveja, vingança, a usura. No decorrer do século XX, as atenções se voltam para as questões sociais. A miséria passa a ser vista como a principal responsável pela criminalidade, surge a noção do “pobre perigoso”. As condições de vida, de moradia, de educação, de alimentação, enfim, o meio social do indivíduo são vistos como fatores estimulantes da delinquência. Benedito Anselmo de Oliveira de 19 anos, detido em 1961 em Cuiabá, por furtar a quantia de CR\$ 30. 000,00 (trinta mil cruzeiros) da farmácia em que trabalhava conseguiu a liberdade, graças a estratégia de defesa montada por seu advogado baseada no argumento de que é o meio social que determina o comportamento do indivíduo. O delito praticado por Benedito, segundo a defesa era:

[...] fruto exclusivo das condições sociais, de perigoso desequilíbrio que a civilização capitalista gerou no seu ventre, deformando e pervertendo aqueles que, sem a indispensável censura doméstica e atraídos pelo ambiente e desregramento comuns da puberdade, procuram acompanhar o ‘nível’ mais alto os companheiros, esquecidos de que - ‘o pobre vive de teimoso’. O acusado é órfão de mãe e seu pai é um pobre alfaiate, - doente responsável por numerosa próle. [...] Não é demais salientar que o acusado reside nesta Capital [...] nas imediações do bairro onde se concentra a zona de baixo meretrício, região que monopoliza o ‘sub-mundo,’ a escória social. [...] Demonstrado ficou, exuberantemente que o acusado é vítima das condições sócio-econômicas, do meio que contaminou sua personalidade. A pobreza em demasia constitui miséria e está é e sempre foi e será a grande fonte geradora de todas as revoluções sociais. Não é demais deixar aqui consignado que no caso ‘sub judice’ a grande culpada não consta dos autos. É uma entidade abstrata, mas que deve ser responsabilizada pelos defeitos, erros e aberrações que encerra: a nossa Sociedadade.¹³⁸

Para inocentar o réu, o advogado responsabiliza a sociedade, as causas do crime estão fora do indivíduo, enquanto o pensamento anterior defendia a idéia de que as causas vinham de dentro para fora. Miséria e violência tornaram-se sinônimos. O ato de Benedito não surpreende, de certa forma já era previsto, o que esperar de uma pessoa criada na miséria, no “sub-mundo”, em meio a “escória social”? Aos olhos da

¹³⁸ MATO GROSSO, Cuiabá, Cartório do 6º Ofício, *Processo Crime*, Série Penal, caixa 03, 20 jul. 1961.

sociedade, há uma justificativa para o seu comportamento, um motivo concreto. Histórias como essa de jovens pobres e moradores de favela, envolvidos com a criminalidade passaram a fazer parte do nosso cotidiano e a explicação ao fato também: a condição social. Porém, o que pensar de rapazes e “mocinhas” que se divertiam furtando carros para fazer farras e depois os abandonavam em pontos distantes da cidade. A princípio o que era apenas uma brincadeira, devido à frequência virou caso de polícia:

De acordo com revelações feitas ontem pelo capitão Juvenal do Nascimento, delegado de polícia desta Capital todas as diligências policiais no sentido de localizar os “*play-boys*” que furtam carros para fazer farras já estão alcançando os seus primeiros resultados positivos. Alguns já estão sob o total controle da polícia que acompanha todos os seus passos.¹³⁹

Da mesma forma, atear fogo em mendigo na madrugada, participar de curra, dirigir automóveis em alta velocidade pelas ruas da cidade e depredar cinemas, deixou de ser visto como brincadeiras inconseqüentes, típicas da idade e nem tampouco se tratavam de casos isolados, de jovens condenados à marginalidade. Esses rapazes e moças eram “nossos filhos”, crianças bem criadas, de “boa família”, que estudaram nas melhores escolas, que sempre tiveram de “tudo”. O que teria dado errado? Onde foi que eu errei? Perguntavam os pais. Fazem a mesma pergunta do Sr. Frank, pai de Jim Starks, personagem de James Dean, no filme “Rebeldes sem causa”. Na cena em que Jim está detido na delegacia por ter se envolvido em uma briga, o pai tenta explicar ao delegado o que está acontecendo, mas Jim o interrompe:

- Bem eu gostaria de explicar...
- Nós acabamos de nos mudar para cá e o garoto não tem muitos amigos.
Então Jim diz:
- Não pode me proteger!
- O pai irritado protesta:
- Se importa que tente? Precisa bater a porta em meu rosto?!

¹³⁹ CARROS furtados: polícia no encalço dos “*play-boys*”. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 16 dez. 1965, p. 01.

- Tento ser próximo dele.
- E o que acontece?
- Compro tudo que você quer, não?
- Quer uma bicicleta? Você a terá!
- Jim ironicamente responde:
- Um carro...
- Você compra muitas coisas.
- E o Sr. Frank continua:
- Não é só isso.
- Te demos amor e carinho, não demos?!!!
- Então o que houve? [...]

Jim era o que se convencionou chamar de “rebelde sem causa” ou “juventude transviada”. A causa das suas transgressões não eram as já conhecidas. Quais eram, então, os seus motivos? Não apresentavam nenhum dos sinais que os pudesse identificar, na visão do senso-comum, como possíveis criminosos. Nenhuma loucura, nenhuma demência, nenhum antecedente, nenhuma miséria aparente.

Teddy-boy na Inglaterra, *rebel without a cause* no Estados Unidos, *halbstarken* na Alemanha, *vittelsoni* na Itália, *gamberros* no México, *stilyagi* na França¹⁴⁰ ou juventude transviada no Brasil são variações semânticas criadas para indicar um mesmo tipo de comportamento, ou seja, atos de delinquência e transgressão de jovens de classe média que iam desde falar gírias, dançar *rock* até estupro e homicídio. O fenômeno conhecido mundialmente como o problema da juventude transviada, surpreendia, pois vinha de onde ela não era esperada, como se alguma ordem tivesse sido alterada. Esses jovens não eram filhos de operários, moradores do subúrbio ou de imigrantes pobres, eram os filhos da burguesia.

A questão da transgressão de jovens da classe média voltou à tona quando na madrugada do dia 20 de abril de 1997, cinco jovens derramam álcool sobre o corpo de

¹⁴⁰ ECHEVARRÍA, José Medina. *A juventude latino-americana como campo de pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 183.

um homem que dormia no banco de uma parada de ônibus em Brasília, atei fogo e depois fogem. O homem era o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos que estava na cidade em função das comemorações do dia do índio. Tratava-se dos jovens Antônio Novely Vilanova de 19 anos, filho de um Juiz Federal, Eron Chaves de Oliveira de 19 anos, Max Rogério Alves também de 19 anos, Tomás Oliveira de Almeida de 18 anos e o menor G. A. de 17 anos, todos pertencentes à classe média de Brasília. E o que estes jovens faziam ali àquela hora? Segundo eles, estavam apenas se divertindo. Argumentaram que só queriam dar um susto no homem que dormia na parada de ônibus e não sabiam que o homem era um índio, pensaram tratar-se de um mendigo. O episódio envolvendo os jovens de Brasília reacendeu o debate sobre a juventude. Pais, professores, psicólogos, sociólogos, enfim a sociedade em geral queria uma explicação. Por que jovens que sempre tiveram de “tudo” cometeram tal ato?

A Secretaria de Justiça do Estado do Rio de Janeiro realizou um estudo em 1999, nos presídios do Estado para traçar o perfil biopsicossocial dos presos. Os resultados do estudo revelaram que “81% dos condenados entre 18 e 24 anos que ingressaram no sistema penitenciário estadual tiveram o sustento de suas casas garantido pelos pais, 72% moravam em casa própria e 45% deles afirmaram ter sido criados em condições adequadas ou muito boas”.¹⁴¹ Os dados revelados pela pesquisa podem ser características específicas de um determinado grupo ou região, mas também, servem para demonstrar que a delinqüência não está diretamente relacionada à pobreza. A sociedade começou a se dar conta disso na década de 50. Crimes como o assassinato de Aida Curi comoveram o país.

De modo geral, os delitos dos jovens da classe média não são fáceis de serem detectados, só vêm a público quando o caso é muito grave. Em cidades pequenas, como era Cuiabá nos anos de 1950, a tarefa é ainda mais difícil, pois as relações sociais são estreitas, o delegado muitas vezes conhece os pais do jovem e antes de registrar a ocorrência recorre-se a uma conversa que resolve a situação. E se não há boletim de ocorrência, não há matérias nos jornais. Mas caso não se consiga impedir o registro de ocorrência, pode-se ainda apelar para o dono do jornal, no intuito, de evitar o escândalo. O processo também pode ser arquivado e a família com vergonha, muda-

¹⁴¹ FAUSTO, Boris. Crime e classe média. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 21 fev. 2000, p. 1-2.

se da cidade sem deixar pistas e o episódio torna-se um segredo, assunto proibido. São várias as formas que as pessoas encontram para preservar a imagem, manter as aparências, defender a honra, conservar o nome. No entanto, elas se esquecem de que é possível fugir dos vizinhos, da justiça, da imprensa, porém não se pode fugir da história. Basta um indício, uma palavra ou até mesmo o silêncio para que as tramas secretas da vida sejam reveladas.

Embora fossem chamados de “rebeldes sem causa”, o termo não é apropriado para classificar o comportamento desses jovens, pois não eram rebeldes. Ou seja, aquele que contesta, que deseja mudar as normas sociais vigentes e implantar uma nova estrutura social, se enquadra melhor naquilo que a sociologia classifica como comportamento transviado, isto é, aquele que “viola as regras, mas não discute a sua validade nem tenta modificá-las; está mais interessado em realizar sua violação do que em fazer alguma coisa a respeito das regras”.¹⁴²

Transgredir é o ato de violar as regras. Toda sociedade cria regras e onde há regras há transgressão. A palavra adquiriu um sentido negativo, uma vez que transgredir significa desobedecer; o transgressor passa a ser visto como pecador, herege, subversivo, desordeiro, transviado, agitador ou também como herói, pois a transgressão é necessária. Em determinados momentos da história ela se torna imprescindível, isso acontece, ressalta Gniss:

[...] quando tutelas e opiniões predominantes sufocam a liberdade humana, quando governos da extrema direita ou esquerda oprimem o cidadão, quando dogmas religiosos ou sociais não querem permitir o livre desabrochar do pensamento humano e da pesquisa científica - nomes como Espinosa e Galileu, ou à resistência contra a ditadura militar no Brasil servem de exemplo.¹⁴³

Nesses casos transgredir torna-se uma forma de luta, de resistência e principalmente uma forma de mostrar que a sociedade está equivocada e precisa mudar. De tempos em tempos as leis, as normas de conduta, as convenções sociais, as crenças e os costumes são questionados e passam por transformações. O que é transgressão hoje pode virar regra amanhã e o que é regra hoje pode tornar-se

¹⁴² COHEN, Albert. K. *Transgressão e controle*. São Paulo: Pioneira, 1968, p. 46.

¹⁴³ GNISS, Ralph Roman Konrad. *Transgressão*. Goiânia: Editora da UCG, 1998, p. 37.

transgressão amanhã. Essas mudanças geram conflitos, o novo causa desconfiança, insegurança. Há uma luta entre aqueles que defendem a permanência e os que lutam pela mudança. A questão do uso de castigos físicos em sala de aula é um exemplo disso. Os castigos começaram a ser questionados no século XIX, devido à pressão por parte de médicos, pedagogos que consideravam os castigos prejudiciais para o desenvolvimento da criança. Muitos pais e professores, porém, discordavam, achavam o método de punição indispensável para formação de indivíduos disciplinados. A lei condenou os castigos físicos em 1854, mas na prática eles continuaram sendo usados mais de cem anos depois. Até na década de 1960, há registros do seu uso. A redução da responsabilidade penal de 18 para 16 anos constitui outro exemplo disso. Começou a ser questionada após o assassinato de Aída Curi em 1958 e tornou-se lei em 1970 quando entrou em vigor no novo Código Penal Brasileiro.

A questão da juventude transviada suscitou uma série de questionamentos. Nos Estados Unidos, dois debates foram travados em relação ao problema: atribuía a sua causa ao excesso de permissividade da escola e à crise dos valores tradicionais, sobretudo, à desintegração da família. O outro considerava os fatores econômicos e sociais como os responsáveis pela “delinqüência” juvenil. Esta última tese, no entanto, só se aplicava à juventude pobre e mesmo assim, a realidade acabara de provar a sua ineficácia. A miséria pode ser considerada como causa da criminalidade, mas não a única. O debate mais fecundo girava em torno da crise dos valores tradicionais. A crise estava sendo desencadeada pela quebra de um valor em especial: a autoridade. Segundo os sociólogos, a perda da autoridade dos pais no lar e a dos professores na escola gerava uma onda de indisciplina na sociedade e, conseqüentemente, a desintegração da família.

Os pais eram apontados como os culpados por essa crise, estavam permissivos demais argumentavam os críticos. O perigo começava durante a infância, ao adotar um método de educação baseado na permissividade, em que as crianças podiam fazer e ter tudo o que desejassem. Assim estariam formando indivíduos indisciplinados, incapazes de obedecer a ordens. O Dr. Benjamin Spock, médico pediatra norte-americano, foi acusado de difundir esse novo método de educação. Seu livro “Meu filho, meu tesouro”, publicado em 1946, teve grande influência na educação do pós-guerra;

os pais norte-americanos o adotaram como um manual de como educar os filhos. Nele o Dr. Spock ensinava os cuidados que se deveria ter com a alimentação, com a higiene, com a segurança das crianças e, principalmente, como orientá-las. A educação deveria ser baseada no amor e não no temor, os pais não deveriam bater nos filhos quando estes se comportassem mal, porque suas personalidades em formação ficariam distorcidas e poderia prejudicar sua auto-estima. O castigo físico deveria ser substituído pelo diálogo. Esta era a parte polêmica da obra, suas idéias eram revolucionárias para a época.

Os pais haviam interpretado mal as orientações do pediatra, entenderam que era para deixar os filhos à vontade para fazerem o que quisessem. Diante das críticas recebidas, o Dr Spock foi a público explicar-se, alertou para o perigo de ser excessivamente complacente com os filhos: “Se tu te converteres em escravo de teu filho terás toda a probabilidade de transformá-lo em membro adequado da juventude transviada”¹⁴⁴, dizia ele procurando esclarecer que não havia dito aos pais para não dar disciplina aos filhos. Queria apenas dizer que não era para dar-lhes “uma disciplina férrea de tipo militar”. Os bons pais segundo ele, eram aqueles que sabiam dizer “sim quando é possível, mas sabem, igualmente, dizer não quando é necessário”.¹⁴⁵

“Meu filho, meu tesouro” é um dos livros mais populares do mundo, já vendeu mais de 50 milhões de exemplares e foi editado em 15 idiomas. Tem uma linguagem simples, direta, por isso logo conquistou os pais. O sucesso do livro fez do Dr. Spock uma pessoa popular nos Estados Unidos, cujas opiniões e atitudes adquiriram respeito e críticas. Quando os jovens americanos se recusaram a lutar na Guerra do Vietnã, mais uma vez o pediatra fora apontado como o responsável pelo episódio. A sua educação liberal teria provocado aquele ato de desobediência civil em massa. O vice-presidente Spiro Agnew, o acusava de ter estragado a juventude, de ter ajudado a formar uma geração de indisciplinados. Em resposta Spock disse: “Ao menos não me acusam de haver criado a Spiro Agnew. Talvez meu livro ajudou uma geração a não se deixar intimidar pelos adultos. Agora a juventude acredita que pode ter razão e se opor à autoridade”.¹⁴⁶ O próprio Dr. Spock, ao ser convocado para atuar na guerra como

¹⁴⁴ AI NETO. Os bons pais. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 27 ago. 1958, p.02.

¹⁴⁵ Id. Ibid. p.02.

¹⁴⁶ TIEMPOS MODERNOS. www.quepasa.cl/revista/1406/32

médico recusou-se a ir. Era defensor do desarmamento nuclear, estava à frente dos protestos contra a Guerra do Vietnã.

Ser ou não ser um bom pai não era uma questão pensada pelos pais de épocas anteriores. O indivíduo era pai ou mãe e ponto final. Não havia especialistas para dizer-lhes se estavam agindo certo ou errado. Os conflitos que tinham com os filhos eram resolvidos secretamente, sem intervenções externas, as atitudes que tomavam, via de regra, estavam corretas. No século XX, amar e cuidar dos filhos como observa Jurandir Freire Costa, tornou-se um trabalho científico. Os pais perderam o monopólio da razão, “os especialistas estão sempre ao lado, revelando os excessos e deficiências do amor paterno e materno”.¹⁴⁷

No caso dos delitos cometidos pela “juventude transviada” tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos, a culpa recaía sobre os pais. Ora criticava-se o excesso de cuidados, ora a falta:

Se a juventude pratica excessos condenáveis, entregando-se a vícios execráveis, é que a sociedade que produz essa deformação de caráter está enferma. Esse ponto da questão é pacífico e o principal responsável por tão grande problema social é a crise de autoridade nos lares que afeta a vida da nossa sociedade. Os pais não controlam mais os seus filhos, largando-os, com raras exceções, à própria sorte. Estão mais preocupados com as seduções da vida quotidiana do que com os problemas infantis que têm de enfrentar. Daí o descalabro!¹⁴⁸

O fato de as mulheres estarem entrando, a cada dia mais, para o mercado de trabalho começava a chamar a atenção para a questão de quem tomaria conta da educação das crianças, enquanto as mães estivessem ausentes. A novidade não consistia no fato das mulheres estarem trabalhando fora de casa, pois há muito tempo já o faziam para ajudar no sustento familiar e não era raro encontrar famílias chefiadas por mulheres. A novidade estava no ingresso no mercado de trabalho das mulheres casadas de classe média.

A sua inserção no mercado de trabalho não se deu por concepções ideológicas. Fatores como independência financeira, igualdade de direitos, emancipação da mulher

¹⁴⁷ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 15.

¹⁴⁸ DESCALABRO social. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 12 abr. 1957, p. 02.

ficavam em segundo plano diante da necessidade de equilibrar o orçamento familiar. Essa necessidade surgiu em decorrência do aumento dos gastos com os filhos. No novo conceito de paternidade e maternidade, ser “bons pais”, significava proporcionar o bem estar emocional e material da prole até quando esta atingisse a idade adulta, o que demorava muito mais tempo para acontecer que nas gerações anteriores. O ingresso dos filhos no ensino superior tornou-se uma obrigação para a classe média e isso aumentava as despesas da família, pois em média os estudos terminavam por volta dos 25 anos e enquanto o dia da formatura não chega, os pais têm que providenciar recursos.

“A crise de autoridade nos lares” que afetava a vida da sociedade, marca o que Hobsbawm chama de “quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente”¹⁴⁹. Não se tratava de um mero conflito de gerações, em que o novo se opõe ao velho. O momento era de ruptura, não só com os padrões de relacionamento pessoal, mas com o modo de viver existente. O mundo estava deixando de ser rural para se tornar urbano; as inovações tecnológicas mudavam rapidamente as práticas alimentares, a forma de cuidar do corpo, as atividades de lazer, o modo de tratar as doenças, o vestuário, a estrutura arquitetônica das casas e os utensílios domésticos dentro delas. As diferenças entre as gerações ficavam muito maiores que as semelhanças.

Os que viviam esse momento não se davam conta das profundas transformações que estavam em curso. Sabiam que as coisas estavam mudando, mas não podiam avaliar a extensão dessas mudanças, nem nomeá-las. Mas procuraram explicações.

Na Inglaterra, um estudo realizado pela revista *Life* afirmava que a causa da indisciplina juvenil encontrava-se no declínio do Império Britânico:

[...] No passado quando o império expandia para o êxito, era larga e brilhante. Desde 1945, porém, as oportunidades para um jovem inglês são cada vez menores. As medidas de controle estatal que tornaram o Estado quase onipotente, eliminaram muitos dos desafios e, portanto, da excitação da vida.

¹⁴⁹ HOBBSAWM, Eric. J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.24.

Os jovens ingleses sabem que dificilmente passarão fome, mas também dificilmente ficarão ricos. Por isso eles são, hoje em dia, Jovens Enfurecidos.¹⁵⁰

No Brasil chegou-se a falar que a causa dos “descalabros” da juventude estava na formação étnica do povo brasileiro:

Infelizmente, no Brasil, onde se refletem todas as crises que surgem no resto do mundo, essa crise de moral e de disciplina e talvez mais aguda do que nos países de velha estrutura tradicionalista e conservadora.[...] A indisciplina foi sempre uma das qualidades negativas do brasileiro, fruto certamente de suas origens étnicas, do nomadismo características do elemento indígena preponderante na nossa formação racial. O homem do Brasil tem no sangue o vírus da rebeldia. Mas essa rebeldia sempre encontrou suave e vitorioso corretivo na velha escola brasileira, a escola onde o aluno ouve falar de Deus, onde o ensino religioso punha barreiras à indisciplina e a todas as desordens, tão próprias da infância e da juventude.¹⁵¹

Um editorial do jornal O Estado de Mato Grosso, atribuía o problema da juventude transviada a uma “a crise inominável”. Em tom profético tratava o fato como um sinal do fim dos tempos:

A crise imensa e suprema, a crise que levanta nos horizontes sombrios do destino da humanidade, nuvens negras e pesadas, anunciando tremendas tempestades, é a crise moral e espiritual que se manifesta na onda de indisciplina que varre e convulsiona todas as camadas sociais. [...] O mal é geral, cobrindo, dominando e apavorando toda humanidade, espécie de embarcação desarvorada e sem leme, avançando ao sabor de correntes invisíveis para um abismo inevitável. [...].¹⁵²

O novo provoca insegurança. O que fazer diante da situação? Só quando os anos passam é que os olhares se voltam para o passado na tentativa de compreendê-lo. O historiador procura classificá-lo, dividi-lo em períodos, ciclos, eras e nomeá-lo. Revolução Cultural foi o nome dado pelos historiadores às profundas mudanças de comportamentos e costumes que separam a primeira metade do século XX da

¹⁵⁰ AL NETO. Jovens enfurecidos. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 01 set. 1958, p. 04.

¹⁵¹ A CRISE inominável. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 07 jul. 1957, p. 01.

¹⁵² A CRISE inominável. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 07 jul. 1957, p. 01.

segunda. O motor dessa “Revolução” foi a alteração no padrão de relacionamento entre as gerações e entre homens e mulheres.

Nos anos 60, os jovens já eram um contingente populacional com consciência etária. A desobediência às ordens paternas refletiu na esfera pública na forma de desobediência ao Estado. O jovem representado na figura do estudante deixou isso evidente nas manifestações estudantis de protesto que tomaram conta das ruas de vários países. O próximo capítulo tratará dessas questões.

3 NOS ANOS 1960: O ESTUDANTE

“Tudo se passa como se os jovens formassem hoje, uma classe social à parte, com sua linguagem, sua solidariedade, seus deveres e suas obrigações próprias. É o poder estudantil que começa a impor sua presença” (Revista Manchete, 13/04/1968, p.16).

3.1 “APESAR DA APARENTE CALMARIA”: A DITADURA EM MATO GROSSO

Os anos 1960 foram marcados pela agitação política. Perseguições, torturas, renúncia, golpe político, censura e ditadura, fizeram-se presentes na vida dos brasileiros. Os problemas do governo de JK que estavam camuflados nos anos de 1950, logo vieram à tona e estouraram na década de 1960. Nem tudo era dourado como parecia. Jânio Quadros, seu sucessor encontrou um déficit orçamentário de 100 bilhões de cruzeiros e uma inflação de cerca 30% ao ano.¹⁵³ Em 1961, Jânio renuncia e a situação que já era difícil fica ainda pior. A inflação que era de 33% ao ano passa para 54,8% em 1962. A manchete de primeira página do jornal O Estado de Mato Grosso destacando em letras gigantes de 21 de setembro 1962, mostrava o que isso significava na prática na vida dos brasileiros:

Povo Cuiabano Clama: Continuam os abusos: carne poderá passar de 120 para 300 cruzeiros; Cem por cento de aumento nas tarifas dos transportes coletivos; Majorados os preços do feijão, açúcar, arroz e sal; Calamidade pública quanto ao preço dos aluguéis.

Seu vice, João Goulart, assume o governo e por meio do Plano Trienal formulado pelo economista Celso Furtado tenta reequilibrar a economia. O plano previa crescimento econômico, combate à inflação e reformas sociais, no entanto, não deu

¹⁵³ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997, p. 440.

certo. Com o Golpe Militar de 1964, João Goulart é deposto e os militares assumem o poder.

Para controlar a situação econômica dão início ao Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG). Roberto Campos, Ministro do Planejamento, e Otávio Gouveia de Bulhões, Ministro da Fazenda, foram os responsáveis pelo Programa, cujo objetivo consistia em estabilizar a economia do país. Para tanto, adotaram medidas como corte nos gastos públicos, aumento de impostos e arrocho salarial. O Plano obteve êxito, pois o corte de despesas e o aumento da arrecadação contribuíram para a redução do déficit público, a inflação que chegou a 91,9 em 1964 foi reduzida para 24,3 em 1967 e o PIB voltou a crescer¹⁵⁴. O período seguinte de 1969 a 1973, ficou conhecido como “milagre econômico” que combinou crescimento econômico com baixa taxa de inflação. O PIB cresceu em média 11,2% ao ano com pico de 13% em 1973¹⁵⁵. Realmente parecia um milagre.

Essa situação foi possível graças à conjuntura internacional que se caracterizava pela alta disponibilidade de recursos. A política econômica do Ministro da Fazenda Delfim Neto, estava baseada no endividamento externo e na concentração de renda. O objetivo era fazer o bolo crescer para depois distribuí-lo. Isso nunca ocorreu e o resultado foi o aprofundamento das desigualdades sociais.

A classe média beneficiou-se com o “milagre”. Conforme cálculos do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, no ano de 1970, o mercado de consumo de eletrodomésticos como televisão, geladeiras, rádios e de automóveis era constituído por, aproximadamente, 5 milhões de pessoas de altíssima renda e mais uns 15 milhões que puderam participar do consumismo graças à expansão do crédito ao consumidor.¹⁵⁶ Para essa parcela da população a vida era cor-de-rosa, mesmo o país estando vivendo uma ditadura. Foi neste período que Cuiabá passou por um ritmo acelerado de crescimento.

A transferência da capital do país para Brasília em 1961 e a política de ocupação da Amazônia Meridional adotada pelo governo federal estimulou o crescimento das

¹⁵⁴ Id. Ibid. p. 473.

¹⁵⁵ Id. Ibid. p. 485.

¹⁵⁶ CARDOSO, Fernando Henrique. *Autoritarismo e democratização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p. 76.

idades da Região Centro-Oeste. E nessa política de ocupação, Cuiabá como capital do Estado, “figurava como um lugar estratégico [...] eixo de passagem dos fluxos migratórios que se dirigiam ao norte do Brasil para colonizar a região amazônica”.¹⁵⁷

Em termos populacionais houve um crescimento vertiginoso, a sua população urbana quase que dobrou; dos 57.860 habitantes registrado em 1960¹⁵⁸, Cuiabá passa a ter uma população de 100.865 habitantes em 1970.

TABELA 2 - POPULAÇÃO URBANA DE CUIABÁ, DE MATO GROSSO, E DO BRASIL DE 1940 A 1970.

Ano	Cuiabá	Mato Grosso	Brasil
1940	54.394	128.727	12.880.182
1950	56.204	177.830	18.782.891
1960	57.860	343.569	31.303.034
1970	100.865	684.189	52.084.984

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anuário estatístico do Brasil, Rio de Janeiro, 2000, p. 2-12 e Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano (IPDU). Perfil socioeconômico de Cuiabá, 2000, p.64.

O aumento da população dos anos 1960 foi tão intenso que dificultou o trabalho do IBGE. Quando saiu o resultado do censo, o diretor do Instituto no Estado, Manoel Vargas, deu uma declaração esclarecendo que:

no caso de Mato Grosso e outros Estados, onde bafeja o progresso de uma maneira assustadora, é, realmente impossível acompanhar o crescimento populacional, e seu desenvolvimento. O êxodo, que se verifica, de pessoas de outros Estados ou países, para este, é, por assim dizer assombroso, motivo porque essas estimativas, estão, em muitos casos, longe do real. Mas isso, não deve ser motivo de tristeza para os mato-grossenses. Pelo contrário, de satisfação, de júbilo, uma vez que, sem dúvida alguma, Mato Grosso cresce, progride a olhos vistos.¹⁵⁹

¹⁵⁷ ARRUDA, Márcia Bomfim de. *As engrenagens da cidade: centralidade e poder em Cuiabá-MT na segunda metade do século XX*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, Mato Grosso, 2002. p.11.

¹⁵⁸ É importante ressaltar que nos dados referentes ao censo de 1960, deve ser levado em consideração a diminuição de 10.000 km² da área do município de Cuiabá que na década de 1950 perdeu a região de Jaciara com 5.639 habitantes, Chapada dos Guimarães com 11.061, Acorizal com 5.947 e o Distrito de Passagem com 535 habitantes. Portanto, houve crescimento demográfico. In: A VERDADE sobre o censo em Cuiabá. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 18 jun. 1961, Ano: XXII, n: 3.925, p. 04.

¹⁵⁹ IBGE confirma dificuldades em Mato Grosso. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 11 ago. 1968, ano: XXVIII, n: 3.305, p. 02.

Gabriel Papazian, um fotógrafo armênio que se mudou para Cuiabá em 1926, dizia em 1968 que no “presente em um ano a cidade progride mais do que 50 anos do passado”. Prova disso, dizia, era que nos últimos meses a cidade havia ganhado: transporte coletivo moderno, novas praças, novas ruas, estação rodoviária e estava prestes a ganhar estação de televisão, nova emissora de rádio e novas indústrias.¹⁶⁰ Porém, para a cidade ser considerada moderna seria necessário ter um povo “civilizado” que segundo Papazian:

Brasileiros quando regressam dos Estados Unidos são unânimes num ponto: o norte-americano é um povo altamente civilizado. Chegam a essa conclusão pela observação do modo de proceder do *yankee*: onde está escrito para ele parar, ele pára; onde está escrito para andar, ele anda. De maneira alguma os norte-americanos são autômatos. São isto sim, civilizados. [...] Porém, o mesmo não acontece no Brasil onde o povo não dá muito valor a esse negócio de civilização. Quanto mais se penetra no interior do país mais se constata esse fato. Cuiabá, como uma cidade bem brasileira não poderia ser exceção à regra. O povo cuiabano é um bom representante do brasileiro, mormente do brasileiro comum: gosta de gíria, de boa vida, de gozar os outros, de ficar de pernas pro ar, com refresco bem gelado perto, deitado em rede estendida numa boa sombra, livre de insetos, porém não gosta de respeitar as leis. [...] Pois bem. Começaram a falar em modernização de Cuiabá. Já dizem que a cidade está desenvolvendo como uma cidade grande e que isso e mais aquilo. Porém, se esquecem os que assim pensam que para uma cidade ser considerada realmente moderna e progressiva precisa ter um povo civilizado que não jogue lixo nem papel na rua, obedeça aos sinais de trânsito, pague impostos em dia, siga à risca as leis.¹⁶¹

Nesse período o centro das atenções eram os Estados Unidos e não mais a Europa, o estilo de vida a ser copiado era o dos americanos. E o cuiabano não se enquadrava nesse estilo de vida. A mudança de costumes não acompanha a modernização da cidade. Passado e presente se misturam, havendo um duelo entre o antigo e o moderno. Os velhos costumes dos cuiabanos precisavam ser abolidos porque significavam o atraso.

Mas nem tudo que advinha do progresso era bem vindo. A passagem de uma vida pacata de cidadezinha do interior para uma vida de “metrópole” em um breve

¹⁶⁰ PAPAIZIAN, Gabriel. Cuiabá; quem te viu e quem te vê. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 07 abr. 1968, ano: XXVIII, n: 5.230, p.12.

¹⁶¹ PAPAIZIAN, Gabriel. Fiscais e guardas para a Prefeitura. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 21 abr, 1968, ano: XXVIII, n: 5.237, p. 07.

espaço de tempo acarretou uma série de problemas. O crescimento urbano se deu de forma desordenada. Acidentes de trânsito, aumento da criminalidade, ônibus lotados, vendedores ambulantes nas calçadas, menores infratores e grande número de mendigos nas ruas, faziam parte do progresso que alterara o modo de viver do cuiabano.

O progresso material tão aguardado na década de 1960 que modificou a paisagem urbana, não corresponde às expectativas geradas em torno dele, uma vez que trouxe conseqüências desagradáveis como a violência urbana que passou a fazer parte do cotidiano da cidade, conforme se lê na matéria: “Medidas policiais para logo” do jornal *O Estado de Mato Grosso* de 03 de julho de 1968:

A cidade está alarmada e não é para menos. A onda de crimes se alastra. Mortes, assaltos e outras coisas, apresentando até crimes que não eram conhecidos aqui em Cuiabá, formam o lamentável quadro da Cuiabá de hoje [...]. Queira Deus que os carros rádio-patrolhas de Cuiabá estejam dentro em breve circulando nas ruas de Cuiabá, dando tranqüilidade pra esta boa gente, ordeira a toda prova, que vê, estarecida, a constante chegada de forasteiros. Há entre eles, reconhecemos, um número acentuado de pessoas bem intencionadas, à procura de dias melhores para si e para sua família. Contudo, existem, também, os que vêm para Cuiabá hipnotizados pelas informações de riqueza fácil, não importando os métodos para consegui-la. [...] Os cuiabanos querem progresso, mas com tranqüilidade. É uma emergência. [...].¹⁶²

O Secretário de Segurança do Estado no período, José de Meneses, atribuiu a onda de crimes pela qual passava a cidade, ao rápido desenvolvimento da região que trouxe pessoas de vários pontos do país. “Até há bem pouco tempo Cuiabá, por ser ilhada, era uma cidade tranqüila, o que hoje não ocorre. É o preço do progresso”¹⁶³, dizia o secretário.

Euli Fernandes Tortorelli, uma moradora da cidade que viveu intensamente os anos 1950 e 1960, expressa o sentimento de decepção face ao progresso:

Então, Cuiabá era muito pequena, a gente conhecia todo mundo. [...] Eu falo que eu sou saudosista, porque eu sou contra o progresso de Cuiabá e todo

¹⁶² MEDIDAS policiais para logo. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 03 jul.1968, ano: XXVIII, n: 5.276, p. 02.

¹⁶³ FORTE repressão policial contra a atual onda de crime em Cuiabá. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 02 jul. 1968, ano: XXVIII, n: 3.275, p. 01.

cuiabano antigo é. Eu não queria esse progresso [...]. O cuiabano tinha o costume de sentar na porta da rua, então, a gente descia à noite, por exemplo, a gente morava na Joaquim Murtinho, tava todo mundo sentado na porta da rua, a gente passava cumprimentava, conhecia todo mundo, todo mundo se conhecia. [...] Nem latrocínio não tinha, ah era maravilhoso! [...] É o progresso, é preço do progresso, né.¹⁶⁴

A insatisfação com o presente, nos leva a evocação do passado como um tempo de felicidade suprema, a idade de ouro, um tempo onde a vida era melhor. “No meu tempo” expressão utilizada pelas pessoas quando se recordam, remete à exaltação do passado; o hoje é comparado com o ontem, um período considerado inigualável, nele geralmente os problemas sociais são esquecidos, as dificuldades suavizadas e as práticas culturais e políticas super-valorizadas.

Em uma mesma conjuntura histórica podem coexistir diversas percepções, isso depende das experiências individuais e coletivas de cada um. O período da ditadura militar no Brasil desperta diferentes impressões. Isso se deve tanto em função da diversidade de experiências quanto ao lugar onde se vivia no período. Nas grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Recife, a força do Regime, ficou mais evidente. As passeatas de protesto contra e a favor da ditadura, as prisões, intimações, a repressão em si foi muito mais visível que nas cidades pequenas onde as pessoas sabiam que não podiam se expressar livremente, mas dificilmente viam alguma coisa, os dias transcorriam como se nada estivesse acontecendo. “Se você chegasse de uma outra parte do mundo e ficasse aqui em Cuiabá um mês, você saía, ia embora e podia jurar que o Brasil estava na mais perfeita situação política”¹⁶⁵. Esta era a impressão que se tinha em Cuiabá, descreve Benedito Flaviano.

Nas conversas na rua, nas salas de aula e até ao telefone evitava-se emitir opinião contra o Governo, concordar ou fingir que concordava com os princípios do regime era a melhor forma para não ter problemas. Benedito Pinheiro, professor cuiabano de Organização Social e Política Brasileira (OSP), disciplina que substituiu a

¹⁶⁴ TORTORELLI, Euli Fernandes. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 25 fev. 2002.

¹⁶⁵ SOUZA, Benedito Flaviano de. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 15 nov. 2004.

História dos currículos escolares no período da ditadura, sabia que era vigiado em sala de aula: “me diziam que eu tinha aluno que era da polícia militar dentro da sala de aula, não sabia quem era, havia um controle,”¹⁶⁶ porém, como relembra não teve problemas porque tomava cuidado com as palavras: “nunca sofri ingerências na minha sala de aula, porque eu sabia o que estava falando, sabia que eu tinha mais ou menos que seguir os ditames da Revolução, eu não deixava escapar nada”.¹⁶⁷

Caso o professor Benedito, ou qualquer outro servidor público federal, estadual e municipal deixasse escapar ou fizesse alguma coisa que fosse considerado um atentado “à segurança nacional e ao regime democrático”, poderia perder o emprego e ser preso. A Comissão Estadual de Investigações, criada pelo Decreto nº 713 de 12 de maio de 1964, do governo de Fernando Corrêa da Costa, que instituiu o expurgo no Estado, era a responsável pela fiscalização do funcionalismo público. Expurgo, palavra que significa “purificar, limpar, livrar do que é nocivo ou imoral”,¹⁶⁸ era a lei contida no artigo 7º do Ato Institucional I de 9 de abril de 1964, que autorizava a expulsão dos funcionários públicos considerados subversivos, ou seja, os comunistas. Era preciso expurgá-los porque eram tratados como um mal, uma doença contagiosa.

O fato de não ter havido guerrilha urbana no Estado não significou a ausência de focos de subversão e, conseqüentemente, formas de repressão. O 16º Batalhão de Caçadores do Exército sediado em Cuiabá mantinha um agrupamento base para missões de emergência contra focos de guerrilha em que previa a realização de operação anti-guerrilha na cidade:

O 16º Batalhão de caçadores, sediado nesta Capital, realizou exercício de adestramento contra supostos guerrilheiros que estariam alojados na encosta N do morro de Santo Antonio. [...] Apesar do bom trabalho executado pelo inimigo e das dificuldades de progressão no terreno, o alto no morro de Santo Antonio foi conquistado. Toda a região foi vasculhada à procura dos remanescentes das tropas “inimigas”, com o aprisionamento de vários “guerrilheiros”.¹⁶⁹

¹⁶⁶ CAMPOS, Benedito Pinheiro de. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 01 jun. 2005.

¹⁶⁷ CAMPOS, Benedito Pinheiro de. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 01 jun. 2005.

¹⁶⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 285.

¹⁶⁹ OPERAÇÃO anti-guerrilha em Cuiabá. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá. 20 out. 1968, ano: XXX, n: 5.357, p. 07.

Uma outra operação do 16º BC apreendeu em junho de 1964, em Cuiabá, um plano de terrorismo, segundo o regime que seria desencadeado pela Frente de Libertação Nacional (FLN) no eixo Cuiabá – Campo Grande - Alto Araguaia. Segundo as autoridades responsáveis pela operação, tratava-se do esboço de um plano que não chegou a ser posto em execução devido a divergências dentro do próprio Partido Comunista Brasileiro em Cuiabá. Conforme a documentação apreendida na operação, os comunistas cuiabanos fundaram o seu comitê-central em 1959, ligado a este comitê foi instalado em 1963 a FLN que era uma organização de esquerda vinculada ao Nacionalismo Revolucionário que tinha como idealizador o então deputado federal Leonel Brizola. Em novembro de 1963 Brizola lançou, através da Rádio Mayrink Veiga do Rio de Janeiro, uma proposta de formação em todos os cantos do país de Comandos Nacionalistas (Grupo de Onze Companheiros). Logo a proposta alastrou-se por todo os estados do país.¹⁷⁰ No projeto Brasil Nunca Mais (BNM), pesquisa que reuniu e analisou quase a totalidade dos processos políticos que transitaram pela Justiça Militar brasileira entre abril de 1964 e março de 1979, sendo no total 707 processos completos e dezenas de outros incompletos que somados ultrapassaram 1 milhão de páginas, foram encontrados na maioria desses processos referências sobre o Grupo dos Onze.¹⁷¹ É importante observar que o registro da FLN em Cuiabá em junho de 1964, é anterior à data de criação oficial da FLN, que é de 1969.¹⁷²

Em uma matéria sobre a prisão de comunistas no Estado publicada em 21 de julho de 1965, o correspondente do jornal O Estado de Mato Grosso em Campo Grande afirma que:

[...] apesar da aparente calma reinante em Mato Grosso, os comunistas nunca deixaram de atuar subrepticamente no Estado. A declaração é de um

¹⁷⁰ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 109.

¹⁷¹ Id. Ibid. p. 109.

¹⁷² Segundo dados do livro *Brasil Nunca Mais*, a FLN foi criada pelo Major do Exército, cassado, Joaquim Pires Cerveira, em 1969. A organização durou apenas um ano no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, onde foram executadas algumas operações de guerrilha urbana em conjunto com a ALN (Aliança Libertadora Nacional ou com VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), p. 110.

conhecido líder democrático mato-grossense ao analisar as recentes prisões que aqui foram feitas pelo comando da 9ª Região Militar.¹⁷³

Segundo esse mesmo correspondente, a 9ª Região Militar teria efetuado a prisão de mais de dez comunistas. Entre eles estariam o suplente do senador Humberto Néder e os seus irmãos Alberto e René, assessores do candidato a governador do PSD, Pedro Pedrossian, e três vereadores de Campo Grande.

No ano de 1964, o número de intimações expedidas pelo DOPS de Mato Grosso dobrou, de 40 em 1963 passou para 108.¹⁷⁴ O Governador do Estado, Fernando Corrêa da Costa, em seu relatório anual considerou a questão de segurança pública uma tarefa difícil de ser realizada, visto a extensão territorial do Estado e a sua densidade demográfica. Além disso, segundo o Governador, havia também a ameaça dos agitadores comunistas no meio rural:

[...] o Estado, vê-se a braços com pesado ônus da manutenção da ordem, da prevenção e da repressão da criminalidade, máxime no ambiente de incitação a desordem propiciada pelo amparo à subversão no meio rural a que se entregavam os galopins da SUPRA, numa preparação para a comunização do país.¹⁷⁵

A Superintendência de Política da Reforma Agrária (SUPRA) era o órgão do Governo Federal responsável pela reforma agrária no país que tinha em seu meio pessoas de ideologia comunista e a presença de sindicalistas. O movimento de maior expressão no Estado contra o regime militar se deu no meio rural. Carlos Jorge Reiners, um militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em Cuiabá e um dos expoentes do movimento de resistência que foi preso em 16 de abril de 1964, por integrar um grupo de guerrilheiros que se organizaram com o intuito de resistir ao Golpe de 64, afirma que no 16º Batalhão de Caçadores onde ficou preso durante 15 dias, havia cerca de 250 camponeses detidos:

¹⁷³ COMUNISTAS presos em Mato Grosso. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 21 jul. 1965, ano: XXVI, n: 4.726, p. 01.

¹⁷⁴ Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa pelo Governador do Estado, Fernando Correa da Costa, 1964, p. 94.

¹⁷⁵ Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa pelo Governador do Estado, Fernando Correa da Costa, 1964, p. 93.

[...] me levaram para o 16º BC, na época [...] lá tinha uns 250 camponeses presos que eles trouxeram de Jaciara, Dom Aquino, iam só pondo nos caminhões e os prefeitos davam os caminhões para prender esse pessoal. Quando eu e o Antero estávamos na cela, trouxeram uns 60 mais ou menos trabalhadores e fizeram desfilar na nossa frente e falar se nos conhecia, se alguém já tinha nos visto e falavam: “esses aí são comunistas, traidores da pátria”.¹⁷⁶

Do 16º Batalhão de Caçadores, Carlos Jorge Reiners foi transferido para uma prisão comum, na qual segundo ele já estavam detidos vários presos políticos. O ano de 1964, conforme relatório do Governador Fernando Corrêa da Costa, “começara repleto de apreensões para a ordem pública com incitações que partiram de órgãos do Governo Federal, como a SUPRA, que de mãos dadas com agitadores comunistas, procuravam estabelecer a intranqüilidade nas zonas rurais [...]”.¹⁷⁷

Até o presente momento não há informações precisas sobre o destino dos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) referente a Mato Grosso. Segundo o delegado de polícia Ezir Alves de Almeida, “esses arquivos estiveram guardados num dos barracões da Secretaria Estadual de Segurança Pública e que, por ocasião de fortes chuvas, foram danificados e destruídos”.¹⁷⁸ Um coronel aposentado da Polícia Militar que não quis se identificar acredita que os documentos tenham sido incinerados: “toda a ficha de cada político, acho que foi queimado, incinerado”.¹⁷⁹

Em maio de 2005, foi criada uma comissão conjunta com membros do Arquivo Público, da Casa Civil, das secretarias de Justiça e Segurança, das Universidades Estadual (UNEMAT) e Federal (UFMT) e o do Ministério Público com a tarefa de localizar e disponibilizar esses documentos à sociedade. Eles ainda podem estar em algum lugar e se foram destruídos resta averiguar se foi pela ação da natureza ou pela ação dos homens.

¹⁷⁶ REINERS, Carlos Jorge. Entrevista concedida a Jeferson Lobato Evangelista em 13 abr. 1995. In: EVANGELISTA, Jeferson Lobato. *Guevarianos Cuiabanos: memórias da resistência ao Golpe Militar de 1964 em Mato Grosso*. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2000, p. 56-57. Projeto de Pesquisa, Mimeo.

¹⁷⁷ Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa pelo Governador do Estado, Fernando Corrêa da Costa, 1965, p. 67.

¹⁷⁸ *Entrevista concedida a Renata Neves Tavares* para a sua dissertação de mestrado: Universidade Federal de Mato Grosso: memórias de uma conquista, 2001, p. 73.

¹⁷⁹ METELO, Wandir. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 05 out. 2004.

Mas a história, como lembra Febvre, “faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem”.¹⁸⁰ É preciso falarmos dos silêncios da história e

questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos”.¹⁸¹

A velha máxima, “se não há cadáver não há crime”, muito utilizada no Direito Penal, não se aplica à História. A ausência de documento é um documento, constitui uma evidência reveladora. Desse período restam muitas dúvidas, muitas marcas e, portanto, estamos longe de colocarmos um ponto final nessa história. Mato Grosso não era um lugar de paz absoluta, também era um espaço de luta, de resistência, tudo feito com muita sutileza. Na época, as pessoas se comportavam como se nada estivesse acontecendo e hoje se comportam como se nada tivesse acontecido.

O Regime soube combinar tão bem desenvolvimento econômico com repressão a tal ponto que na lembrança de muitos brasileiros esse período é considerado uma página linda da nossa história. O sr. Hênio, indignado com a forma como a maioria dos livros abordam a história do período da ditadura militar, pediu que eu contasse a verdade, que colocasse em um alto-falante a sua opinião:

A ditadura militar eu considero o melhor período que o Brasil teve. Todo mundo ganhou dinheiro, todo mundo ficou rico, milionário sem explorar ninguém, mas os esquerdistas, os socialistas, os comunistas que são traidores da pátria! Eles mentem para o povo! Por exemplo, eles falam a era do chumbo, isso é uma vergonha que eu repudio, pode pôr isso. Põe no alto falante!¹⁸²

O sr. Hênio não está sozinho nesta opinião. A visão acadêmica sobre o regime militar é uma, a do povo é outra. As benesses do milagre econômico ecoam mais forte na memória popular. Tortura, repressão e censura, são lembranças características de

¹⁸⁰ FEBVRE apud LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 540.

¹⁸¹ Id. *Ibid.* p. 109.

¹⁸² MALDONADO, Hênio. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 23 NOV. 2005.

uma parcela da população, daquela que sofreu na pele os seus efeitos. O mesmo acontece em relação à imagem que se tem da atuação dos estudantes do período. Uma eleva o estudante a condição de herói, o trata como o revolucionário que queria mudar o mundo. Esta visão foi construída pelos indivíduos que militaram no movimento estudantil de esquerda, ela aparece em livros, filmes, no discurso dos ex-militantes, é tratada como a idade de ouro do movimento estudantil brasileiro. A outra não está em livros, filmes, faz parte da memória dos que eram a favor do Regime, estes consideravam os estudantes militantes de esquerda inimigos da pátria, comunistas ensandecidos, verdadeiros delinqüentes. Havia o estudante desejável, aquele que se dedicava somente aos estudos, que significavam o futuro, a permanência do sistema, e o indesejável, aquele que contestava a ordem vigente.

3.2 O ESTUDANTE: ESPERANÇA DE FUTURO

O processo de industrialização no Brasil iniciado na era Vargas e intensificado no governo JK, gerou a demanda por uma mão-de-obra qualificada e especializada, a universidade passou a ser vista como a instituição responsável por capacitar essa mão-de-obra e o setor expande a oferta de vagas. De 27.253 estudantes matriculados nas universidades brasileiras em 1945, esse número passa para 142.386 em 1964 e para 561.387 em 1971, um crescimento de mais de 500% ao longo da década de 1960, mas que não era o suficiente para atender à demanda.¹⁸³ Para muitas famílias essa significou a oportunidade de ter pela primeira vez uma geração de universitários. Uma vaga na Universidade vinha carregada de expectativas, representava uma forma de ascensão social. Mas ao ingressar no Ensino Superior, o estudante deparava-se com uma realidade diferente daquela almejada, as universidades não estavam estruturalmente preparadas para atender ao crescimento vertiginoso de alunos que nela adentravam. Diante dessa constatação, a luta pela Reforma Universitária tornou-se a

¹⁸³ MISCHE, Ann. De estudantes a cidadão: redes de jovens e participação política. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 5-6, 1997, p. 141.

causa central do movimento estudantil. Em Mato Grosso, onde não havia universidade, os esforços concentraram-se na luta pela conquista de uma.

Os estudantes não constituem uma classe social e sim uma categoria social formada por indivíduos de diferentes segmentos sociais com propósitos diversos e divergentes. Há aqueles que têm uma postura conservadora, outros que são mais radicais, os que se afinam com a Direita e os que optam pela Esquerda, há os que entram para o movimento estudantil com o intuito de fazer carreira política para melhorar a própria vida e a os que o fazem com o objetivo de lutar por causas sociais. É uma condição provisória, assim como a juventude, porém, nem todo estudante é jovem e nem todo jovem é estudante.

Ser estudante num país como o Brasil tornou-se um privilégio. As oportunidades educacionais foram ampliadas no século XX de forma significativa. O filho do trabalhador pobre pôde freqüentar a escola, porém, ter acesso a ela não significou permanecer nela. A necessidade de ajudar no orçamento familiar o obriga a trocar os livros pela ferramenta de trabalho e continuar estudando torna-se um grande desafio. Dessa maneira a maior parte dos integrantes do movimento estudantil brasileiro era composto por jovens oriundos das classes média e alta urbana que comportam uma variação econômica, indo desde a classe média baixa, classe média até classe média alta, bem como uma diversidade ideológica.

As origens da classe média brasileira remontam ao século XIX, sendo formada inicialmente por funcionários do governo, profissionais liberais, militares, pequenos comerciantes e artífices. Esse núcleo urbano foi ampliado pela intensa imigração do século XIX, porém, a sua expansão só se deu no século XX, a partir dos anos de 1940, em decorrência do crescimento das cidades e da industrialização. Embora os militantes do Movimento Estudantil em sua grande maioria fossem das classes médias, assumiam posturas divergentes da sua origem.

Muitos universitários, observa Poerner “chegam a ter vergonha de suas origens abastadas, procurando escondê-las ou a elas se referindo, quando obrigados, com desprezo e sarcasmo, também expressos no propositado desleixo da aparência física”¹⁸⁴. Na pesquisa feita pela revista Realidade em 1967, entre os poucos jovens que

¹⁸⁴ POERNER, Artur José. *O poder jovem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 37.

escolheram o comunismo como o melhor sistema econômico, os ricos eram duas vezes mais comunistas que os pobres e a classe média. Convém lembrar, como aponta Saes, que a classe média urbana “não é um bloco político monolítico, alinhado com a classe dominante, mas um agregado de frações politicamente divididas o bloco das classes dominantes e as classes populares”.¹⁸⁵ Devido a sua composição heterogênea no século XX, o autor prefere utilizar o termo no plural, classes médias ou camadas médias.

O movimento estudantil cuiabano não fugia a essa realidade. Era composto por dois grupos provindos na maioria por jovens da classe média: os que estudavam em outros estados e os que estudavam na cidade, incluindo em ambos os grupos, secundaristas e universitários.

Acontecia no Estado um êxodo de jovens estudantes, ao terminar o segundo grau por volta dos 20 anos geralmente. Aqueles que tinham condições financeiras, os filhos de fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos de alto escalão, profissionais liberais e até os de algumas costureiras, carpinteiros, pequenos produtores rurais que trabalhavam dobrado e juntavam todas as economias da família para realizarem o sonho de ter um filho doutor, de preferência médico, advogado ou engenheiro, dirigiam-se à cidade grande para ingressarem em uma faculdade. Essa situação só começou a mudar a partir dos anos 1950.

Os estudantes mato-grossenses que almejavam cursar o Ensino Superior destinavam-se a outros Estados do país, principalmente para a cidade do Rio de Janeiro, onde se formou uma colônia mato-grossense. Em 14 de julho de 1947, foi criada a Associação Mato-grossense de Estudantes (AME), por estudantes mato-grossenses que lá residiam. Ela nasceu como “uma entidade de caráter instrutivo e de amparo, extensivo aos estudantes de Mato Grosso em geral”.¹⁸⁶ Tinha por objetivos representar a comunidade estudantil mato-grossense junto à União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES), defender os seus interesses diante das autoridades, promover festividades sociais, artísticas, científicas e desportivas e dar aos estudantes mato-grossenses sem

¹⁸⁵ SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1984, p. 09.

¹⁸⁶ MATO GROSSO, Cuiabá. *Estatuto da Associação Mato-Grossense de Estudantes*. Rio de Janeiro, 1949, p. 03.

recursos, recém-chegados ao Rio de Janeiro, abrigo por dois meses. Seu *slogan* era: “AME: símbolo de uma juventude que luta”.

A Associação possuía 5 categorias de sócios: os fundadores, os ativos, os contribuintes, os beneméritos e os honorários. Com exceção dos beneméritos e honorários, todos os outros sócios eram obrigados a contribuir mensalmente com uma quantia. Naquele ano foi fixado o valor de CR\$ 10.00. Em seu Estatuto estava presente a preocupação com a questão da educação que se tornaria a principal bandeira levantada pelo Movimento Estudantil (ME) estadual e nacional, a AME, comprometia-se em lutar pela criação de escolas primárias e profissionais em todos os municípios, colégios em todas as cidades e por Escolas Superiores de Agronomia e Veterinária, Engenharia, Farmácia, Odontologia, Medicina e por uma Faculdade de Direito e Filosofia.

Antes da criação da AME já havia sido criada em 1947, no Rio de Janeiro a Casa de Mato Grosso, um espaço que congregava os mato-grossenses residentes na cidade. A casa funcionava como um ponto de encontro para os conterrâneos matarem a saudade das comidas típicas, das festas, das conversas e para manterem os laços de solidariedade, ajudando aqueles que necessitavam de emprego, de assistência médica, companhia, geralmente os estudantes com menos recurso recém chegados na cidade.

Com a criação da AME, os estudantes passaram a freqüentar preferencialmente a entidade que com o tempo acabou substituindo a Casa de Mato Grosso. A AME não funcionava como um espaço exclusivo dos estudantes, era administrada por eles, porém, qualquer mato-grossense podia freqüentá-la. Nos eventos que promovia como concurso de miss, baile de carnaval, comemoração de Natal, Fim do Ano, baile de formatura, seminários, compareciam as famílias mato-grossenses que moravam lá, estudantes de outros estados, colegas do Rio de Janeiro e representantes políticos do Estado que iam especialmente para participar de alguns eventos. Essas ocasiões serviam também para divulgar Mato Grosso. No salão onde ocorriam as reuniões havia um quadro com a fotografia da capital Cuiabá, o brasão e a bandeira do Estado, um quadro do governador que estava em atividade e outro do Marechal Cândido Rondon, considerado uma espécie de padrinho da entidade. Além disso, serviam para os

convidados, doces, licores, biscoitos, frutas e pratos típicos da região e faziam exposições de fotografias mostrando o Estado.

A primeira sede da AME localizava-se em uma sala alugada na Praia do Flamengo. Em 1957 passou a funcionar em um edifício localizado no Largo do Machado, porém, como o edifício era comercial e residencial, os moradores começaram a reclamar do barulho, o que ocasionou a sua mudança em 1967 para um prédio na rua Corrêa Dutra no bairro do Catete. Os recursos inicialmente provinham do pagamento das mensalidades dos sócios, mas como a inadimplência era alta e a entidade não conseguia pagar as despesas, o governo do estado de Mato Grosso passou a contribuir financeiramente. Pela Lei nº 742 de 18/06/1955, foi declarada entidade de utilidade pública.

No final do ano era realizada uma formatura extra-oficial com a presença dos formandos mato-grossenses de todos os cursos. No jantar de gala que marcava a solenidade era entregue pelo patrono, geralmente, uma autoridade política do Estado, um diploma de Honra ao Mérito. Aquele diploma era como se fosse um troféu. Estudar fora conferia status, o estudante passava a ser tratado com distinção. O governador Pedro Pedrossian (1966-1971) “dizia que Mato Grosso tinha um futuro brilhante, porque os estudantes daqui [da AME] quando voltassem seriam os futuros administradores de Mato Grosso”.¹⁸⁷ De fato muitos integrantes da AME, após a formatura retornaram e passaram a fazer parte do quadro dirigente dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Seu primeiro presidente, Amorésio de Oliveira, se tornou Deputado Estadual, Ramez Tebet, governador, deputado e senador de Mato Grosso do Sul, Salomão Francisco do Amaral, Humberto Canale Júnior de Campo Grande, o ex-governador de Mato Grosso, e outros tantos desembargadores, promotores, juizes, procuradores.

Devido ao *status* desses estudantes seu apoio político era requisitado, a entidade representava tanto os universitários, quanto os secundaristas que no período de férias retornavam às suas cidades de origem, mantendo assim, forte ligação e influência em relação às questões políticas e sociais da região. O candidato a governador do Estado, João Ponce de Arruda, nas eleições de 1955, procurou o apoio

¹⁸⁷ SILVA, Alfredo Ferreira da. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 03 fev. 2006.

dos estudantes mato-grossenses residentes no Rio de Janeiro. “Os moços de Mato Grosso”, assim denominados, formaram na Capital da República, um comitê o Centro Estudantil Pró Ponce de Arruda (CEPPA). Durante a campanha e depois de eleito fazia questão de ressaltar esse apoio:

Os Moços, também, estão com João Ponce. Eles tomaram a posição ditada pelo idealismo. Presentes aos movimentos cívicos de amor à terra natal, não faltaram jamais à cruzada da redenção de Mato Grosso [...]. Os moços, de Mato Grosso, residentes no RJ, formaram na Capital da República, o CEPPA (Centro Estudantil Pró Ponce de Arruda). Congregou, em torno do movimento, a mocidade estudantil da nossa terra, integrada por jovens idealistas, cuja formação moral e cívica dá um “pano de amostras” de real valor nesse gesto de altivez [...]. Os moços escreveram uma página nova na história política de nossa terra. Eles oferecem um exemplo magnífico, nesse gesto de ativa participação da luta, que conduzirá Mato Grosso para os rumos certos do seu glorioso destino.¹⁸⁸

As autoridades políticas buscavam associar sua imagem com a do estudante que era tratado como a esperança da pátria. Conceber o estudante como promessa de futuro é uma forma de considerar a juventude não pelo o que ela é, mas sim pelo que ela pode vir a ser. João Ponce de Arruda apresentava-se um salvador, “o futuro glorioso” e para isso nada do que estar ao lado de um símbolo da esperança.

“Novo Mato Grosso” era o *slogan* do governador Pedro Pedrossian que se definia como um jovem, nesse caso não usa a imagem da juventude como esperança de futuro, procura explorar as características que lhe são atribuídas como: força, idealismo, renovação, criatividade, dinamismo, audácia, coragem. Nos eventos festivos e políticos promovidos pela AME, ACES e UMES quando não estava presente mandava um representante. Por essa razão ter sido chamado publicamente de demagogo pela AME, o deixou preocupado. No III Seminário de Estudos e Debates sobre Problemas de Mato Grosso, evento realizado anualmente na sede da AME que se realizaria de 16 a 20 de outubro de 1968, Pedrossian fora convidado pra fazer uma conferência sobre o tema “O novo Mato Grosso e a juventude mato-grossense”. No dia

¹⁸⁸ BARROS, Ranulpho Paes de. A Mocidade e João Ponce. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 24 jul. 1955. p. 06.

da abertura do seminário já estava na cidade juntamente com o secretário da educação e seus assessores, mas desistiu de participar alegando que não podia comparecer, pois, o momento “não era oportuno”. Lembremos que o ano era 1968. Em resposta à atitude do governador, a AME divulgou uma nota oficial dizendo:

Pedro Pedrossian é um governador da ditadura e tenta empanar essa visão através de atitudes demagógicas com o *slogan* ‘Novo Mato Grosso’. Um governador que se propunha a criar oportunidades aos moços dá neste instante a prova mais cabal de demagogia. [...] o III Seminário de Estudos e Debates dos problemas de Mato Grosso teve um mérito por ter posto em cheque o mito de governo popular do sr. Pedro Pedrossian.¹⁸⁹

O que fez o governador desistir de participar do evento foram os rumores de que durante o seminário haveria manifestações estudantis contra o Regime Militar. A suposta manifestação não ocorreu, as atividades programadas pelo evento foram cumpridas até o fim. Transcorridos alguns dias após o episódio, preocupado com sua imagem perante aos estudantes, Pedrossian foi ao Rio de Janeiro e procurou a AME para se retratar, com esse propósito convidou os membros da diretoria para uma conversa no hotel onde estava hospedado. Alfredo Ferreira da Silva, o presidente da entidade na época acompanhado por mais seis colegas participou da conversa:

Chegou lá nós falamos: - *Vimos falar com o governador Pedro Pedrossian. Ele está aguardando.* Chegou ele e falou: - *Vão sentando.* Não tinha cadeira para todo mundo. Ele falou: - *Senta no chão.* Aí falou: - *Toma alguma coisa?* Nós falamos: - Não. Estava todo mundo com raiva dele. Perguntou de novo: - *Toma alguma coisa?* Nós: - Não. – *Olha, vocês, se não fosse por causa da Célia que está aqui que é moça, eu ia falar um palavrão. Eu já enjoei de dizer para vocês, expliquei pra vocês, o porquê que não vim. O motivo era político e vocês me queimaram como um palito de fósforo. Agora chego aqui, quero reconciliar com vocês, vocês ficam tudo aí, não bebem nada. Conversa daqui, conversa dali e vocês vão ter que tomar alguma coisa.* Aí a turma foi relaxando, ele mandou servir uísque, cerveja, refrigerante. - *E hoje vocês vão almoçar comigo.* Aí descemos para almoçar, no próprio hotel tinha churrasceria. Aí voltamos às boas. Ele falou: - *O que vocês tão precisando aí?* - *Nós estamos precisando do restante do dinheiro pra terminar. Nós estamos terminando de pagar a sede da Corrêa Dutra e as bolsas de estudo dos estudantes que estão atrasadas.* Ele falou: - *Manda amanhã comigo seu tesoureiro, eu vou regressar amanhã e na*

¹⁸⁹ AME chama Pedrossian de demagogo. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 10 nov. 1968, p. 11.

*terça-feira no máximo ele está aqui de volta com todo o dinheiro. Aí mandamos o Isrrael que veio junto com ele. Quando foi na terça-feira o Isrrael voltou com o cheque para pagar a sede da AME e com o cheque para pagar as bolsas de estudos. Aí voltamos às pazes.*¹⁹⁰

Nem todos os estudantes concordaram com “as pazes” feita entre a diretoria da AME e o governador. Em nota de página inteira publicada no Estado de Mato Grosso, criticaram a atitude: “Forças ocultas levaram a AME a voltar atrás: o governador não é mais demagogo. Na nova AME o que é dito hoje pode ser desmentido amanhã. A AME do velho Mato Grosso tinha firmeza de princípios. Já mudaram: AME – símbolo de uma juventude que lutava.”¹⁹¹

Apesar da AME não estar vinculada a nenhum partido político, havia entre ela e o governo uma forte ligação. Desde o início da sua criação sempre contou com ajuda de forças políticas tradicionais de Mato Grosso. Nomes como Fernando Corrêa da Costa (UDN), João Ponce de Arruda (PSD/PTB), José Fragelli (UDN), Dolor Ferreira de Andrade (UDN), Wilson Fadul (PTB), Felinto Muller (PSD) eram figuras presentes na Associação. A ajuda se dava em forma de dinheiro e de favores. Na gestão em que Hênio Maldonado fora primeiro secretário (1958-1959), a entidade recorria a Filinto Muller: “[...] nós nos socorriamos do Filinto Muller que na época era prócer da política brasileira, ele arrumou emprego para um número infindável de mato-grossenses”. O Artigo 73 do Estatuto da AME proibia o envolvimento da entidade em assuntos político-partidários e religiosos, porém, o envolvimento ocorria devido às escolhas dos próprios associados.

É comum o indivíduo carregar consigo as suas concepções de mundo e as transferir para a rede de sociabilidade em que está inserido, a esfera política, religiosa, cultural e social se misturam. Essas entidades não se limitavam ao trabalho de assistência, envolviam-se nas questões políticas referentes ao Estado.

Além da AME no Rio de Janeiro, havia também a Associação Mato-grossense dos Estudantes do Paraná (AMEP), a Associação Mato-grossense dos Estudantes de Goiás (AMEGO) e a Associação Mato-grossense dos Estudantes de São Paulo

¹⁹⁰ SILVA, Alfredo Ferreira da. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 03 fev. 2006.

¹⁹¹ TIJOLO quente. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 03 dez. 1968. p. 04.

(AMESP).¹⁹² Estar vinculado a essas associações servia como um ponto de referência, uma forma de demarcar a condição provisória de estudantes mato-grossense vivendo em outras cidades, era uma forma de manter os elos com Estado de origem, de preservar a identidade. Eles continuavam sendo “os moços de Mato Grosso” vivendo temporariamente em outro lugar. Os estudantes que recebiam assistência dessas associações eram aqueles que Hagemeyer chama de “estudante-retirante”, ou seja, o estudante que saía sozinho da sua cidade, geralmente do interior para as capitais em busca de um diploma e enquanto completava os estudos para se manter longe de casa necessitavam de comida a baixo custo, fornecida pelos restaurantes universitários, morar em pensões, repúblicas ou casas de estudantes.¹⁹³

“Os moços de Mato Grosso” faziam parte da chamada “juventude estudiosa do Brasil” tão enfatizada pelo governo militar. O presidente Costa e Silva dizia ter “profunda fé na juventude estudiosa de meu país, no seu idealismo, sentimento pátrio, inteligência e na sua cultura”.¹⁹⁴ Com isso ele queria dizer que o papel da juventude era estudar, remete à noção de juventude enquanto “promessa de futuro”, a sua hora de assumir o poder ainda iria chegar, no momento lhe caberia estudar e obedecer aos mais velhos. Essa idéia fica explícita na entrevista concedida pelo Ministro da Educação, Flávio Suplicy de Lacerda ao jornal *Correio da Manhã* em 28 de agosto de 1964: “Os estudantes são os homens de amanhã, mas nós somos os homens de hoje. Primeiro o estudante deve estudar, depois se aperfeiçoar na prática democrática no sentido amplo”.¹⁹⁵

O objetivo do discurso era desmobilizar o movimento estudantil, de fazê-lo ficar quieto, de não questionar a autoridade dos “homens de hoje”, os adultos. Costa e Silva prometia ser “um defensor dedicado, firme e leal dos estudantes brasileiros,”¹⁹⁶ a idéia era transmitir confiança, se estivessem do lado “certo”, que significava estar do lado do

¹⁹² UNIVERSITÁRIOS de Mato Grosso querem mais união. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 28 jul. 1968, Ano: 3.265, n: 3.295, p. 07.

¹⁹³ HAGEMEYER, Rafael Rosa. 1968: ano da derrubada do ensino pago no Paraná, p. 108. In: FILHO, João Roberto Martins (org.) *1968 faz 30 anos*. Campinas: Mercado das letras, 1998. p 95-128.

¹⁹⁴ PRESIDENTE diz que tem fé na juventude brasileira. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 23 out. 1968, p. 02.

¹⁹⁵ FÁVERO, Maria de Lourdes de A. *A UNE em tempos de autoritarismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995 p. 61.

¹⁹⁶ PRESIDENTE diz que tem fé na juventude brasileira. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 23 out. 1968, p. 02.

governo, nada lhes aconteceria, o melhor era ser um aliado. A pressão psicológica somada aos exemplos de repressão aplicados pelo Regime aos que professavam ideologias diferentes conseguiu desarticular o movimento estudantil a partir de 1968 e desestimular muitos jovens de participarem das questões políticas do país. Muitos talvez tenham chegado a mesma conclusão que o jovem Luis Eugênio de 17 anos:

Não é entregando-se às festas e excessos de qualquer natureza, às greves e passeatas que conseguiremos vencer os problemas que nos afligem. Por quê? A resposta aí está: essa tática de passeatas e greves não nos parece nova. E qual o resultado? Somos duramente castigados e criticados. O tempo que passamos presos poderíamos aproveitar melhor se estivéssemos nos colégios e universidades, estudando.¹⁹⁷

As autoridades políticas mato-grossenses destacavam o papel da “mocidade estudiosa”, faziam questão de deixar claro que a juventude que apoiavam apresentava ideais nobres e cristãos e era formada por jovens cultos e idealistas que representavam o oposto do estudante comunista, considerado o inimigo da pátria. Na ocasião do III Seminário de Estudos e Debates sobre Problemas de Mato Grosso, promovido pela AME em 1968, saiu a notícia de que estudantes cuiabanos que foram para o Rio de Janeiro participar do evento teriam sido presos. O Secretário de Interior e Justiça, Leal de Queiroz, responsável por averiguar o caso, antes mesmo de investigar dizia ter certeza que “eles não estavam envolvidos em qualquer manifestação subversiva”.¹⁹⁸

A AME, enquanto uma entidade que congregava estudantes, também, sofreu perseguição do Regime, o que protegia seus membros era a relação com as autoridades mato-grossenses. O presidente da entidade entre 1967-68 e 1969-70, Alfredo Ferreira, lembra que em qualquer situação de perigo recorriam ao Marechal Floriano Keller, residente no Rio de Janeiro:

A AME chegou a sofrer pressão, mas nós tínhamos lá um Marechal que era cuiabano, o Marechal Floriano Peixoto Keller, ele já estava na reserva

¹⁹⁷ CARTA do leitor. *Revista Realidade*. São Paulo: Abril Cultural, 1967, p. 07.

¹⁹⁸ ESTUDANTES cuiabanos estariam presos no Rio. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 18 out. 1968, p. 02.

aposentado, mas qualquer coisa que tinha lá, a gente telefonava para ele e ele intervinha a nosso favor. Um dia nós estávamos à noite lá na AME reunidos pra discutir. Pouca gente, só eu e a diretoria. Aí entraram três pessoas lá, fardadas. Aí um colega nosso chamado Teco-Teco que estudava medicina, chegou e falou: - *Olha Alfredo tem três cara aí que quer falar com o presidente e eu acho que são da Polícia Federal, e agora?* - *Acho que esses caras vão me prender.* Aí como a AME tinha uma entrada e uma saída pelos fundos. *Agora vamos fazer o seguinte: vamos falar que você ainda não chegou e que você virá para a reunião e que eles aguardem. Aí você sai por aqui e telefona para o Marechal Keller.* Então, enquanto eles estavam na sala, eu saí fui lá e telefonei para ele, eu falei: *Marechal tem três pessoas aqui, eu acho que são da Polícia Federal, eles estão querendo qualquer coisa, estamos com medo de sermos presos.* Aí ele falou: - *Chama um deles aí e põe no telefone. [...]* Um deles atendeu o telefone e o Marechal falou: - *Pode sair daí, o pessoal daí eu conheço, são meus conterrâneos, não tem nada de comunista, deixa eles aí.* Então eles voltaram. - *Vocês são filhos dá... falaram aquele palavrão, vocês foram incomodar o Marechal, mas vocês me pagam, aí saíram, foram embora.*¹⁹⁹

Independente de ter ou não estudantes do Partido Comunista entre os membros da entidade, o mais importante era passar a imagem de que os mato-grossenses não eram subversivos. Desse mesmo modo agia o jornal O Estado de Mato Grosso, nele os estudantes podiam se manifestar, porém, somente a “mocidade sadia”, livre do vírus comunista.

3.3 O ESTUDANTE: PROBLEMA NO PRESENTE

Subversivo, inimigo da pátria, traidor, anarquista, rebelde, baderneiro, delinqüente, agitador, eram termos usados pelo Governo para classificar o estudante que o contestava publicamente. Livrar o país da sua presença tornou-se uma meta do Regime que achava necessário expurgá-los. Para isso usou todos os meios.

Se hoje é motivo de orgulho ter sido comunista na juventude, o mesmo não acontecia na época. Ser chamado de comunista era considerado uma ofensa, motivo suficiente para levar ao confronto corporal como o ocorrido entre estudantes que participavam em Campo Grande do IV Congresso dos Estudantes Secundaristas de Mato Grosso realizado em 1963 com a finalidade de discutir a Constituição da UMES:

¹⁹⁹ SILVA, Alfredo Ferreira da. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 03 fev. 2006.

De acordo com o temário do IV Congresso de Estudantes, deu-se a reforma da Constituição da UMES. Foi dos espetáculos mais deprimentes que se possa imaginar no seio de uma reunião estudantil! As opiniões se entrecrocavam constantemente, dando lugar aos mais sérios tumultos, culminando com ataques físicos e morais. Esses quadros de tristes “amabilidades” deu-se entre os próprios estudantes campograndenses. Um por ter chamado o outro em plenário de comunista; outro por ter querido defender-se. Daí a briga.²⁰⁰

Os estudantes que discordavam do regime vigente precisavam manter a discrição entre a categoria e principalmente fora dela. Mesmo em Cuiabá, uma cidade considerada tranqüila, ser taxado de comunista acarretava problemas. Edil Borges da Silva, estudante secundarista, em 1954 desistiu da candidatura para presidência do grêmio da sua escola após ser acusado de comunista pela chapa adversária. Em um manifesto aos estudantes, publicado no jornal *O Estado de Mato Grosso*, Edil desabafa:

Não sei como, nem bem porque surgiram pela cidade boatos e campanhas contra um estudante, que dentro da sua juventude vibrante de ideais, esperançoso de vencer na vida, nada mais tem feito se não lutar por cargo que lhe acarretará somente obrigações para com os colegas estudantes. [...] Meus colegas, sou eu a vítima das injustiças de alguns dentre vocês. Sou o apontado como elemento perigoso, como agitador, depredador e comunista. Somente eu posso sentir o efeito de tudo isso. Por que levamos nosso movimento estudantil para o terreno da política internacional; por que os julgamentos prematuros; por que levantarmos falso? [...] Retiro minha candidatura não só para evitar choques e mal entendidos, mas, sobretudo, para mostrar àqueles insensatos, que existe em mim um ponto diferente ao do comunista.²⁰¹

O efeito de uma acusação como esta, dez anos mais tarde, além de trazer problemas pessoais, acarretava prisão. Em maio de 1964, o Presidente da UMES, passou dez dias na prisão. Motivo: “Fui acusado de ter apoiado uma chapa comunista à presidência de um grêmio estudantil, e que talvez tivesse ligação com pessoas subversivas”.²⁰²

O comunismo era visto como o inimigo interno a ser combatido, representava o mal, as trevas, uma praga, um vírus que ameaçava a Segurança Nacional e que,

²⁰⁰ CONGRESSO estudantil: tumulto na reforma constitucional. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 19 fev. 1963, Ano: XXIII, n: 4.233, p. 03.

²⁰¹ SILVA, Edil Borges da. Manifesto aos estudantes. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 18 maio 1954, p. 01.

²⁰² JUCÁ, Pedro Rocha. Lino anuncia novos planos para a UMES. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 14 maio 1964, ano: XXVI, n: 4.479, p. 01.

portanto, segundo as autoridades do país precisava ser banido da sociedade. Foi sendo criada uma imagem extremamente negativa em torno dos comunistas que causava horror entre as pessoas. Marilú, uma jovem de 19 anos, residente no Rio de Janeiro em carta à uma amiga em 1963, expressa o medo da presença comunista: “Você sabe o quanto estamos contaminados pelo comunismo. Para combatê-lo não adiantam meios-termos (como aviso, sermões etc), mas sim meios drásticos. É como a saúva ou o Brasil. Ou se acaba com ela, ou ela com o Brasil!”²⁰³ O presidente da UDN em Mato Grosso, Demosthenes Martins demonstrava a mesma preocupação de Marilú em relação ao comunismo na carta que escreveu ao governador do Estado, Fernando Correa da Costa, em 19 de julho de 1963: “[...] na situação brasileira absolutamente não podemos transigir com comunistas. [...] Serei obstinadamente intransigente. [...] aqui ninguém da UDN quer saber de conluio de comunistas.”²⁰⁴

Bastava uma atitude diferente para que uma pessoa se tornasse suspeita. José Theodósio foi detido em setembro de 1965 e entregue ao 16º Batalhão de Caçadores de Cuiabá, por estar vestido de padre e portar documentos falsos. O elemento – assim chamado – era semi-analfabeto, sem condições, dizia-se ser padre da Igreja brasileira e que acabara de fazer uma viagem a vários países da Europa e da América. José Theodósio foi acusado de ter ligações com elementos subversivos.²⁰⁵

A divulgação de um manifesto convidando os trabalhadores do comércio a não comparecerem as festividades programadas para comemorar o dia do comerciário em novembro de 1968 em Cuiabá levou à prisão de elementos suspeitos de serem comunistas. O manifesto chamado de “Protesto à festa dos patrões”, dizia: “enquanto os patrões se enriquecem à custa do trabalho dos comerciários, o salário que recebem os afundam em dívidas e misérias”.²⁰⁶

Nesses anos imperava a desconfiança de ambos os lados, o opressor desconfiava de todos e os perseguidos desconfiavam de tudo. As perseguições não se

²⁰³ NASCIMENTO, Angelina Bulcão. *Trajatória da juventude brasileira: dos anos 50 ao final do século*. Salvador: EDUFBA, 2002, p. 139.

²⁰⁴ COSTA, Rodolfo César Corrêa da. *Mato Grosso e o Golpe militar de 64: abrangências de uma participação dentro de um universo particular*. Cuiabá, 1989. 51 f. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 1989, p. 28.

²⁰⁵ AGENTE comunista foi preso em Cuiabá. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 14 set. 1965, p. 01.

²⁰⁶ POLÍCIA federal apura em Cuiabá focos de subversão. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 03 nov. 1968, p. 01.

restringiam apenas ao elemento considerado subversivo, mas a todo o seu círculo de relações pessoais: amigos, parentes, vizinhos, colegas de profissão, namorados e qualquer pessoa que se aproximasse do suspeito. Lino de Miranda, presidente da União Mato-grossense de Estudantes Secundaristas (UMES) foi preso em maio de 1964, acusado de ter apoiado uma chapa comunista à presidência de um grêmio estudantil. Lino ficou detido nove dias e meio no 16º Batalhão de Caçadores. Ao ser libertado após provada a sua inocência concedeu uma entrevista ao jornal *O Estado de Mato Grosso*, onde afirma ter sido “tratado da melhor forma possível” e aproveita a oportunidade para agradecer aos oficiais, sargentos, cabos e soldados do 16º BC pela forma amigável com a qual foi tratado:

[...] os nove dias e meio proporcionaram-me conhecer, e considerar como amigos, vários militares do nosso batalhão. [...] O meu interrogatório foi relacionado ao caso da chapa que disseram ter meu apoio. Justifiquei o caso, e graças a minha posição conhecida por todos fui posto em liberdade.²⁰⁷

Ainda que tenha declarado ter sido muito bem tratado no 16º BC, Lino deixa transparecer a tensão vivida por sua família e amigos durante o tempo que passou detido, afinal, tudo poderia acontecer:

Devo ir a Aquidauana a fim de ver os meus familiares, pois num caso desse quem sofre mais é a nossa mãe. [...] Permita-me o amigo endereçar o meu agradecimento a todas aquelas pessoas que me procuram consolar, tanto por meio de palavras carinhosas, como por manifestações de solidariedade, como também aqueles que rezaram por mim.²⁰⁸

A viúva do professor Jucelino Reiners, figura conhecida em Cuiabá, revela que o marido acusado de ser comunista recebeu vários convites para depor no quartel general: “essa perseguição muito prejudicou o Jucelino, causou muita dor, muita tristeza no coração dele”,²⁰⁹ diz dona Eleonora Reiners. As intimações também eram chamadas

²⁰⁷ LINO anuncia novos planos para a UMES. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 14 maio 1964, p. 01.

²⁰⁸ LINO anuncia novos planos para a UMES. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 14 maio 1964, p. 01.

²⁰⁹ *Entrevista concedida a Renata Neves Tavares para a sua dissertação de mestrado: Universidade Federal de Mato Grosso: memórias de uma conquista*, 2001.

de “convite” e funcionavam como uma forma de pressão psicológica. Chico Buarque recebeu vários desses “convites” para depor no DOPS e a esse respeito desabafou:

Eu me sinto um indivíduo vigiado e por isso mesmo marginal. Não é que me tratem mal, mas é uma rotina à qual nunca vou me acostumar. [...] Então, isso perturba minha vida particular e minha atividade de criação. [...] O resultado é um medo, exagerado até, de todos os lados.²¹⁰

Essa era uma forma de pressão contra as pessoas que não derramava sangue, mas gerava angústia, insegurança, medo. Nem só de força vivia o regime militar brasileiro, utilizou também, de muita sutileza e inteligência. Amarrar uma pessoa a uma árvore, por exemplo, e fazer dela tiro ao alvo com cartuchos de festim, não causava morte, mas poderia levar uma pessoa à loucura. Isto foi o que aconteceu com o estudante universitário de Brasília, Alduzio Moreira que foi vítima de um fuzilamento simulado quando a Universidade de Brasília (UnB) foi invadida em 1968. O estudante teve que ser internado no setor de clínica psiquiátrica do Hospital Distrital, visto não ter conseguido suportar as condições “extremamente neurotizantes em todas as arcas do psiquismo”.²¹¹

O governo americano não foi o inventor do anticomunismo, porém, sem dúvida foi o seu maior divulgador, promoveu em seu território uma verdadeira caça às bruxas, aos indivíduos considerados comunistas, conhecida como macartismo. A perseguição ficou mais intensa em 1950, após o discurso do Senador Joe Mc Carthy, no qual declarou perante o Clube das Mulheres republicanas em 12 de fevereiro de 1950, ter uma lista com o nome de 205 comunistas que trabalhavam no Departamento de Estado Americano, a lista jamais apareceu, pois não existia,²¹² no entanto, a denúncia desencadeou uma onda de perseguição que ultrapassou os limites do país e não poupou ninguém. Escritores como Tennessee Williams, Dashiell Hammett e Bertolt Brecht, os atores Charles Chaplin e Orson Welles, entre outros, tiveram a carreira

²¹⁰ ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. & WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWAECZ, Lilia Moritz. (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 347.

²¹¹ CONSEQÜÊNCIA da invasão: estudante à beira da loucura. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 03 set. 1968, p. 02.

²¹² LEUCHTENBURG, William E (org). *O século inacabado: a América desde 1900*. vol. 2. Rio de Janeiro, 1976, p.731.

interrompida em função desse episódio. “Antes morto do que comunista”, era o *slogan* do macartismo que teve sérias conseqüências.

Anos mais tarde, nas décadas de 1960 e 1970, os países latino-americanos tiveram seus dias de caça às bruxas. Os governos ditatoriais da Argentina, Uruguai, Chile e Brasil perseguiram, torturam e mataram indivíduos considerados comunistas. A luta se dava mais no campo da emoção que da razão, pois, o comunismo não era uma ameaça real capaz de dominar o planeta. O governo norte-americano sabia disso, o comunismo nesse país “era tão insignificante quanto o budismo na Irlanda”, compara Hobsbawm.²¹³

Entretanto, esse era um inimigo útil, de forte apelo emocional junto às massas, que colocava os Estados Unidos na posição de mocinho da história. O comunismo não constituía um perigo real, mas era sentido como tal. A população temia uma possível invasão comunista, como se fossem seres vindos de um outro planeta e nesse caso qualquer medida tomada para conter essa invasão recebia apoio popular. Um candidato podia eleger-se usando a bandeira anticomunista, como fez John Kennedy nos Estados Unidos e Getúlio Vargas no Brasil ou ser execrado conforme a ideologia defendida. O mito sobre o comunismo sobreviveu ao tempo, não é raro encontrar pessoas que ainda o abominem. Para a geração nascida e crescida sob o mundo dividido entre o bem, o capitalismo e o mal, o comunismo, ficou uma sombra.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os países envolvidos diretamente nela saíram arrasados, exceto os Estados Unidos cujo território não sofrera ataques, bem como sua economia que continuou crescer durante e depois da guerra. Terminou o conflito como superpotência disputando com a União Soviética a hegemonia mundial. O mundo passou a ser dividido entre capitalismo e comunismo. O Estados Unidos defendiam os interesses capitalistas e a União Soviética os interesses comunistas, ambos os lados baseavam sua política de atuação na corrida armamentista, procuravam garantir a supremacia por meio da posse de armas nucleares, porém, o impacto maior dessa disputa se deu no campo econômico. O Estados Unidos por não ter saído arrasado da Segunda Guerra Mundial, como a União Soviética que ficara em

²¹³ HOBBSAWM, Eric. J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 234.

ruínas, aproveitou o momento pra ampliar seu domínio e consolidar-se como a nação mais poderosa do globo.

A estratégia de dominação começou oficialmente em 1947 quando o presidente Harry Truman declarou ante o Congresso Nacional a postura que o país adotaria a partir de então. Se auto-intitularam como os “guardiões da democracia ocidental” com o direito de intervir política, econômica e militarmente em qualquer país que estivesse ameaçado pelo comunista, esse era o princípio da Doutrina Truman. A ação no campo econômico começou com o Plano Marshall, um projeto de “ajuda” financeira aos países europeus arrasados pela guerra e ao Japão, proposto pelo general George Marshall. O plano tinha por objetivos promover a reconstrução europeia e japonesa para evitar o avanço do comunismo e, sobretudo, assegurar mercado externo para os seus produtos.

Para continuar seu ritmo de crescimento, os Estados Unidos precisavam de novos mercados consumidores para os seus produtos e a América Latina, espaço que durante séculos havia sido dominado pelos impérios europeus, com a perda da soberania destes após a Segunda Guerra Mundial, apresentava-se como um mercado potencial, com a vantagem de oferecer matérias-primas a baixos preços. Assegurar esse mercado e explorar seus bens naturais era o principal objetivo norte americano ao se aproximar dos países latino-americanos. Para isso usou como pretexto a condição auto-conferida de “defensores da democracia no mundo”, representavam o capitalismo, o bem, ao contrário do comunismo o mal.

Ter um inimigo internacional como o comunismo era conveniente para os Estados Unidos porque internamente fortalecia o governo, ajudando-o a ganhar votos no Congresso e conquistar o apoio popular e externamente justificava a sua política de intervenção em qualquer país que julgasse estar “ameaçado” pelo inimigo vermelho.²¹⁴

No Brasil, as relações com o Estados Unidos intensificaram-se a partir da Primeira Guerra Mundial. A medida que o poderio dos antigos impérios inglês e francês declinava, o norte-americano crescia ocupando seus espaços política e economicamente. Sob a forma de empréstimos, venda de equipamentos, estabelecimentos de multinacionais, importações de matérias-primas e exportação de produtos industrializados, o Estados Unidos aos poucos estabeleceram bases sólidas

²¹⁴ Id. Ibid. p. 232.

no Brasil. O que mais impressiona é a dimensão adquirida por essas idéias em um espaço de tempo tão curto. Tanto o “estilo de vida americano” quanto as idéias anticomunistas e as angústias da Guerra Fria alcançaram lugares antes inimagináveis.

Se a situação entre o governo e os estudantes era conflituosa, a partir de 1964, ela se torna insustentável, o diálogo desaparece dando lugar à força. O Ato Institucional n. 01 de 9 de abril de 1964, suspendeu os direitos políticos de todos os cidadãos e a Lei n. 4.464 de 9 de novembro de 1964, de autoria do Ministro da Educação, Flávio Suplicy de Lacerda, do Governo Castelo Branco, proibiu o Movimento Estudantil no país. A Lei tinha por objetivo desestruturar o movimento, para tanto extinguiu a União Nacional dos Estudantes (UNE), as uniões estudantis metropolitanas, municipais e estaduais, a União Brasileira de Estudantes Secundários (UBES), ou seja, todos os órgãos de representação estudantil.

No lugar dessas entidades, o Governo elaborou uma nova estrutura, a UNE foi substituída pelo Diretório Nacional dos Estudantes e as Uniões Estaduais pelos Diretórios Estaduais. Esses órgãos estavam ligados diretamente ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), cabendo a ele estabelecer data e normas para as eleições, o número de participantes dos Diretórios Acadêmicos e o seu período de funcionamento que deveria ser somente nas férias.²¹⁵ Em suma, isso significava o fim da autonomia para o movimento estudantil brasileiro. Nas palavras de Artur José Poerner: “— Calem-se para sempre! — eis a mensagem das autoridades de abril, através da Lei, aos jovens do seu país”.²¹⁶

Mas a mensagem não foi ouvida e ao invés de se calarem, os estudantes adquiriram força para gritar mais alto. A Lei Suplicy não conseguiu destruir o movimento estudantil, pelo contrário, acabou fortalecendo-o, pois os estudantes tiveram que se unir para enfrentá-la. Cada ação precisava ser calculada. Qualquer atitude poderia ser interpretada como suspeita. Como sobreviver em tempos tão difíceis?

O acadêmico da Faculdade de Direito de Mato Grosso de 1964 a 1969, Benedito Flaviano de Souza, militante ativo, assim como seus colegas de outros Estados criaram

²¹⁵ POERNER, Artur José. *O poder jovem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 231-232.

²¹⁶ Id. Ibid. p. 232.

meios para fugir da vigilância. Os estudantes cuiabanos não eram cordatos como queriam demonstrar as autoridades locais, apenas tinham que agir veladamente:

[...] a gente inventava até assim códigos, eu mesmo tinha um código que escrevia para pessoal lá no Rio, pros estudantes meus amigos. Tinha um código de eficiência, mandava e recebia mensagens. Eu escrevia as minhas correspondências, falava o que eu queria falar e dentro dela estava embutida uma outra correspondência que só eu e a pessoa que recebia sabia. Agora nunca descobriram porque eu nunca fui preso e você é a primeira que está sabendo, certo! E como eu, tinha outros também tinham. São meios pelos quais você consegue sobreviver em determinados momentos. Você tem que sobreviver, você tem fazer de tudo pra continuar vivo e às vezes o “de tudo” não é suficiente, você tem que fazer de tudo e mais um pouquinho. [...] Nós fazíamos de tudo, o possível e chegava ao impossível até onde podia.²¹⁷

O Regime Militar possuía seus serviços de informações eficientes. Não era fácil escapar aos olhares e ouvidos atentos dos agentes do Serviço Nacional de Informação (SNI), do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), da Polícia Militar, do Exército, da Polícia Federal, da Força Pública, da Guarda Civil, enfim de todo o aparato de Segurança do Estado que formava uma rede de repressão. Nesse período a Justiça Militar brasileira estava estruturada através de Circunscrições Judiciárias Militares (CJM) e de outros órgãos de segurança como: Serviço Nacional de Informação (SNI), Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), Departamento de Polícia Federal (DPF), Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), entre outros. O DOPS, o DPF e o DOI-CODI tinham poder para investigar, prender, interrogar e conforme denúncias muitas vezes torturaram e mataram. Em Mato Grosso havia uma CJM localizada na cidade de Campo Grande e um DOPS em Cuiabá.

As Forças Armadas se preparavam para uma guerra, montaram um esquema organizado e ágil. Travou-se uma guerra silenciosa que agia por meio de interrogatórios, escuta telefônica, investigações sigilosas, armazenamento e processamento de informações acerca de atividades consideradas oposicionistas.²¹⁸

²¹⁷ SOUZA, Benedito Flaviano de *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 15 nov. 2004.

²¹⁸ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil nunca mais: um relato para a história*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 72.

Wandir Metelo, um cuiabano que fazia o Curso de Formação de Oficiais no Rio de Janeiro em 1964, recorda da preparação que recebia para defender a pátria contra o ataque dos inimigos subversivos que ameaçavam a tranqüilidade pública:

O curso por incrível que pareça, aquele tempo a guerra... como era Revolução, o que eles davam maior atenção era formação, maleabilidade, estudos sociais. Inclusive a Escola Superior de Guerra fazia esse trabalho completo, grupo de choque, exigia muito isso aí: combater movimento revolucionário. Estudava-se guerrilha e os grupos políticos, a formação de grupos políticos, a composição, correntes políticas: centro, esquerda, direita. Estudava também a parte que cabia os países socialistas, Teoria geral do estado, Teoria de Engels, marxista, leninista.²¹⁹

Enquanto a polícia se especializava em reprimir os movimentos de contestação ao regime militar, os integrantes desses movimentos especializavam-se em fugir da repressão. Quando falar pelo telefone representava um risco, a solução era buscar outros meios para comunicar-se sem levantar suspeitas. A conversa, por exemplo, podia ser durante uma partida de futebol:

Aí a gente se reunia, por exemplo, no Colégio Estadual, hoje Liceu Cuiabano, se reunia lá, falava sobre assim torneio de futebol e aí naquele torneio de futebol a gente tratava de outros assuntos e aí espalhava no ouvido de cada um e se tivesse que fazer alguma coisa, era feito. [...] Contra força é besteira você não consegue, era mando militar, não tinha jeito, aí então vamos sair pra outra.²²⁰

Mas essa sutileza do movimento estudantil necessária nos anos do Regime Militar não durou por muito tempo. Nem a Lei e nem mesmo a força foram capazes de calar os estudantes. 1968 foi o ano da explosão, toda a insatisfação, o ódio contra o regime que estava represado vieram à tona. Já não era possível ser discreto. Foi o ano do Ato Institucional nº 5 (AI-5) que fechou o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas dos Estados e as Câmaras de Vereadores dos Municípios, suspendeu os direitos políticos dos opositoristas, bem como a garantia do *habeas-corpus*, decretou a

²¹⁹ METELO, Wandir. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 05 out. 2004.

²²⁰ SOUZA, Benedito Flaviano de *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 15 nov. 2004.

intervenção federal em várias cidades e cassou o mandato eletivo de muitos políticos e intensificou ainda mais a repressão aos movimentos de contestação ao Governo.

Porém, o estopim da explosão foi o assassinato de um jovem de 18 anos, Edson Luís de Lima Souto, de Belém do Pará que foi para o Rio de Janeiro estudar no Instituto Cooperativo de Ensino, uma escola profissionalizante de segundo grau que ficava anexo ao Calabouço, nome do restaurante da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, local do crime. No dia 28 de março uma tropa da polícia militar invadiu o restaurante a procura de indivíduos considerados subversivos que, possivelmente, se encontravam ali, disparando vários tiros. Um deles atingiu Edson Luís que morreu na hora.²²¹

A reação dos estudantes foi imediata, levaram o corpo do colega para a Assembléia Legislativa e fizeram do velório um protesto, o primeiro de uma série que iria ocorrer durante aquele ano e mobilizar milhares de pessoas pelo país. A maior passeata, foi a realizada em 26 de junho no centro do Rio de Janeiro, que conseguiu reunir cerca de cem mil pessoas de vários segmentos sociais. A multidão reunida serviu para mostrar o descontentamento da população com o regime e a força dos estudantes que estavam à frente da maioria das manifestações atuando como líderes.

A condição de estudante torna o indivíduo mais livre dos compromissos do cotidiano. Participar de uma passeata às 12:30 torna-se mais fácil para um estudante que para um operário, um bancário, um professor, um jornalista, uma dona de casa ou para qualquer outro profissional. É uma espécie de moratória antes de se assumir as responsabilidades da vida adulta, a flexibilidade de horários nesse período da vida para o jovem que não precisa colaborar com o orçamento doméstico é maior.

Não considero o jovem um ser naturalmente rebelde; entendo-o como um ser historicamente situado, fruto do seu tempo, um agente do processo histórico. Os protestos da juventude ocorridos em 1968, em várias partes do mundo que impressionaram a sociedade pela magnitude e força, sobretudo o Maio Parisiense e a Primavera de Praga, tinham características próprias. Havia uma situação de opressão, de conflito pré-existente vivida por toda a sociedade que os levaram a lutar como porta-vozes.

²²¹ POERNER, Artur José. *O poder jovem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 293-294.

A Organização das Nações Unidas (ONU)²²² registrou no ano emblemático de 1968 manifestações estudantis em cerca de 50 países, entre eles: Espanha, México, Japão, Chile, Alemanha Ocidental, Uruguai, Bélgica, Itália, Panamá, União Soviética, Estados Unidos, Tchecoslováquia, Argentina, Polônia, China, França, Brasil e Iugoslávia. Em cada país a luta deu-se em torno de uma causa. Nos Estados Unidos, as manifestações foram contra a Guerra do Vietnã. Na Tchecoslováquia, reivindicava-se um socialismo de face mais humana. Na França, travou-se uma luta pela transformação do sistema educativo que adquiriu proporções gigantescas e, no Brasil, a luta deu-se contra a Ditadura Militar. Os motivos dos protestos não eram os mesmos, o que tinham em comum era a forma de enfrentar o poder estabelecido, sem medo de expressarem os seus pensamentos.

Esse tipo de jovem que passa a questionar além da autoridade paterna, também a autoridade do Estado, torna-se um problema no presente para os governantes porque ameaça a continuidade do sistema vigente que o trata como “delinqüente”.

3.4 “OS ESTUDANTES FIZERAM PASSEATA EM CUIABÁ: NÃO ERA SUBVERSÃO; ERA A UNIVERSIDADE FEDERAL”

Ter uma escola de nível superior era um sonho antigo dos mato-grossenses marcado por tentativas, a maioria delas sem sucesso. A primeira experiência se deu em 15 de agosto de 1808 com a implantação do curso de Anatomia e Cirurgia na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, então, a capital do Estado. Ainda no século XIX, foram criados em 1858, em Cuiabá o Seminário Episcopal da Conceição destinado à formação nas áreas de Teologia, Moral e Letras e o Liceu de Línguas e Ciência em 1879. No século XX, em 1930 foi criado em Campo Grande a Faculdade Mato-

²²² CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2001, p. 76.

grossense de Farmácia e Odontologia e em 1934, em Cuiabá, foi fundada a Faculdade de Direito de Mato Grosso.²²³

A história do Ensino Superior no Estado começou no século XIX, mas foi no século XX, após inúmeras tentativas, que Mato Grosso conquistou a tão sonhada Universidade. Em 28 de novembro de 1934, foi criada a Faculdade de Direito de Cuiabá. Através do Decreto-Lei nº 87 de 1936, ela passa a se chamar Faculdade de Direito de Mato Grosso. Porém, no ano seguinte, devido a problemas com o corpo docente o estabelecimento é fechado.²²⁴ Dezesete anos depois, em 31 de janeiro de 1954, a Faculdade volta a funcionar, mas no final de 1955, por irregularidades no seu funcionamento ela é novamente fechada. Mas o Estado, representado pelo governador João Ponce de Arruda, recorre da decisão do Governo e legaliza a situação da Faculdade, obtendo-se assim do Presidente Juscelino Kubistchek, pelo decreto n. 40.387 de 20 de novembro de 1956, autorização para o seu funcionamento.²²⁵

A partir de então, as suas atividades transcorrem regularmente e não mais é fechada, sendo incorporada à Universidade Federal de Mato Grosso em 1970. . Isso representou para o movimento estudantil da cidade o fim de uma luta que se arrastava há anos e o início de uma nova fase. A reabertura da Faculdade em 1954, mesmo com a sua posterior interrupção em 1955, acarretou mudanças significativas no meio estudantil mato-grossense, uma vez que possibilitou a permanência na cidade de inúmeros estudantes que teriam que se deslocar para outros Estados em busca do Ensino Superior.

Os integrantes da primeira turma que contava com 76 alunos, de ambos os sexos, eram em sua maioria pessoas residentes em Cuiabá. Entre eles figuravam: um médico, um engenheiro civil, vários engenheiros agrônomos, jornalistas, professores, oficiais do exército, farmacêuticos, dentistas, contadores, altos funcionários, enfim,

²²³ FREITAS, Renata Neves Tavares de Barros. *Universidade Federal de Mato Grosso: memórias de uma conquista*. Cuiabá: UFMT, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2001, p. 52-53.

²²⁴ FREITAS, Renata Neves Tavares de Barros. *Universidade Federal de Mato Grosso: memórias de uma conquista*. Cuiabá: UFMT, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2001, p. 53-54.

²²⁵ Mensagem apresentada pelo Governador do Estado João Ponce de Arruda, por ocasião da abertura da sessão Legislativa de 13 jun. 1957, p. 17.

elementos da elite. Os primeiros alunos não tinham um perfil jovem, eram pessoas mais experientes. Somente aos poucos este aspecto vai mudando.²²⁶

A falta de Ensino Superior em Mato Grosso dispersava o Movimento Estudantil, ainda que os estudantes mantivessem ligações com a terra natal. Com a criação da Faculdade de Direito, o movimento ganha maior unidade e representatividade. Alguns estudantes que faziam faculdade em outros Estados, retornaram à cidade, transferindo o curso e outros tantos deixaram de ir embora.

Silva Freire, mato-grossense que cursava Direito no Rio de Janeiro, ex-presidente da Associação Mato-grossense de Estudantes (AME) e secretário-geral da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1956, estava presente na discussão e votação do parecer que autorizou a reabertura da Faculdade e escreveu uma carta endereçada aos colegas e conterrâneos intitulada “Carta de Alegria aos Colegas da Faculdade de Direito de Mato Grosso”, onde conta a emoção que sentiu ao assistir a decisão:

Finalmente, deixou de ser apenas uma escola de fato para sê-la e de fato e de Direito, a mais jovem Faculdade de direito do Brasil, a de Mato Grosso! Felizmente, após a tempestade surge a bonança e a certeza de dias melhores para a cultura cívico universitária do nosso Estado natal. Conterrâneos e colegas, neste instante em que redijo esta Carta de alegria, venho de assistir à discussão e votação do parecer favorável de autoria do Conselheiro, Dr. Celso Kelly, do Conselho Nacional do Ensino, e relator do nosso processo, que dá autorização ao funcionamento legal à nossa Caçula. [...] Mato Grosso e sua juventude que trabalha e que estuda, naquele instante, afundado na poltrona do recinto augusto, se me apresentavam em festas que desenvolviam em minha retina vivendo todo longo e intenso período de lutas, desde o Congresso Nacional em Goiânia, em 1953, até agora, às portas do XIX Congresso Nacional, na Universidade Rural, do estado do Rio. E quantos pedidos, durante esse lapso de tempo; quantas súplicas, aqui e ali, quanta humilhação e reformas íntimas unidas a um só desejo público. [...] Agora colegas, podemos respirar: Mato Grosso deixou de ser o Campeão Negativo do Ensino Superior Brasileiro, conceito pejorativo como era tido nos conclaves universitários... e neste próximo Congresso Nacional poderei voltar à tribuna para dizer ao Brasil do nosso contentamento inicial. [...] Vencemos, pois, a primeira batalha, mas a guerra prossegue! Queremos a Faculdade de Agronomia e Veterinária, na Serra de São Vicente! Avante juventude de Mato Grosso. Vençamos a Bastilha da penumbra intelectual.²²⁷

²²⁶ ALENCAR, Claudino de. A Faculdade de Direito de Mato Grosso. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 13 jan. 1955, p. 01.

²²⁷ FREIRE, Silva. Carta de alegria aos colegas da Faculdade de Direito de Mato Grosso. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 15 jul. 1956, ano: XVII, n. 2.842, p. 02.

Na carta, Silva Freire também faz um desabafo em que revela a luta enfrentada para conseguir uma escola de nível superior. Nesse período, além de Mato Grosso, ainda não tinha uma universidade os Estados de Sergipe e do Piauí. No início ela era um sonho e depois tornou-se uma necessidade. Federalizada pela Lei n.3.877 de 30 de janeiro de 1961, a Faculdade de Direito de Mato Grosso não mais seria fechada, porém, o Estado por muito tempo continuou ainda na “penumbra intelectual”. Como previa Freire, a primeira batalha havia sido vencida, mas a guerra não. Na verdade estendeu-se ainda por muitos e muitos anos. A Faculdade de Agronomia veio a ser implantada em 1975 e a de Veterinária em 1995.

O mais importante nessa história não foi a implantação do ensino superior em si, mas o que a luta por sua conquista resultou. A partir do momento em que a Faculdade de Direito foi reaberta em 1954, o movimento estudantil do Estado adquiriu uma nova dinâmica. Mesmo tendo sido fechada em 1955 e reaberta no ano seguinte, mesmo com a falta de professores e apesar do seu número de vagas não ser suficiente para atender à demanda de alunos saídos do segundo grau existentes, ainda assim, a sua existência foi muito importante. Era motivo de orgulho, de esperança, símbolo de progresso com sabor de novidade. O primeiro trote realizado pelos alunos da faculdade, virou atração na cidade com direito a público:

Dentro de poucos dias estamos seguramente informados, a Faculdade de Direito de Mato Grosso realizará o trote de seus Calouros. E a primeira vez que a nossa cidade assistirá a essa festa estudantil, tão comum em todos os lugares onde existe escola superior, despertando grande e geral interesse. Naturalmente, ainda não será o trote na mesma proporção que se verifica em outros centros. Assim, apenas teremos uma apresentação nos novos alunos em público, certamente em trajes variados com cartazes alegóricos, contos, música, demonstrações e outros divertimentos, tudo é claro em pequena escala, compatível com uma brincadeira a ser agora realizada entre nós. [...] Entre nós, o trote além de sua finalidade essencial, terá ainda, dois outros alcances poderosos, fará a propaganda na nossa Faculdade e proporcionará momentos de animação a nossa cidade, que sem dúvida, terá muita curiosidade em ver um espetáculo inédito à maioria da população cuiabana.²²⁸

²²⁸A FACULDADE de direito e o trote. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 12 abr. 1955, ano: XV, n. 2.544, p. 01.

A reabertura da Faculdade impulsionou novas atividades educacionais, como a abertura do curso preparatório para o exame de admissão, prova que se fazia semelhante ao vestibular para ingressar no curso superior. Foi criado o primeiro Centro Acadêmico, ao qual deram o nome VIII de Abril, data de aniversário de Cuiabá, e a União Mato-Grossense dos Estudantes Secundários (UMES). Esses espaços de socialização eram importantes para a juventude, pois, possibilitavam mais tempo de convivência entre eles, longe dos pais e dos professores. Tempo suficiente para trocarem confidências, experiências, planejarem protestos, organizarem festas, namorarem longe dos olhares paternos.

O ME cuiabano com a reabertura da Faculdade de Direito em 1954, passara por uma fase de ascensão. Em 1960, ele conseguiu uma coluna no jornal *O Estado de Mato Grosso*, denominada “Atividades Estudantis”, publicada semanalmente aos domingos que funcionava como uma canal de divulgação dos acontecimentos e resoluções referentes a categoria. O jornal concedeu o espaço com a condição de que nele fossem:

[...] ventilados os assuntos correlatos à vida estudantina, em linguagem elevada [...] Nesses moldes aqui se sucederão as críticas construtivas, os louvores justos, as reivindicações e o pensamento da classe com combate às ideologias malélicas e profanas que pouco a pouco procuram infiltrar na mente dos moços, corrompendo-os, inutilizando-os; e o incentivo por uma juventude sadia, por um Mato Grosso mais prospero e por um Brasil cada vez melhor.²²⁹

“Uma juventude sadia” significava uma juventude a favor do governo, sem contato com as “ideologias malélicas”, ou seja, as idéias do comunismo, o inimigo que de acordo com o Regime Militar ameaçava a Segurança Nacional. Para o Regime, a juventude era formada por indivíduos inocentes, presas fáceis para o comunismo que podia infiltrar-se em seu meio e corrompê-los. Em 1963, um novo espaço na mídia foi garantido, dessa vez no rádio. A ACES passou a comandar o programa “Encontro Estudantil” que ia ao ar aos domingos pela rádio Voz do Oeste. Após o Golpe de 1964, essas atividades foram interrompidas.

²²⁹ REIS, Amilton dos. Coluna estudantil. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 15 set. 1960, p. 03.

O clima de otimismo entre os estudantes era tão grande que Amilton dos Reis, um deles, propõe em 1960 a criação de um partido próprio para a categoria, o “Partido Estudantil Mato-Grossense (PEM):

[...] Sobre a força que possui a classe estudantil, quando unida, muito se tem falado, ao ponto mesmo de chamá-la “a quarta força do estado”, exemplos os mais expressivos estão aí, a corroborar o que afirmamos. [...] E se, ao invés de dar cobertura a um candidato qualquer, que muitas vezes mal conhecemos, lançássemos um candidato estudante? Não seria mais justo? [...] Eleito o candidato estudante, teríamos certeza de que os nossos problemas seriam debatidos nas câmaras e assembléias com mais carinho, com mais interesse. Estaríamos mais seguros de que as promessas que nos são feitas seriam de fato cumpridas, como geralmente não acontece, mormente em Mato Grosso e principalmente em Cuiabá. O ideal seria a criação de um partido próprio de um “PEM” Partido Estudantil Mato-grossense, por exemplo. Não obstante, organizar o eleitorado estudantil, arregimentar esse volume imenso de forças em favor de candidatos nossos, de estudantes, - com certeza de vitória - é bem possível. Mato Grosso tem em números redondos, dezessete mil secundaristas, dos quais cerca de trinta por cento são eleitores.²³⁰

O Partido Estudantil Mato-Grossense não passou de uma idéia, contudo o ME da cidade continuou a crescer até o Golpe de 1964, que marca um refluxo no Movimento. A partir daí a luta se concentrou em torno da conquista do Ensino Superior para o Estado.

Quando se estuda o movimento estudantil brasileiro na segunda metade do século XX, chama a atenção a intensa participação dos estudantes secundaristas. Ela é tão importante quanto a dos universitários, embora a destes últimos seja mais valorizada. Isso se deve em função da universidade ser um privilégio de poucos, uma esperança de ascensão social, aquele que a frequenta adquire prestígio e conseqüentemente, quaisquer que sejam as suas ações elas recebem maior destaque.

Os estudantes de nível médio formavam um contingente maior e mais diversificado, o que possibilitava a defesa de interesses mais amplos, visto que, os seus componentes originam-se das classes populares, média e alta, ao contrário dos estudantes universitários em que há um funilamento predominando alunos provenientes dos setores médio e alto. Lutar contra o aumento das passagens de bonde, pelo direito de pagar meia passagem nos ônibus urbanos, contra o aumento de taxas escolares,

²³⁰ REIS, Amilton dos. O estudante e a política. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 11 set. 1960, p. 05.

significava defender interesses ligados diretamente às classes populares. A União Nacional dos Estudantes (UNE), criada em 1937, era a entidade máxima da categoria, mas ao seu lado havia a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), criada em 1948, e as entidades estaduais e locais.

Nas cidades onde o ensino superior era incipiente como era o caso de Cuiabá, cuja primeira universidade foi fundada em 1970, a força do movimento estudantil provinha dos secundaristas, sua participação foi decisiva para a consolidação do Movimento Estudantil da cidade. Eles eram representados pela Associação Cuiabana de Estudantes Secundários (ACES) que tratava dos interesses dos estudantes como emitir carteira de estudante para assegurar-lhes o direito de pagar meia passagem, intervir em situações de conflito entre alunos e a escola, como ocorreu em 1962, quando dez estudantes de uma escola evangélica em Buriti, localidade próxima a Cuiabá, foram expulsos:

Após serem expulsos, os alunos procuraram apoio junto à Associação Cuiabana dos Estudantes Secundários e as autoridades estaduais [...] A ACES, que sempre esteve à frente dos acontecimentos estudantis, vem trabalhando de uma maneira categórica, para uma reconciliação entre os alunos e a direção daquela Escola. [...] no caso de não conseguirem a reconciliação será impetrado Mandato de Segurança.²³¹

Além disso, a entidade funcionava como uma casa de apoio com biblioteca e serviço de atendimento médico. Já a União Mato-grossense de Estudantes Secundários (UMES), criada em 31 de maio de 1954, cuidava dos interesses dos estudantes do Estado. A sua função era buscar unir o movimento, ir até as cidades do interior para tomar conhecimento das suas necessidades e buscar solução junto às autoridades competentes e também representá-los frente ao cenário nacional. Para tanto, as viagens pelo interior do Estado e pelo restante do país eram constantes:

Encontra-se no Rio de Janeiro o Presidente da União Mato-grossense dos Estudantes Secundários (UMES), Sr. Pedro Alves Ferreira, que foi tratar de assuntos que se relacionam com os interesses da classe. O estudante Pedro Alves Ferreira pretende avistar com o Presidente da República, com os

²³¹ ATIVIDADES estudantis. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 03 maio 1962, p. 02.

Governadores dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, e ainda com os Prefeitos de todas as cidades mato-grossenses, onde existam cursos secundários, para obter recursos indispensáveis à concretização da “Casa do Estudante Mato-grossense”. Vai, assim, a entidade que completará a 31 de Maio próximo o quinto ano de sua existência, cumprindo o seu programa de lutar pelos ideais de sua classe e de promover o intercâmbio com os estudantes de outros Estados do Brasil. Em julho vindouro promoverá a UMES o primeiro Congresso Estadual dos Estudantes Mato-grossenses.²³²

Essas viagens colocavam o ME do Estado em consonância com o que ocorria no restante do país. Lino de Miranda, Presidente da ACES, em 1962 deixou o cargo para assumir a vice-presidência da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES).

Quer seja na luta contra o aumento das passagens de bonde no Rio de Janeiro em 1956, na campanha nacionalista contra a exploração do subsolo brasileiro por empresas estrangeiras com o slogan “O petróleo é nosso” que resultou na criação da Petrobrás em 1952 e na defesa dos seus próprios direitos como nos protestos de 1959, contra a elevação das taxas escolares que resultou em uma greve nacional, quer seja, na defesa do direito de pagar meia passagem nos ônibus urbanos de Cuiabá que estava sendo ameaçada em 1963, lá estavam os estudantes secundaristas a reivindicarem os seus direitos. Com a reabertura da Faculdade de Direito em 1954, o movimento estudantil cuiabano passou a contar com a participação de universitários, entretanto, os secundaristas continuaram atuando.

Após a conquista da Faculdade, o objetivo passou a ser a Universidade. Em torno desse objetivo, a juventude estudantil mato-grossense mobilizou-se, muitas lutas foram travadas até a implantação da Universidade Federal de Mato Grosso em 1970. Mato Grosso foi uma dos últimos estados do país a ter Universidade. Em 1964, o Governador do Estado, Fernando Corrêa da Costa, lamentava a situação:

Dentro da Federação Mato Grosso está entre os 4 que não possui Universidade e a companhia não é lisongeira: Acre (mais novo e mais afastado estado; Piauí o mais pobre Estado e Sergipe e menor Estado do Brasil, que não tendo Universidade tem 6 Faculdades particulares).

²³² NO RIO o presidente da UMES. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 05 mar. 1959, p. 02.

A rivalidade entre Cuiabá, a capital ao norte do estado e Campo Grande, ao sul que resultou na divisão do Estado, retardou o processo de implantação da Universidade Federal. Nos demais estados brasileiros as primeiras universidades federais foram construídas na capital, sem discussão. Já em Mato Grosso não havia consenso, a disputa interna entre a capital e uma cidade do interior conferiu um caráter específico ao processo.²³³

Em 1968 o que levou os estudantes cuiabanos às ruas foram as manifestações para reivindicar a construção da sede da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) em Cuiabá. Após a Lei Suplicy de Lacerda de 1964 que procurou desmobilizar os movimento estudantil brasileiro, os estudantes cuiabanos só voltaram a se manifestar publicamente em 1967, impulsionados pela notícia do início da construção da cidade universitária em Campo Grande. O que estava em jogo não era a criação da universidade em Mato Grosso e sim a localização da sua sede. Onde deveria ser instalada? Cuiabá ou Campo Grande?

O movimento reuniu estudantes secundaristas e ginasianos de várias escolas, alunos da Faculdade de Direito de Mato Grosso, do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, bem como professores, políticos, donas-de-casa, comerciantes, a imprensa, a igreja em prol da criação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Tratou-se, como classifica Renata Freitas, de um movimento cidadão, pois, “além de ter ocorrido no cenário da cidade aglutinou diversos segmentos sociais [...] engajados na reivindicação de um bem de interesse coletivo”.²³⁴

A iniciativa partia dos estudantes e depois contava com a adesão dos outros setores da sociedade civil. O Centro Acadêmico VIII de Abril da Faculdade de Direito e os grêmios estudantis de algumas escolas de segundo grau funcionavam como comitês para a organização de passeatas, abaixo-assinado, comício, confecção de cartazes, faixas e panfletos. Uma panfletagem na Exposição Agropecuária de julho de 1967 em que os estudantes espalharam cartazes convocando a população a participar da luta pela criação da universidade, marcou o início das manifestações. Em seguida foi

²³³ FREITAS, Renata Neves Tavares de Barros. *Universidade Federal de Mato Grosso: memórias de uma conquista*. Cuiabá: UFMT, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2001, p.101-118.

²³⁴ FREITAS, Renata Neves Tavares de Barros. *Veredas da memória: a conquista do Ensino Superior em Mato Grosso*. Cuiabá: EdUFMT, 2004, p. 58.

realizada uma passeata pelas ruas do centro da cidade que terminou na Praça Alencastro, em frente ao Palácio do Governo, com o acampamento de um grupo de estudantes que prometiam permanecer no local até a criação da Universidade. Uma tocha que acompanhou os manifestantes durante todo percurso serviu para ascender uma pira no coreto da Praça e marcar o ato. O acampamento durou apenas algumas semanas, mas os protestos continuaram até instalação da UFMT em Cuiabá.

As próximas medidas de destaque aconteceram em 1968, a começar pelo abaixo-assinado empreendido pelos estudantes a fim de conseguirem assinaturas suficientes para pressionar o Governo Federal a analisar o projeto de universidade para Mato Grosso, de autoria do professor Jecelino José Reiners e que estava no Ministério da Educação. Durante duas semanas estudantes secundaristas se revezaram na Praça da República para colherem as assinaturas que foram entregues por uma comissão ao ministro Tarso Dutra. Antes de viajarem para a audiência no Rio de Janeiro, os estudantes pediram o apoio do Governador Pedro Pedrossian que decidiu acompanhar a comissão. A imprensa cuiabana se empenhou em noticiar tudo o que se relacionava com a criação da Universidade, destacando sempre o papel da “mocidade mato-grossense”:

Um grupo de estudantes tendo à frente as acadêmicas Helise Curvo de Arruda e Lúcia Palma de Arruda estão dando o máximo para concretizar a Universidade de Mato Grosso. Estas jovens dinâmicas já estiveram na GB sendo na ocasião focalizados na página estudantil de “O Globo”. Agora estão realizando reuniões e organizando comitês em todos os pontos do Estado para trabalhar com maior expansão, a fim de atingir a meta. O governador do Estado que é outro jovem pra frente, irá por certo, dar todo o seu apoio à justa aspiração destes jovens que é a mesma de toda a mocidade mato-grossense.²³⁵

A imprensa tentava passar a imagem de uma juventude “ordeira”, “passiva”, cujas manifestações se diferenciavam das ocorridas em outras cidades do país contra a Ditadura Militar. As manifestações realizadas pelo movimento estudantil cuiabano não

²³⁵ INSTANTANEOS Sociais. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 11 ago. 1968, p. 03.

eram consideradas subversão pelos jornais. Quando o projeto de construção da sede da Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá foi aprovado em 29 de outubro de 1969, na primeira página de O Estado de Mato Grosso saiu a manchete: “Os estudantes fizeram passeata em Cuiabá: não era subversão; era a Universidade Federal”. Mas para a polícia tratava-se de subversão, sim. Qualquer manifestação envolvendo estudantes era vista como ameaça.

O próprio jornal não conseguia esconder a posição da polícia. Em uma das maiores passeatas realizadas em prol da UFMT ocorrida em 13 de agosto de 1968, data escolhida por se tratar do aniversário do Governador Pedro Pedrossian, como mostra o jornal, a polícia chegou antes dos manifestantes: “A polícia militar ocupou ontem o centro de Cuiabá: Estudantes”. A organização da passeata começou no dia 12, quando os estudantes da Faculdade de Direito divididos em grupos percorreram as escolas de maior expressão da cidade para convocar os alunos e professores a participarem do evento do dia 13. A adesão ao movimento foi grande e no mesmo dia da convocação saíram às ruas. A essa altura já estavam sendo aguardados: “[...] segundo informações seguras, as lideranças universitárias iniciaram conversações visando a organização de uma passeata. [...] por causa disto, a Polícia Militar ocupou ontem o centro desta capital. Às últimas horas de ontem, os estudantes foram às ruas.”

3.5 OS DONOS DA HISTÓRIA: MEMÓRIAS DE MILITANTES

“Estudantes contra a *American Can*”, “Alunos reclamam ao Estado”, “Congresso estudantil: tumulto na reforma constitucional”, “A rebelião estudantil”, “A greve dos estudantes”, “Acadêmicos anunciam greve se professores não forem nomeados”, “Inquietude juvenil preocupa a Igreja”, “Estudantes voltam a perturbar ordem pública na Guanabara”, “Os estudantes agitam o país”, “Estudantes cariocas insultaram Andeazza”, “Presidente diz que tem fé na juventude brasileira”, “Enterro antecipado de estudante para evitar manifestações”, “Tarso Dutra acha justa e natural a inquietação da juventude”, “O estudante é antes de tudo um idealista”, “Reitores debatem violência estudantil”, “Criado o movimento estudantil democrático”, “Estudantes depredam militar: Fortaleza”, “Perdura a ameaça de Estado de Sítio devido aos estudantes”,

“Conseqüência da invasão: estudante beira da loucura”, “Estudantes cariocas paralisam trânsito”, “Os estudantes cuiabanos fizeram passeata em Cuiabá: não era subversão, era Universidade Federal”, “Mães paulistas vão pedir libertação de estudantes”, “Guerra Fria entre os estudantes do Distrito Federal”, “Governo espanhol adverte estudantes”, “Jovem Russo defende o iê, iê, iê”, “Estudantes de Paris em agitação”, “Universitários tchecos contra Moscou”, “Estudantes de Turim lutaram contra a polícia”, “Jovens também tem força na Tchecoslováquia”, “Estudantes cuiabanos estariam presos no Rio”, “Estudantes também estão inquietos no Ceará”, “Aulas suspensas devido choques: Cidade do México”.

Essas foram manchetes constantes no noticiário corrente da década de 1960 que contam a história de jovens estudantes de Moscou, de Fortaleza, da Espanha, do Rio de Janeiro, da Tchecoslováquia, de Brasília, da Cidade do México, de Cuiabá, de Turim. São manchetes de um pequeno jornal: O Estado de Mato Grosso, de uma pequena cidade, Cuiabá, que mostram variadas formas de manifestações juvenis. A história do século XX é marcada pela atuação de um modelo de jovem: o estudante. Para Caccia-Bava e Costa.²³⁶ “a historiografia brasileira oculta e ofusca a presença da juventude na vida política nacional” que, conforme demonstram, é bem anterior aos anos 1960. Destacam por exemplo, a protagonização de movimentos juvenis na luta pelo abolicionismo no século XIX, o Movimento de Arte Moderna, o Movimento tenentista, o movimento político-partidário que resultou na formação do Partido Comunista, na década de 1920 e a criação da União Nacional dos estudantes (UNE) em 1937, entre outros. A década de 1960, representa um golpe contra os movimentos de luta estudantis no país que já vinham se formando até então e também o momento em que a sua atuação ganha maior visibilidade.

Os estudos sobre o Movimento estudantil no Brasil apontam um enfraquecimento do movimento a partir dos anos 1980. Neste período explode o problema da criminalidade juvenil, do uso de drogas, da gravidez precoce. Essa constatação contribuiu para a formulação da imagem da juventude dos anos anteriores 1960 e 1970, como a de uma geração politizada, revolucionária, solidária que sonhava

²³⁶ CACCIA-BAVA, Augusto; COSTA, Dora Isabel Paiva da. O lugar dos jovens na história brasileira. In: CACCIA-BAVA, Augusto; PÂMPOLS, Carles Feixa.; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004, p. 110.

mudar o mundo. Os protagonistas daquelas gerações foram os primeiros a se pronunciar sobre o assunto, a evocar as lembranças daquele momento, exaltando-o.

Livros como “1968 o ano que não terminou: aventura de uma geração” do jornalista Zuenir Ventura, lançado em 1988 que trata da reconstituição do ano de 1968 no Brasil baseada principalmente nas experiências vividas pelo autor como observa, “não é propriamente um livro de história, é na verdade o romance sem ficção de uma geração que queria virar o mundo pelo avesso”, define Ventura²³⁷.

“Feliz ano velho”, do então estudante Marcelo Rubens Paiva, publicado em 1982, que conta a história de vida do autor, um jovem de 19 anos, filho da ditadura militar que teve o pai, o Deputado Federal Rubens Paiva preso pelo regime em 1971 e nunca mais o viu.

“O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros” do também jornalista Artur José Poerner, publicado no emblemático ano de 1968 e reeditado, revisado, ilustrado e ampliado em 1979, exalta a participação do jovem na história brasileira enfocando o papel do estudante, em uma síntese que vai da colônia até aqueles dias. Foi escrito no calor da hora, Poerner era militante do ME, entretanto não se trata de um livro baseado apenas nas suas impressões, utilizou como fontes jornais, revistas, relatórios, cartas, atas e ofícios da UNE e estudo bibliográfico.²³⁸

“Abaixo a ditadura: a história do movimento estudantil contada por seus líderes”, fruto de entrevistas concedidas ao jornal e acrescentado de comentários dos ex-líderes estudantis dos anos 1960, José Dirceu e Vladimir Palmeira publicado em 1998, ano que marcou os trinta anos após 1968, esta foi uma entre as muitas publicações lançadas em 1998 para lembrar a data.

“O que é isso companheiro?”, um romance que narra a história verídica de um grupo de jovens de classe média que entraram para uma organização de esquerda clandestina e partiram para luta armada como forma de resistência contra o regime militar. Em 1969, seqüestraram o embaixador norte-americano com o intuito de forçar o

²³⁷ VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

²³⁸ POERNER, Artur José. *O poder jovem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

governo brasileiro a soltar e deixar sair do país presos políticos. Um dos seqüestradores era o então jornalista Fernando Gabeira.²³⁹

Além dos filmes “Feliz ano velho” de 1987 e “O que é isso companheiro” de 1997, adaptações dos livros de Paiva e Gabeira e a minissérie global “Anos rebeldes” de Gilberto Braga, exibida em 1992, a trama se passa entre 1964 e 1979, os protagonistas são os jovens da classe média carioca João Alfredo e Maria Lúcia que estudavam na escola Pedro II e se apaixonam. O conflito reside na diferença ideológica entre os dois. Maria Lúcia estava preocupada apenas com a sua vida e os desejos, enquanto João Alfredo estava dividido entre o idealismo político e o comodismo. Optou pela luta armada. Sem dúvida contribuíram na construção da imagem do jovem dos anos 1960 e 1970. Com exceção de “O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros” de narrativa histórica, os outros livros são romanceados, baseados em experiências individuais que reforçam a imagem do jovem engajado politicamente, como símbolo de toda uma geração, um herói.

“Era impossível não ser politizado [...] vivia-se política, respirava-se política,”²⁴⁰ diz Sandra Pesavento ao referir-se aos anos 1960. Para o jornalista Zuenir Ventura, “se houve na história um movimento em que seus componentes não souberam o que era egoísmo, anulando-se como indivíduos para se encontrar como massa, esse movimento foi o da espetacular, pública e gregária geração de 68”.²⁴¹ E acrescenta ainda, “poucas - certamente nenhuma depois dela - lutaram tão radicalmente por seu projeto, ou por sua utopia”. Cristina Costa, hoje socióloga e militante estudantil nos anos 1960, afirma que “todos os jovens dessa época eram politicamente engajados e, na maioria de esquerda (pelo menos era assim que se declaravam)”.²⁴² Nas últimas palavras de seu livro Poerner lamenta:

²³⁹ Destaquei essas obras pelo fato de terem tido grande repercussão na mídia e por terem como personagens principais jovens estudantes de classe média.

²⁴⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Brasil a cultura da resistência. . In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (orgs). *1968: contestação e utopia*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, p. 27-33.

²⁴¹ VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 86.

²⁴² COSTA, Cristina. *Camlhando contra o vento: uma adolescente dos anos 60*. São Paulo: Moderna, s/d, p. 100.

Como se vê, o Poder jovem foi reduzido pela ditadura ao silêncio ou conduzido ao engajamento ao processo de luta armada desencadeado no Brasil - fenômeno grave para todos os brasileiros, quaisquer que sejam as suas posições políticas, por haver representado o trágico sacrifício de uma geração heróica e idealista - talvez a melhor e a mais completa das gerações com que o país contou em toda a sua História de quase meio milênio.²⁴³

Ter vivido os acontecimentos faz com que os indivíduos tenham outra percepção, ora ela é superdimensionada, ora é negligenciada. Quando se é um militante parece que todos à sua volta também o são. Porém, quando não se participa diretamente dos acontecimentos é como se eles não fossem reais, como se fosse um filme. A lembrança dos fatos públicos, como destaca Ecléa Bosi, muitas vezes apresenta,

um pronunciado sabor de convenção. Leitura social do passado com os olhos do presente, o seu teor ideológico se torna mais visível. Na memória política, os juízos de valor intervem com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica 'neutra'. Ele quer também julgar, marcando o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a.²⁴⁴

Há uma forma de viver os fatos históricos, explica Bosi, “um modo de sofrê-los na carne que os torna indelévels e os mistura com o cotidiano a tal ponto que já não seria fácil distinguir a memória histórica da memória familiar e pessoal”.²⁴⁵ E esse modo de “sofrê-los na carne” faz com que o indivíduo sinta-se autorizado a falar pelo outro, o faz sentir dono da verdade, dono da História. Wandir Metelo, estudante cuiabano da Escola Oficial da Polícia Militar do Rio de Janeiro em 1964, intitula-se membro da ditadura, alguém que estava lá, e que, portanto, segundo ele, conhece melhor do que ninguém a “verdadeira história” dos fatos:

Você está conversando com o homem que fez parte da Revolução de 1964, eu participei como soldado na revolução de 1964. Em 1964, eu parti para Brasília na época da renúncia de Jânio Quadros, João Goulart assumiu o governo e o exército brasileiro atendendo ao apelo da sociedade brasileira foi à guerra.

²⁴³ POERNER, Artur José. *O poder jovem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 307.

²⁴⁴ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 453.

²⁴⁵ Id. *Ibid.* p. 464.

Apesar, que todo mundo conta essa história erradamente, eu vivi ela. A história não foi assim não.²⁴⁶

Metelo quando diz “todo mundo conta essa história erradamente” está reivindicando o direito de contar a sua versão da história que julga ser a verdadeira. Trabalhar com a História do tempo presente é lidar com quem estava lá, com quem viveu e sentiu na carne os acontecimentos. É um passado que não passou, os protagonistas estão vivos, há interesses em jogo, medo, saudade, dor e desconfiança. “Não convém”, “não fica bem”, “prefiro não falar sobre esse assunto”, “não posso falar”, são frases constantes nos depoimentos daqueles que viveram os acontecimentos dos anos de ditadura.

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento, ao ser convidada para participar do seminário 1968: Contestação e Utopia, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1998, logo se preocupou com o tema, pois,

Afinal, quem assumiria a narrativa da história? A Sandra de 30 anos atrás, estudante do curso de história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ou a professora e historiadora de hoje, 30 anos depois? [...] não há como ignorar que eu estava lá, e isto é altamente diferenciador na elaboração do discurso.²⁴⁷

A Sandra historiadora sabe bem que “a memória/evocação é traiçoeira, seletiva e realiza recortes, exclusões e, sobretudo, tende a glamourizar o passado”.²⁴⁸ Nem todos os jovens da geração de 1960 eram engajados politicamente. Era possível, sim, não ser politizado e ela, certamente, não foi a última geração a lutar por sua utopia, assim como nem toda moça nos anos 1950, e décadas anteriores casavam-se virgens, nem todo jovem era transviado. Os jovens de vanguarda, preocupados em romper tradições, em mudar os valores, eram minoria.

Maria Eunice Maciel lembra que se por um lado “em 68 havia jovens que enfrentavam a ditadura que pregavam o amor livre, o fim do tabu da virgindade,

²⁴⁶ METELO, Wandir. *Entrevista concedida a Fernanda Quixabeira Machado*. Cuiabá, 05 out. 2004.

²⁴⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Brasil a cultura da resistência. . In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (orgs). *1968: contestação e utopia*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, p.27-33.

²⁴⁸ Id. Ibid. p.28.

questionavam o casamento, a família tradicional, [...] propunham um novo papel para as mulheres”²⁴⁹, por outro é bom não se esquecer que “havia também o mundo dos que viam a passeata passar, não se opondo, [...] como também havia aqueles jovens que se opunham aos movimentos e que constituíam uma base social para a ditadura”.²⁵⁰ Esses eram a maioria. Os estudantes não formam um grupo homogêneo, não são revolucionários de plantão, há interesses e disputas. Em função das suas divergências ideológicas, a relação entre a “mocidade estudiosa” e a chamada “juventude subversiva era conflituosa, não podemos esquecer, como ressalta Maria de Lourdes Fávero que

os estudantes constituem um grupo bastante eclético e contraditório. Eclético por sua composição não ser homogênea - principalmente em se tratando de estudantes do nível médio e superior - seus componentes oriundos de distintas camadas sociais, defendendo interesses comuns ou divergentes, orientações e posições elitistas de um lado e comprometidas com interesses e necessidades mais amplas da sociedade, de outro.²⁵¹

Lembremos, por exemplo, dos jovens ligados aos grupos de direita Tradição, Família e Propriedade (TPF) e ao Comando de Caça aos Comunistas (CCC). No dia 2 de outubro de 1968, os alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), organizaram um pedágio a fim de angariar recursos para a realização do 30º Congresso da UNE. Os alunos da Universidade Marckenzie, um dos focos do CCC localizada na mesma rua da USP não gostaram da atitude e partiram para o confronto que termina com a morte do secundarista Luiz Guimarães, de 20 anos, atingido por um tiro e com a invasão e depredação do prédio da Faculdade.²⁵²

Em 2003, o Projeto Juventude do Instituto Cidadania realizou uma pesquisa de âmbito nacional com o objetivo de traçar o perfil da juventude brasileira. Foram entrevistados 3.501 jovens entre 15 a 24 anos em 198 municípios dos 25 estados do país. O questionário de 160 questões foi dividido em 15 módulos: perfil sócio-

²⁴⁹ MACIEL, Maria Eunice. Quando o mundo era jovem. In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (orgs). 1968: *Contestação e utopia*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, p.27-33.

²⁵⁰ Id. Ibid. p. 39.

²⁵¹ FÁVERO, Maria de Lourdes de A. *A UNE em tempos de autoritarismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p. 16.

²⁵² JOANONI NETO, Vitale. *O movimento estudantil de 1964 a 1979: uma reflexão histórica sobre sua trajetória*. Bauru: Mimesis, 1988, p. 93.

demográfico e condição familiar, ser jovem, valores e referências, percepções da escola, no mundo do trabalho remunerado, avaliando políticas, direitos de cidadania, fruição cultural e lazer, influência de mídia, relações de gênero, sexualidade e Aids, drogas lícitas e ilícitas e violência e política de segurança. Quando os dados da pesquisa foram divulgados em 2004, o que mais chamou a atenção da mídia impressa foram os resultados referentes aos módulos, valores e referências e percepção da política.

A revista de circulação nacional Istoé publicou em sua edição de 05 de maio de 2004 e matéria de capa “Surpresa! A juventude brasileira é careta”, o jornal O Globo do mesmo mês destaca a matéria: “A juventude conservadora que ama a família”. As respostas que na opinião da mídia impressa causaram surpresa foram: 52% dos jovens posicionaram-se contra a legalização da união de pessoas do mesmo sexo, 80% são contra a descriminalização do aborto e 81% do consumo da maconha, 63% preferem relações amorosas estáveis, o grau de confiança na família é 98%, na Igreja Católica 75%, Forças Armadas 67%, movimentos sindicais 50%, movimentos sociais como o dos Sem Terra 48%. Dos jovens entrevistados, 55% acreditam não ter influência sobre a política, 22% afirmam que tanto faz um governo democrático ou ditador, 16% preferem em certos casos uma ditadura e 80% nunca participaram de protesto ou reivindicação.²⁵³

A leitura apressada destes dados leva a uma conclusão que já se tornou senso comum no Brasil: a de que a juventude atual é despolitizada, passiva politicamente e conservadora.²⁵⁴ Tal idéia parte do pressuposto de que a juventude é por natureza rebelde, contestadora, que tem por obrigação assumir papel de vanguarda na sociedade. Outra questão subjacente à idéia da apatia juvenil contemporânea reside na comparação com as gerações anteriores, notadamente as dos anos 1960 e 1970 que carregam a marca da rebeldia, do ativismo político. Para Venturi e Bokany essa comparação trata-se de uma

²⁵³ VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. Maiorias adaptadas, minorias progressistas. In: ABRAMO, Helena. W. BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005, p. 351-368.

²⁵⁴ Id. Ibid. p, 351-368.

confusão entre a imagem de uma minoria mitificada com a suposta atitude política e comportamental da minoria daquelas gerações. Se nos anos 1970 tivesse sido feita uma pesquisa quantitativa tão abrangente como a atual do Projeto Juventude, provavelmente veríamos que a maioria dos jovens brasileiros da época era ainda mais conservadora e agora estaríamos constatando, na verdade, uma queda nos indicadores de conservadorismo. O fato de que uma minoria tenha abraçado valores da contracultura que os levava a saírem da casa dos pais mais cedo, a viverem com maior liberdade sexual e a experimentarem todas as drogas, parece ofuscar as evidências históricas de que a maioria deles, à época, simplesmente reproduziu em seu comportamento os padrões conservadores então vigentes.²⁵⁵

De fato não temos uma pesquisa tão abrangente quanto a do Projeto Juventude sobre as gerações anteriores, mas a revista *Realidade*, em 1967, realizou uma pesquisa chamada: “Retrato da Juventude: uma grande pesquisa nacional”. Era uma pesquisa de opinião para traçar o perfil da juventude da época, executada pela Marplan, um instituto de pesquisa particular e através de questionários publicados na revista no mês de julho. O questionário continha 16 questões sobre os temas: família, política, religião, trabalho e relacionamento. A Marplan entrevistou mil jovens entre homens e mulheres de 15 a 24 anos do Rio de Janeiro e São Paulo, divididos por classe social: “100 da classe rica, 400 da classe média e 500 da classe pobre”.²⁵⁶ A redação da revista recebeu mais de 20 mil questionários respondidos de várias partes do país. Nos lugares onde a revista não chegava, membros de grêmios estudantis e outras associações tiravam cópias dos questionários e distribuíam.

A pesquisa foi um sucesso. Entre os milhares de questionários *Realidade* selecionou mil, tirados ao acaso, dividindo-os por sexo, idade e entre as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e de outros Estados. Em setembro a revista lançou uma edição especial com o resultado da pesquisa intitulada “A juventude brasileira hoje” com a tiragem de 465.900 exemplares e para a nossa “surpresa” a juventude da década de 1960, também era careta. Os resultados da pesquisa indicaram naquele momento que:

²⁵⁵ Id. Ibid. p. 351-368.

²⁵⁶ A JUVENTUDE Brasileira hoje. *Realidade*. São Paulo, Abril Cultural, set. 1967, n. 18, ano I, p.18.

Os jovens acreditam ao mesmo tempo em Deus e no socialismo, não pensam em revolução, acham que há muita coisa errada no Brasil, mas a maioria prefere não protestar contra os abusos e erros. Julgam que seu papel é estudar, trabalhar e preparar-se para o futuro. Estão mais a favor que contra o governo, embora muitos nem se preocupem com isso. Pregam a fidelidade para o marido e a mulher, os rapazes exigem a virgindade feminina, e muitas moças a masculina. Muitos defendem o controle da natalidade e se inclinam pela separação quando o casamento fracassa”.²⁵⁷

Na questão “com referência ao atual governo você se considera”: 44% dos entrevistados declaram-se a favor, 17% contra e 39% indiferentes ou não tinha opinião formada. Para 51% deles o socialismo era o sistema econômico que oferecia as maiores possibilidades de desenvolvimento, 35% o capitalismo, 3% o comunismo e 11% não sabem. O principal problema brasileiro para 41% era a educação, 17% o desenvolvimento, 13% a dependência de influência estrangeira, 7% a corrupção, 12% a inflação e 7% a saúde.

Não há surpresa alguma no fato dos jovens refletirem as concepções de mundo do seu tempo, em expressar as angústias, os valores, os padrões comportamentais vigentes. Por vezes a juventude assume posturas conservadoras e até reacionárias.

A educação apontada por 41% dos jovens entrevistados como o principal problema do país reflete uma preocupação do período que foi o ponto de partida para o engajamento político de boa parte dos estudantes brasileiros. Não havia um projeto revolucionário por trás desse engajamento, a questão da educação era causa motivadora das ações sociais e políticas empreendidas pelo ME.

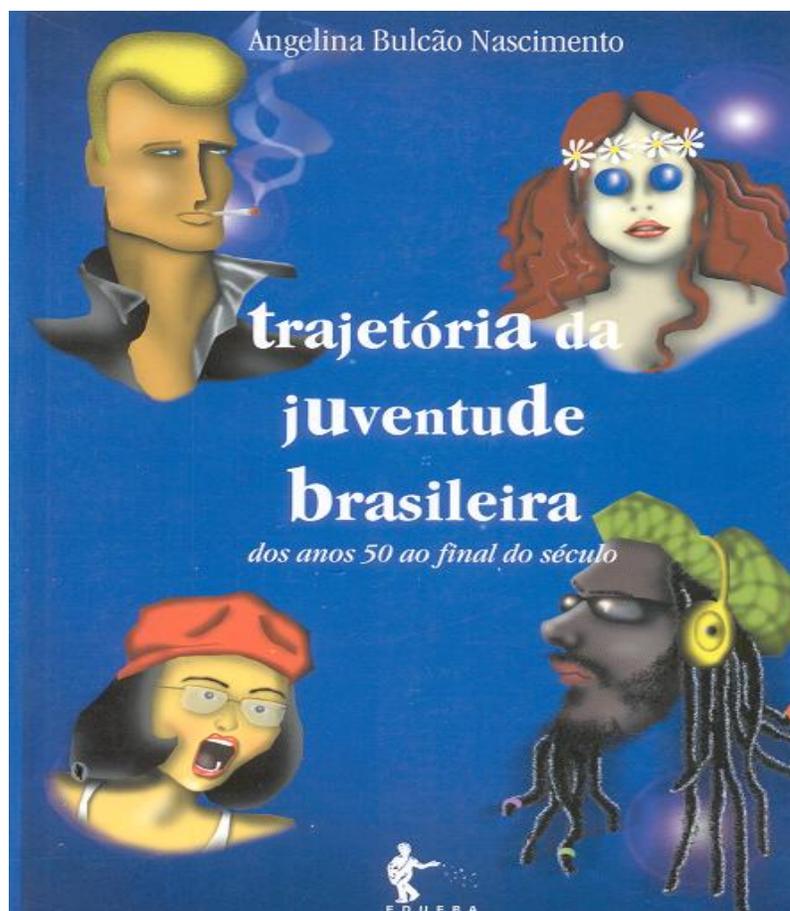
Oficialmente a luta pelas mudanças na estrutura da educação brasileira encabeçada pela UNE, começou em 1957, com o I Seminário de Reforma de Ensino promovido pela entidade, posteriormente vieram o I e II Seminários Nacional de Reforma Universitária, respectivamente em 1961 e 1962 que deram origem a dois documentos importantes, a Declaração da Bahia e a Carta do Paraná, onde estão delineadas as bases da Reforma Universitária proposta pela entidade. No decorrer desse processo, os estudantes depararam-se com o Golpe Militar de 1964 que impôs a ditadura ao país e proibiu as suas manifestações. O enfrentamento nesse momento, além de ser contra a política educacional proposta pelo Regime que entre outras

²⁵⁷ A JUVENTUDE Brasileira hoje. *Realidade*. São Paulo, Abril Cultural, set. 1967, n. 18, ano I, p. 18.

medidas consistia em transformar as universidades em fundações particulares passa a ser também contra a forma de atuação do Governo Federal.

Os jovens que se destacaram pelo ativismo político e pelas transgressões eram minoria, porém, uma minoria que tinha força, que conseguiu fixar uma imagem e marcar época. As duas imagens culturais juvenis que despontaram na segunda metade do século XX, a do jovem “delinquente” e a do jovem estudante militante de esquerda, fixaram uma imagem que povoa o nosso imaginário. Na capa do livro de Angelina Bulcão do Nascimento publicado em 2002, podemos visualizar essa imagem:

FIGURA 01 - CAPA DO LIVRO “TRAJETÓRIA DA JUVENTUDE BRASILEIRA: DOS ANOS 50 AO FINAL DO SÉCULO”, DE AUTORIA DE ANGELINA BULÇÃO NASCIMENTO, 2002.



Acima no lado esquerdo do livro aparece a figura de um rapaz loiro de olhos azuis, vestindo uma jaqueta de couro, usando um topete e fumando. Ele simboliza a juventude dos anos 50. É a figura de Jim Starks, o personagem interpretado por James Dean no filme *“Rebel Without a Cause”* (Rebeldes sem causa), símbolo de rebeldia e agressividade.

Do lado direito temos uma jovem de cabelos soltos, despenteado, com flores na cabeça. Uma típica representante do movimento *hippie*, filosofia de vida alternativa ao modelo estabelecido que seduziu parte da juventude. É o símbolo da mudança, característica atribuída à geração dos anos 1960 e 1970.

Abaixo do lado esquerdo aparece uma jovem usando uma boina vermelha, estilo Che Guevara, de óculos de grau que remete à intelectualidade, cabelos curtos, tipo Chanel que evidencia a liberdade da mulher e usa uma camiseta branca que no século XX, junto com a calça *jeans* tornou-se uniforme da juventude. Ela é o protótipo do militante de esquerda, está com a boca aberta e se a imagem tivesse som ouviríamos os seus gritos de: abaixo a ditadura. Luta é marca conferida aos jovens dos anos 1970.

E por fim, abaixo do lado direito está uma imagem cultural da juventude dos anos 1990, onde vemos um jovem negro, usando óculos escuros, de cabelo *rasta faire* com um *walkman* nos ouvidos, símbolos da tecnologia e consumo, marcas atribuídas à juventude dos anos 1990.

Tanto o jovem que começou a preocupar a sociedade na década de 1950 com o seu modo diferente de vestir, de falar, de se divertir e com o envolvimento na criminalidade, quanto o jovem que incomodava o poder estabelecido dos anos 1960 com suas críticas, faziam parte da mesma classe social, não vinham da miséria e por essa razão colocava um problema de difícil solução. Que medidas adotar para controlá-los? O Chefe de Polícia podia “fazer justiça, fazer limpeza, livrar a cidade de assassinos irrecuperáveis - mas, apenas os assassinos que vieram dos morros, que vieram da sarjeta, que vieram do SAM desaparecem. Os abastados ficam”.²⁵⁸ Alertava o jornalista Pedro Nasser. Mas o que fazer com a juventude transviada era a questão. Diante do envolvimento de jovens na luta armada contra a Ditadura Militar, o jornalista Murilo Melo Filho, levantara a mesma questão. “Que aconteceu com a jovem burguesia brasileira?”

²⁵⁸ NASSER, David. Cruzada contra impunidade. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 maio 1959.

[...] O problema todo reside nos secundaristas: os meninos de 15 e 16 anos. Recente pesquisa revelou que de 260 estudantes interrogados no Rio, 80% mal tinham passado do colegial para a universidade. De modo geral, eram eles rebentos da classe média, filhos de senadores, sobrinhos de deputados, primos de coronéis, netos de generais. [...] sempre foi fácil fuzilar um operário ou um tecelão. Mas como encostar ao paredão o filho de um senador ou o sobrinho de um coronel?²⁵⁹

Não havia meios de ignorá-los, silenciá-los, fingir que nada estava acontecendo. As atitudes desses jovens provocavam indignação, perplexidade, admiração, mas não indiferença. Obrigava a sociedade a pensar a juventude como uma categoria social distinta. Ora ela parece como esperança de futuro, ora como problema no presente. E também a pensar sobre os métodos de educação, as normas disciplinares e as convenções sociais. Quer seja por suas transgressões, quer seja por sua contestação e mobilização política, os jovens, desde então, não saíram mais de cena, protagonizando assim, uma revolução nos costumes e hábitos sem precedentes.

²⁵⁹ MELLO FILHO, Murilo. Onde está o terror? *Manchete*. Rio de Janeiro, 15 ago. 1970, ano: 18, n: 956, p. 48-49.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos em face de uma revolução de tal amplitude que ao lado dela a chamada Revolução Industrial se amesquinhará num brinquedo sociológico (Gilberto Freire, 1961, p. 23).²⁶⁰

Há épocas na história em que as mudanças parecem ocorrer com maior velocidade. A segunda metade do século XX foi uma dessas épocas. E não são apenas as mudanças materiais que impressionam quando olhamos esse passado recente. O que salta aos olhos é a revolução nos costumes sem precedentes em um curto espaço de tempo. A forma dos pais se relacionarem com os filhos, dos alunos com os professores, dos maridos com suas esposas, dos namorados com as namoradas, dos namorados com os namorados, das namoradas com as namoradas, foram alteradas drasticamente. Atores sociais que ocupavam papéis secundários ou que atuavam apenas nos bastidores, como as mulheres e os jovens, tornaram-se protagonistas. Viraram notícia de jornal, ganharam as capas das revistas, saíram às ruas, viraram temas de livros e filmes, protestaram, morreram, mataram e conquistaram. Conquistaram dinheiro, poder, fama e o mais importante: liberdade.

Os jovens disseram não ao Estado, não à Igreja, não à família, não à Guerra, não à ditadura, não à opressão, não ao preconceito, não ao velho, não à ordem, não ao sistema estabelecido. Tal atitude despertou admiração em uns, preocupação em outros e a ira de muitos, sobretudo dos governos, o alvo das maiores críticas por parte dos estudantes. Nesse período os jovens já eram um grupo com consciência etária, constituíam uma voz que ousava questionar o poder vigente e os valores da sociedade.

Seja em uma conversa entre pais, em uma reunião de professores, em uma conferência de cúpula da Igreja ou em uma discussão do secretário de segurança, o tema da indisciplina juvenil tornou-se obrigatório. Como problema social, foi assim que a juventude ganhou no século XX. Digna de ser tratada como caso de polícia pelo Estado, como um sinal de fim dos tempos para os milenaristas de plantão e como

²⁶⁰ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

objeto de estudo da Psicologia, Antropologia, Sociologia e hoje também da História. No entanto, a História quando toma a juventude como tema de estudo não se propõe a dar respostas para os seus problemas. Dizer o que os pais ou o Estado devem fazer são tarefas que não lhe competem. A História busca compreender qual o sentido que cada sociedade atribui a essa etapa da vida chamada de mocidade, juventude, adolescência, levando sempre em consideração o período. Estudar o modo como as sociedades concebem a juventude, é uma forma de compreender a própria sociedade, os seus valores, os seus problemas e as suas aspirações.

Na segunda metade do século XX, a humanidade de um modo geral, passou por profundas transformações tanto no aspecto material quanto moral. O avanço tecnológico permitiu ao homem ter uma vida mais longa e, portanto, mais tempo entre a saída da infância e a entrada na fase adulta. Essa mudança colocou a juventude como a etapa mais importante do desenvolvimento humano. Na família o centro das atenções deixou de ser o pai e passou a ser os filhos. Os mais novos deixaram de ver os mais velhos como modelo. O jovem é que passou a ser visto como um modelo, a sua cultura diferenciada, o seu estilo de vida e tudo aquilo que a indústria cultural e o mercado publicitário criaram utilizando o jovem como rótulo, tornou-se um sonho de consumo, um modelo a ser imitado por todas as idades. Já não era mais a filha que procurava vestir-se como a mãe e sim a mãe que copiava a filha.

A juventude foi transformada em um produto que conforme os publicitários podia ser encontrado no posto de gasolina, em um pacote de açúcar, no salão de beleza, num par de sapatos, em um pote de creme, no frasco de um perfume, na lanchonete da esquina, num maço de cigarro, no salão de beleza, na calça *jeans*, na garrafa de refrigerante, cápsula de vitamina, na blusa de *nylon* e onde mais a imaginação permitisse. O culto ao corpo é uma característica do homem do século XX, expressa nos cuidados com a saúde, alimentação, higiene, e sobretudo, com a estética. O objetivo não era apenas ter um corpo saudável, mas sim ter um corpo jovem.

As mudanças pelas quais passaram a humanidade no pós Segunda Guerra Mundial não ocorreram isoladamente, como um fenômeno exclusivo das grandes metrópoles, dos países europeus e dos Estados Unidos. Em termos tecnológicos elas alcançaram grande parte do mundo ocidental e oriental em uma velocidade impensada

nos séculos anteriores. O aperfeiçoamento dos meios de comunicação e de transportes ajudou a disseminar idéias, costumes e mercadorias aos lugares mais distantes. Cuiabá como um ponto importante de expansão capitalista por onde, conforme a política econômica do governo militar, deveriam passar os fluxos migratórios e de mercadorias com destino à região norte do país, a fim de colonizar parte da região amazônica, considerada um espaço vazio, teve a sua paisagem urbana, em um curto espaço de tempo, completamente modificada.

A pacata Cuiabá dos anos 50, onde quase todos se conheciam chegou ao final dos anos 1960, com feição de grande cidade. O número de habitantes quase dobrou, alterando assim, o ritmo de vida cuiabano. O fogão a gás, a geladeira elétrica, a coca-cola, a máquina de lavar roupas, a televisão, o toca-disco, bem como, os ideais comunistas e os anticomunistas, o *rock*, o consumismo, passaram a fazer parte do cotidiano de novaiorquinos, paulistas, parisienses, cariocas, campograndenses, australianos, cuiabanos. As distâncias entre as várias partes do mundo diminuíram. Isso facilitou o surgimento de uma cultura jovem global com características semelhantes que aproximava os jovens dos lugares mais diversos. A mesma música, a mesma moda, os mesmos ídolos podiam ser partilhados e em certa medida até os conflitos.

A chamada “juventude transviada” que tanta preocupação causara em pais, professores, sociólogos, policiais, apesar das variações semânticas, possuía pontos em comum. Tratava-se da geração pós-bomba atômica, filha da guerra que herdara o medo de um passado recente e a angústia em relação a um futuro incerto demais. Viver intensamente tornara-se o mais importante para esses jovens que desafiavam a morte e as normas sociais vigentes. Ao mesmo tempo eram filhos da classe média e colocaram em cheque a certeza de que a pobreza determinava o envolvimento na criminalidade. O outro aspecto que os assemelham é o fato de desobedecerem à autoridade dos pais e causarem a sensação da perda de controle da situação. A partir daí os métodos de educação, de disciplina, o relacionamento entre pais e filhos passaram a ser repensados. O patriarcalismo entrava em uma fase de forte decadência.

Tal desobediência foi além do âmbito privado, refletiu na esfera pública também sob forma de protestos. A recusa em massa dos jovens norte americanos a lutarem na

Guerra do Vietnã constituiu o exemplo mais forte de desobediência juvenil às leis de uma sociedade. O episódio teve repercussão imediata no cenário mundial servindo de inspiração para jovens de outros países. A atitude foi uma demonstração de força e de consciência etária da juventude. O autoritarismo, o patriarcalismo e o machismo estavam sendo contestados tanto nas manifestações políticas quanto nas manifestações culturais da juventude.

No Brasil, a instauração da Ditadura Militar em 1964, impôs o silêncio à sociedade civil, caçando o seu direito de expressão. Concordar com o Governo ou fingir que concordava tornou-se a única maneira de não sofrer as penalidades previstas para aqueles que ousassem desobedecer às leis impostas pelo Regime. Nesse momento o jovem se destaca representado na figura do estudante. A militância no movimento estudantil propicia um espaço de convivência exclusivo para os jovens, longe dos olhares dos adultos. Daí a sua importância para uma juventude vigiada como a dos anos de 1950 e 1960. Esse espaço onde organizavam protestos, confeccionavam cartazes, planejavam festas, discutiam questões filosóficas, ouviam músicas, namoravam foi fundamental para a formação de uma consciência etária no Brasil. Ao lutarem pelo direito de pagarem meia entrada nos cinemas, meia passagem nos ônibus, pela ampliação do número de vagas nas universidades, pela gratuidade do ensino público e contra a opressão do Governo Militar, os estudantes estavam também desafiando as autoridades.

Dentre os setores sociais que mais lutaram contra a Ditadura, incluindo militares dissidentes, sindicalistas, políticos, jornalistas e religiosos, os estudantes se sobressaíram. Constituíram um grupo ousado, capaz de perturbar o Governo que não poupava esforços para bani-los do cenário político. Convém ressaltar que os estudantes formavam um grupo bastante eclético com diferentes posturas; enfrentar o Regime pegando em armas ou não foi opção da minoria. Porém, essa minoria preocupava porque servia como exemplo de desobediência não só para a juventude, mas para o povo em geral. Eles representavam uma ameaça à continuidade do sistema. Não era o modelo de jovem desejado pelo Regime, ou seja, aquele que deveria apenas estudar, sem se envolver nas questões políticas do país, que deveriam obedecer ao governo, assim como o “bom filho” deveria obedecer o pai. Nessa lógica, quando chegasse o

momento certo de assumirem o poder, tudo o que deveriam fazer era dar continuidade ao que já existia.

O Regime procurou exaltar a figura do estudante enquanto “esperança de futuro”, convencer os jovens de que o melhor era ficar ao seu lado. Diálogo, entendimento, aproximação eram palavras que faziam parte do discurso utilizado para mostrar à sociedade que o Governo era conciliador, aberto a negociações. Teoricamente, o Regime dizia agir em nome da democracia, da liberdade, da paz, da segurança nacional, do progresso, do bem estar social. Isso servia para justificar os seus métodos violentos de ação. Tanto é que na memória de muitas pessoas prevaleceu a lembrança de “bons tempos”, período de desenvolvimento, de “paz e amor”, em que só sofreram repressão aqueles que precisavam.

A memória pode ter esquecido ou não ter registrado as atrocidades cometidas pelo Governo contra os cidadãos brasileiros que ousaram discordar e contestar a legitimidade da Ditadura Militar imposta ao país de 1964 até 1985. No entanto, a história, não. A sua tarefa é justamente lembrar aquilo que os outros esquecem ou querem esquecer. Faz questão de lembrar, por exemplo, que “apesar da aparente calma reinante em Mato Grosso”, o regime militar aqui também usara os seus métodos, que os jovens cuiabanos não pacatos e cordatos como as autoridades desejavam que eles fossem, que os comunistas não eram monstros e nem tampouco representavam uma ameaça ao país que justificasse a perseguição e a violência cometida contra eles; que nem tudo era dourado nos “anos dourados”; que, por trás do “milagre econômico” havia muita miséria e que as grandes transformações históricas decorrem de pequenas transformações cotidianas, da qual participam Nilvas, Beneditos, Carolinas, Franciscos, Eulis, Alfredos, Hênios, Sandras, Zuenirs, Cristinas, Wandirs, Mirtes, Ramez. Detalhes aparentemente insignificantes como o corte de cabelo, o colorido das roupas, o jeito de dançar, o beijo no filho antes de dormir, a convivência exclusiva entre pessoas da mesma idade, fizeram toda diferença no século XX.

FONTES

1 - ENTREVISTAS

CAMPOS, B. P. de. **Benedito Pinheiro de Campos**. Depoimento [jun. 2005]. Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 01 jun. 2005. 1 fita cassete (90 min.), 3 $\frac{3}{4}$ pps, estéreo.

Benedito Pinheiro de Campos nasceu em Cuiabá no dia 29 de agosto de 1935. É filho do professor Carmindo de Campos e da dona de casa Maria Pinheiro de Campos. Estudou na cidade até o Ginásio, depois se mudou para Mariana-MG, onde entrou para o Seminário. No entanto, sem vocação para a carreira religiosa, retornou à cidade em 1954, e por falta de opção ingressou na Faculdade de Direito de Mato Grosso reaberta naquele ano. No mesmo período começou a lecionar Latim na Escola Liceu Cuiabano, atividade que exerceu por 20 anos. Foi membro do Centro Acadêmico VIII de Abril, estando ligado às atividades culturais. Formou-se em 1958, mas nunca trabalhou como advogado. Em 1970, com a abertura da Universidade Federal de Mato Grosso, passou a fazer parte do seu corpo docente como professor do Curso de Direito, ministrando a disciplina: Estudos de Problemas Brasileiros, extinta com o fim do Governo Militar e coordenador do Centro Superior de Civismo, um órgão do Governo responsável pelas atividades cívicas: hasteamento de bandeira, execução do Hino Nacional e pelas atividades culturais que funcionava na Universidade e obrigava os alunos a participarem de tais atividades. No Liceu, também era responsável pelas atividades artísticas.

CAMPOS, N. F. de. **Nilva Fernandes de Campos**. Depoimento [abr. 2002]. Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 04 abr. 2002. 1 fita cassete (60 min.), 3 $\frac{3}{4}$ pps, estéreo.

Nilva. Fernandes de Campos é prima de Euli, nasceu em 28 de outubro de 1940, em Cuiabá. Seu pai era guarda-fios dos Correios e Telégrafos e sua mãe era dona de casa, juntos eles tiveram cinco filhos. Quando o seu pai morreu, a sua mãe casou-se novamente e teve mais oito filhos. Então, devido a problemas financeiros, Nilva foi

morar com a madrinha. Casou-se em 1959, com Benedito Pinheiro Campos, aluno da primeira turma da Faculdade de Direito de Mato Grosso, com quem teve quatro filhos. Em 1960, mudou-se para São Paulo retornando a Cuiabá na década de 1970, onde concluiu o Magistério e ingressou no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente é professora aposentada e mora no bairro Jardim Tropical.

LEÃO, M. F. **Mirtes Ferreira Leão**. Depoimento [abr. 2004]. Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 18 ago. 2004. 1 fita cassete (90 min.), 3 ¾ pps, estéreo.

Mirtes Ferreira Leão, nasceu em Cuiabá em 26 de maio de 1942. É filha de um agricultor com uma dona de casa. Morou na cidade até completar 20 anos quando então foi aprovada no vestibular para agronomia na Escola Superior de Agronomia da Amazônia em Belém do Pará em 1962. Porém, sua família ,por considerar a região de difícil acesso, achou melhor transferir seus estudos para o Rio de Janeiro, onde em 1964, ingressou na Escola Nacional de Agronomia. Era a única mulher em uma turma de 120 alunos. Formou-se em 1968 e veio para Cuiabá procurar emprego. Porém, insatisfeita com o emprego, retornou ao Rio de Janeiro. Algum tempo depois, mudou-se para Campo Grande mas, devido a problemas salariais, voltou para Cuiabá, onde conseguiu emprego no Ministério da Agricultura. Em 1975, passou a ser professora na Universidade Federal de Mato Grosso, a primeira do curso de Agronomia e em 1993 aposentou-se. Casou-se em 1973 e teve uma filha.

MALDONADO, H. **Hênio Maldonado**. Depoimento [nov. 2005] Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cáceres, 24 nov. 2005. 1 fita cassete (90 min.), 3 ¾ pps, estéreo.

Hênio Maldonado, nasceu em Cáceres - MT em 01 jan. 1933, é um dos 8 filhos do comerciante Reyes Maldonado e da dona de casa Maria Conceição Maldonado. Graduiu-se em Ciências Sociais e Jurídicas na Faculdade de Direito Cândido Mendes no Rio de Janeiro em 1960. Foi 1^o Secretário da Associação Mato-grossense dos Estudantes (AME). Após graduar-se retornou a Cáceres onde exerceu as funções de delegado, promotor, defensor público, vereador e professor , além de atuar como advogado criminalista em vários municípios do Estado.

METELO, W. **Wandir Metelo**. Depoimento [abr. 2004]. Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 05/10/2004. 1 fita cassete (90 min.), 3 ¾ pps, estéreo.

Wandir Metelo, é filho do carpinteiro Ivo Metelo e da dona de casa Estelita de Lima Metelo, nasceu em 20 de julho de 1944, em Cuiabá. Estudou na cidade até completar o segundo grau, depois seguiu a carreira militar, formou-se na Academia de Polícia do Estado de São Paulo. Em 1964, era soldado da Polícia Militar e atuou na repressão contra os movimentos de oposição ao Governo. Trabalhou também, no Serviço Nacional de Informação (SNI). Em 1972, retornou a Cuiabá, onde ocupou diversos cargos na Polícia Militar aposentando-se como coronel. Casou-se em 1972 e teve 02 filhos.

NASCIMENTO, J. F. do. **J. F. do Nascimento**. Depoimento [set. 2004]. Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 04 set. 2004. 1 fita cassete (60 min.), 3 ¾ pps, estéreo.

J. F. N. nasceu em Cuiabá no dia 03 de março de 1933. Filho de um alfaiate com uma funcionária pública fez o Curso de Formação de Oficiais de Polícia Militar e logo depois começou a trabalhar como delegado em Alto Paraguai, depois foi transferido para Cuiabá, onde atuou como delegado de 1951 a 1970. Formou-se na Faculdade de Direito de Mato Grosso em 1963 e foi membro do Centro Acadêmico VIII de Abril. Casou-se em 1964 e teve 07 filhos. Ele autorizou a gravação da entrevista, mas pediu para que o seu nome não fosse revelado. No decorrer do trabalho foi utilizado para ele o pseudônimo de Francisco Oliveira.

SANTOS, C. C. C. Depoimento [jun. 2002]. Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 26 jun. 2002. 1 fita cassete (60 min.), 3 ¾ pps, estéreo.

SANTOS, C. C. C. Autorizou a gravação da entrevista, mas pediu para que o seu nome não fosse revelado, por isso vou chamá-la de Carolina Costa. Carolina nasceu em 12 de outubro de 1936, em Cuiabá, provém de uma família de oito irmãos, a sua mãe era dona de casa e seu pai delegado de polícia. Casou-se em 1962 e teve quatro filhos. Mora na rua Benedito Leite na região do Porto desde que se casou.

S. A. F. **Alfredo Ferreira da Silva**. Depoimento [fev. 2006] Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 03 fev. 2006. 1 fita cassete (60 min.), 3 $\frac{3}{4}$ pps, estéreo.

Alfredo Ferreira da Silva nasceu em 30 de janeiro de 1938, no município de Santo Antônio de Levreger. Foi presidente da AME por dois mandatos em 1967-68 e 1969-70. Graduou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, retornou a Cuiabá em 1972, onde trabalhou como advogado.

SOUZA, B. F de. **Benedito Flaviano de Souza**. Depoimento [nov. 2004]. Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 15 nov. 2004. 1 fita cassete (90 min.), 3 $\frac{3}{4}$ pps, estéreo.

Benedito Flaviano de Souza nasceu em Cuiabá em 12 de abril de 1938, filho de um mestre de obras e de uma dona de casa formou-se na Faculdade de Direito de Mato Grosso em 1969. Começou a militar no movimento estudantil quando estava no segundo grau. Foi secretário geral, tesoureiro e vice-presidente da ACES e tesoureiro da UMES. Escreveu artigos para o jornal O Estado de Mato Grosso durante dez anos. Entre as suas atividades profissionais trabalhou como frentista em um posto de gasolina, trabalhou no Departamento de Estatística de IBGE e em 1960 passou no concurso dos correios onde trabalhou durante dez anos. Quando terminou a Faculdade em 1969, foi trabalhar como assessor jurídico da CODEMAT. No ano de 1980 foi designado Procurador do Estado e em 1988 assumiu a Procuradoria Geral do Estado, cargo em que se aposentou. Casou-se em 1973 e teve 02 filhos.

TEBET, R. **Ramez Tebet**. Questionário [jan. 2006] Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Brasília, 12 jan. 2006.

Essa entrevista foi realizada por meio de questionário enviado ao Senador Ramez Tebet em Brasília. Ramez Tebet, nasceu em 7 de novembro de 1936, em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Graduou-se em 1959 na Universidade de Direito do Rio de Janeiro. Foi presidente da AME no biênio 1958-1959. Retornou a Três Lagoas, onde atuou como professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, promotor

público, prefeito, deputado estadual e governador do Estado de Mato Grosso do Sul. Atualmente é Senador da República.

TOCANTINS, A. **Aecim Tocantins**. Depoimento [jan. 2006] Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 12 jan. 2006. 1 fita cassete (60 min.), 3 ¾ pps, estéreo.

Aecim Tocantins nasceu em Cuiabá em 8 de julho de 1923. Graduou-se em Ciências Contábeis na Universidade do Rio de Janeiro, onde ajudou a fundar em 1947, a Associação Mato-grossense dos Estudantes (AME). Ao retornar a Cuiabá atuou como professor, exerceu os cargos de vereador, presidente da câmara, prefeito e presidente do Tribunal de Contas do Estado.

TORTORELLI, E. F. **Euli Fernandes Tortorelli**: depoimento [fev. 2002]. Entrevistadora: Fernanda Quixabeira Machado. Cuiabá, 25 fev. 2002. 1 fita cassete (60 min), 3 ¾ pps, estéreo.

Euli Fernandes Tortorelli, mora na rua Barão de Melgaço no Centro de Cuiabá, nasceu em Coronel Félix, município de Poxoréo, em 13 de setembro de 1941. Mudou-se para Cuiabá com um ano de idade e não saiu mais da cidade. É a caçula de uma família de três irmãos, filha de um fazendeiro com uma dona de casa. Estudou até completar o segundo grau, quando então, parou de estudar para se casar em 1964. É mãe de três filhos.

2 - RELATÓRIOS DOS GOVERNADORES:

Livro de Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa no Governo de Fernando Corrêa da Costa, no período de 1951 a 1955.

Livro de Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa no Governo de João Ponce de Arruda, no período de 1956 a 1960.

Livro de Registro de Mensagens apresentadas à Assembléia Legislativa, no ano de 1961.

Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa pelo Governador do Estado, Fernando Corrêa da Costa, de 1962 a 1965.

Livro de Registro de Mensagens expedidas pelo Governo do Estado à Assembléia, em 1968.

3 - IBGE

IBGE. Anuário estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, 2000.

IBGE. Censo Demográfico de Mato Grosso, VII Recenseamento Geral do Brasil, 1960.

IBGE. Censo Demográfico de Mato Grosso, VIII Recenseamento Geral do Brasil, 1970.

INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO URBANO (IPDU). Perfil socioeconômico de Cuiabá, 2000.

ESTATÍSTICAS DO SÉCULO XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

4- JORNAIS

O Estado de Mato Grosso de 1950 a 1969. – Cuiabá – MT.

A Cruz de 1960 a 1969. Cuiabá – MT.

Última Hora de 1956 a 1958. Rio de Janeiro - RJ

5- REVISTAS

Manchete de 1968 e 1970 – Rio de Janeiro

Realidade de 1967 – São Paulo

O Cruzeiro de 1958 - Rio de Janeiro

6 - PROCESSOS CRIME

Processos crime: Fundo-Cartório do 6º Ofício, Série: *Hábeas corpus*, homicídios, roubos e furtos, do período de 1950 a 1969. Mas existem muitas falhas, estão faltando vários processos, alguns estão relacionados no catálogo, porém, não se encontram nas caixas. Tem alguns anos que não tem nenhum processo registrado.

7 - DOCUMENTOS AVULSOS

CERTIFICADO DO 3º SEMINÁRIO DE ESTUDOS E DEBATES DOS PROBLEMAS DE MATO GROSSO, emitido pela AME. Rio de Janeiro, 1968.

DIPLOMA DE HORA AO MÉRITO, concedido pela AME à Alfredo Ferreira da Silva em 18 de dezembro de 1971.

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO MATO-GROSSENSE DE ESTUDANTES. Rio de Janeiro, 1949. Biblioteca do Arquivo público do Estado de Mato Grosso.

OFÍCIO emitido pela AME em 19 de setembro de 1959.

8 - FILMES

FILME “Juventude Transviada” (*Rebel Without a Cause*).

Juventude Transviada. (*Rebel Without a Cause*). Direção de Nicolas Ray. EUA: David Weisbart: Distr. Warner Vídeo, 1955. 1 filme (111 min): son., legendado, preto e branco.

LOCAIS DE PESQUISA VISITADOS:

Arquivo Público do Estado de Mato Grosso

Associação Brasileira de Imprensa - Rio de Janeiro

Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Cuiabá-MT

Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional de Mato Grosso

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 5-6, p.25-36, 1997.
- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- ALBUQUERQUE, Francisco. A fotografia publicitária. In: BRANCO, Castelo Renato; MARTENSEN, Rodolfo Lima; REIS, Fernando (orgs). *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990, p. 168-170.
- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.319-409.
- ALVES, Júlia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil nunca mais: um relato para a história*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ARRUDA, Márcia Bomfim de. *As engrenagens da cidade: centralidade e poder em Cuiabá - MT na segunda metade do século XX*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2002.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 607-639.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. O tempo e o espaço no mundo estudantil. In: BRITTO, Sulamita de. (org). *Sociologia da juventude IV: os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 61-86.

BRANCO, Castelo Renato; MARTENSEN, Rodolfo Lima; REIS, Fernando (orgs). *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

BRANDÃO, Antônio Carlos.; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 1999.

BRITTO, Sulamita de. (org). *Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

BRITTO, Sulamita de. *Sociologia da juventude II: para uma sociologia diferencial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

BRITTO, Sulamita de. *Sociologia da juventude III: a vida coletiva juvenil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

BRITTO, Sulamita de. *Sociologia da juventude IV: os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

CACCIA-BAVA, Augusto; COSTA, Dora Isabel Paiva da. O lugar dos jovens na história brasileira. In: CACCIA-BAVA, Augusto; PÂMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004, pp.63-114.

CACCIA-BAVA, Augusto; PÂMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Autoritarismo e democratização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2001.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense*. Niterói-RJ: n. 01, p.11-27, maio, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2. ed Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CIVITA, Roberto. As revistas. In: BRANCO, Castelo Renato; MARTENSEN, Rodolfo Lima; REIS, Fernando (orgs). *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990, p. 216-224.

COHEN, Albert K. *Transgressão e controle*. São Paulo: Pioneira, 1968.

COSTA, Antônio Fernando Gomes da. *Guia para elaboração de monografias: relatórios de pesquisa, trabalhos acadêmicos, trabalhos de iniciação científica, dissertações, teses e editoração de livros*. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2003.

COSTA, Cristina. *Caminhando contra o vento: uma adolescente dos anos 60*. São Paulo: Moderna, s/d.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

COSTA, Rodolfo César Corrêa da. *Mato Grosso e o Golpe militar de 64: abrangências de uma participação dentro de um universo particular*. Cuiabá, 1989. 51 f. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 1989.

COUTO, Roblim. Cuiabá de ontem e hoje. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá 16 fev. 1958, p. 04

D' INCÃO, Maria Ângela (org). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

DEL PRIORE, Mary (org). 4. ed. *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1996.

DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias do cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ECHEVARRIA, José Medina. A juventude latino-americana como campo de pesquisa social. In: BRITTO, Sulamita de. (org). *Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 181-204.

EVANGELISTA, Jeferson Lobato. *Guevarianos Cuiabanos: memórias da resistência ao Golpe Militar de 1964 em Mato Grosso*. Cuiabá: UFMT, 2000. Monografia (Departamento História), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, 2000.

FARO, Clovis de; SILVA, Salomão L. Quadros da. A década de 1950 e o programa de metas. In: GOMES, Ângela de Castro (org). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, pp.67-106.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. *A UNE em tempos de autoritarismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). *Usos & abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; Dias, Cláudia Cristina de Mesquita G. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional. In: PEREIRA, Paulo Roberto (org). *Brasiliana da Biblioteca Nacional: guia das fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 329-348.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *A participação social dos excluídos*. São Paulo: Hucitec, 1982.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *Estudante e a transformação da sociedade brasileira*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *Juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREIRE, Júlio De Lamonica. *Por uma poética popular da arquitetura*. Cuiabá: EDUFMT, 1997.

FREITAS, Renata Neves Tavares de Barros. *Universidade Federal de Mato Grosso: memórias de uma conquista*. Cuiabá: UFMT, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2001.

FREITAS, Renata Neves Tavares de Barros. *Veredas da memória: a conquista do Ensino Superior em Mato Grosso*. Cuiabá: EdUFMT, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

FRONTANA, Isabel. C. R. da Cunha. *Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo*. São Paulo: Loyola, 1999.

FURASTÈ, Pedro Augusto. *Normas técnicas para o trabalho científico*. 13. ed. Porto Alegre: Art Ler, 2005.

FURQUIM, Luiz Fernando. O consumidor e os meios de comercialização. In: BRANCO, Castelo Renato; MARTENSEN, Rodolfo Lima; REIS, Fernando (orgs). *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990, pp.286-294.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo: 2000. Tese (Doutorado em História Social), - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2000.

GNISS, Ralph Roman Konrad. Transgressão. In: MONINI, Italiano (org). *Transgressão*. Goiânia: Editora da UCG, 1998, pp. 37-50.

GOMES, Ângela de Castro (org). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins, 2003.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. 1968: ano da derrubada do ensino pago no Paraná. In: FILHO, João Roberto Martins (org). *1968: faz 30 anos*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

HOBBSAWM, Eric. J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (orgs). *1968: contestação e utopia*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

IANNI, Otávio. O jovem radical. In: BRITTO, Sulamita de. (org). *Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, pp. 225-242.

JOANONI NETO, Vitale. *O movimento estudantil de 1964 a 1979: uma reflexão histórica sobre sua trajetória*. Bauru: Mimesis, 1988.

KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos 50. In: FREITAS, Marcos. C. de (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2000, pp. 355-374.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3. ed. São Paulo: Ateliê, 2002.

LABOISSIERE, Tânia Regina Corrêa. *A praça do espetáculo: a transformação social da Praça Alencastro pelo poder público (1989-2000)*. Cuiabá: UFMT, 2003. Monografia

(Departamento História), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História: novas abordagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LE GOFF, Jacques. *História: novos problemas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs). *História: novos objetos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LEITE, Miriam Moreira; MASSAINI, Márcia Ignez. Representações do amor e da família. In: D' INCÃO, Maria Ângela (org). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989, p. 72-87.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-60), In: GOMES, Ângela de Castro (org). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 107-142.

LEUCHTENBURG, William E (org). *O século inacabado: a América desde 1900*. vol. 2. Rio de Janeiro, 1976.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos jovens I: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos jovens II: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MACIEL, Laura Antunes. *A capital de Mato Grosso*. São Paulo:1992. Dissertação (Mestrado) – PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992, p. 67.

MACIEL, Maria Eunice. Quando o mundo era jovem. In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (orgs). *1968: Contestação e utopia*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, p. 35-42.

MARTINS FILHO, João Roberto (org). *1968 faz 30 anos*. Campinas SP: Mercado das Letras, 1998.

MATO GROSSO, Cuiabá. *Estatuto da Associação Mato-Grossense de Estudantes*. Rio de Janeiro, 1949.

MELLO, João. M. C. de & NOVAIS, Fernando. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.559-658.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadão: redes de jovens e participação política. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 5-6, p.134-150, 1997.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadão: redes de jovens e participação política. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 5-6, 1997.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória*. São Paulo: Contexto, 1994.

MOREIRA, Márcio. *Cuiabá na lente do Foto Cháu: um resgate cinematográfico*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura, 2000.

MOREIRA, Miriam Lifchitz. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 1993.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. *Trajatória da juventude brasileira: dos anos 50 ao final do século*. Salvador: EDUFBA, 2002.

NEGRA, Carlos Alberto Serra; NEGRA, Elizabete Marinho Serra. *Manual de trabalhos monográficos de graduação, especialização, mestrado e doutorado*. São Paulo: Atlas, 2003.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PAES, Maria Helena Simões. *Década de 60: rebeldia, contestação e repressão política*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

PALMA, Daniela. Do registro à sedução: os primeiros tempos da fotografia na publicidade brasileira. *Histórica Revista Eletrônica do Arquivo do Estado*, n. 01, abr. 2005. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/htm>. Acesso em 14 maio 2005.

PÀMPOLS, Carles Feixa. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto; PÀMPOLS, Carles Feixa.; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004, pp.257-327.

PASQUARELLI, Maria Luiza Rio. *Normas para a apresentação de trabalhos acadêmicos (ABNT/ NBR-14724)*. 2. ed. Osasco: EDIFIEO, 2004.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 50. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos jovens 2: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 319-374.

PAULA, Gil César de. Um referencial teórico para interpretação do movimento estudantil brasileiro. *Revista Estudos: Humanidades*. Goiânia, v. 30, n. 11, p.2471-2485, nov. 2003.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Brasil a cultura da resistência. . In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (orgs). *1968: contestação e utopia*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, p. 27-36.

POERNER, Artur José. *O poder jovem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

PÓVOAS, Lenine C. *Cuiabá de outrora: testemunho ocular de uma época*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-grossense de Letras, 1983.

POZO, Maritza Urtega Castro; ISLÃS, José Antonio Pérez. Imagens juvenis do México moderno. In: CACCIA-BAVA, Augusto; CARLES, Feixa Pàmpols; CANGAS, Yanko Gonzáles Cangas (orgs). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004, pp.183-255.

RODRIGUES, Gutemberg Alexandrino. *O discurso da Ordem: a composição da imagem do menor*. Acervo: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 15, n. 01, p.133-154, jan/jun. 2002.

RODRIGUES, Gutemberg Alexandrino. O discurso da ordem: a composição da imagem do menor. *Revista Acervo*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, v. 5, n. 1, jan/jun, 2002, p. 133-154.

RODRIGUES, Marly Elizabeth. *Década de 50: populismo e metas desenvolvimentismo no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

ROSSI, Andréa Silvana. Juventude e morte: representações, na contemporaneidade. *Revista História: Questões e Debates*. Curitiba, v. 18, n. 35, p. 155-175, jul/dez. 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1984.

SALDANHA, Alberto. *A UNE e o mito do poder jovem*. Maceió: EDUFAL, 2005.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SCHWACZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.

SCHWAECHZ, Lilia Moritz. (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEIXAS, Raul. *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martim Claret, 1990.

SEVCENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3.

SILVA, Benedicto (org). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SILVA, Carlos Antônio. *Vozes do Oeste: a radiodifusão cuiabana: entre antena e a Lei (1939-1949)*: 2005. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ: Sistema de bibliotecas. *Normas para apresentação de documentos científicos, vol. 2, 4, 6, 7, 8, 9*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. Maiorias adaptadas, minorias progressistas. In: ABRAMO, Helena. W. BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005, p.351-368.

Internet

A história da propaganda no Brasil. Disponível em:
<http://www.fortunecity.com/campus/study/42/historia.htm>.
Acesso em 18 mar. 2004.

A música de Porto Alegre nos anos 50. Disponível em:
<http://www.abordo.com.br/senhor/sf3vs/secreta/introd/anos50.htm>>. Acesso em 17 fev. 2005.

Arquivo de Filmes: Juventude Transviada.
Disponível em
[:http://webcine.com.br/filmessc/juventud.htm](http://webcine.com.br/filmessc/juventud.htm) .
Acesso em 06 abr. 2004.

Acervo de Jornais: banco de dados Folha. Disponível em:
<http://www.folha.uol.com.br/bd/bd-pesquisa.htm>. Acesso em 24 mar. 2005.

Demografia da população jovem. Disponível em: <http://www.uff.br/obsjovem/.htm>.
Acesso em 29 ago. 2004.

Observatório Jovem. Disponível em:
Memória do movimento estudantil. Disponível em:
<http://www.memoriaestudantil.org.br/htm>. Acesso em 24 nov. 2005.

Histórica Revista Eletrônica do Arquivo do Estado. Disponível em:
<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/htm>. Acesso em 14 maio 2005.

Tiempos modernos: adios a um guru. . Disponível em:
<http://www.quepasa.cl/revista/1406/32/htm>. Acesso em 04 fev. 2006.

ANEXOS

FIGURA 2 - ANÚNCIO DO CREME DENTAL KOLYNOS

Sorridente com Kolynos



2. Quem não gosta de mostrar um lindo sorriso, dentes alvos e brilhantes?... Realce estes atrativos usando Kolynos diariamente. Kolynos refresca a boca e o hálito. Kolynos limpa melhor!



Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

Não há nada melhor que

Fonte: O Estado de Mato Grosso. Cuiabá, 07 jan. 1951, p. 02. APMT.

FIGURA 03 - ANÚNCIO DO TÔNICO BIOTONICO FONTOURA



BOM PARA

TODAS AS IDADES

Resolva seus problemas com o sorriso dos que confiam na saúde. Sinta-se melhor — de corpo e espírito — recorrendo ao BIOTONICO FONTOURA — fonte de novas energias. E lembre-se de que, para seus filhos, na idade escolar, o BIOTONICO FONTOURA é o mais completo fortificante.

BIOTONICO

FONTOURA

Fonte: *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 16 mar. 1952, p. 01. APMT.

FIGURA 04 - ANÚNCIO DO FORTIFICANTE VANADIOL

MAGROS E FRACOS

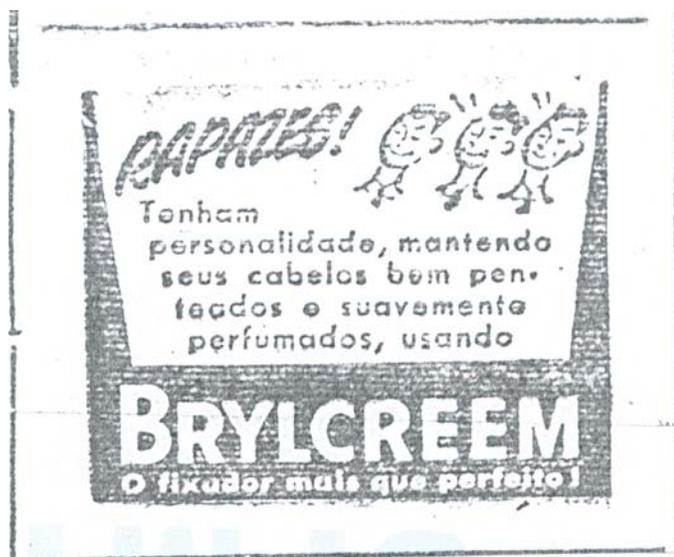
VANADIOL



É indicado nos casos de fraqueza, palidez, magreza e fastio, porque em sua fórmula entram substâncias tais como Vanadato de sódio, Licitina, Glicerofosfatos, pepsina, noz de cola, etc., de ação pronta e eficaz nos casos de fraqueza e neurastenias. Vanadiol é indicado para homens, mulheres, crianças, sendo sua fórmula conhecida pelos grandes médicos e está licenciado pela Saúde Pública.

Fonte: *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 13 mar. 1952, p. 02. APMT

FIGURA 05 - ANÚNCIO DO FIXADOR DE CABELOS BRYLCREEM



Fonte: *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 10 jun. 1951, p. 02. APMT

FIGURA 06 - ANÚNCIO DO REGULADOR FLUXO-SEDATINA

AVÓ! MÃE! FILHA!
TODAS DEVEM USAR A
FLUXO-SEDATINA

(O REGULADOR VIEIRA)
 A mulher evitará dores
ALIVIA AS CÓLICAS UTERINAS.
 Emprega-se com vantagem para combater as irregularidades das funções periódicas das senhoras. É calmante e regulador dessas funções.

FLUXO-SEDATINA, pela sua comprovada eficácia, é muito recomendada. Deve ser usada com confiança.

AVÓ
 FILHA MÃE

Fonte: *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 06 maio 1951, p. 02. APMT.

FIGURA 07 - ANÚNCIO DO TÔNICO EMULSÃO SCOTT

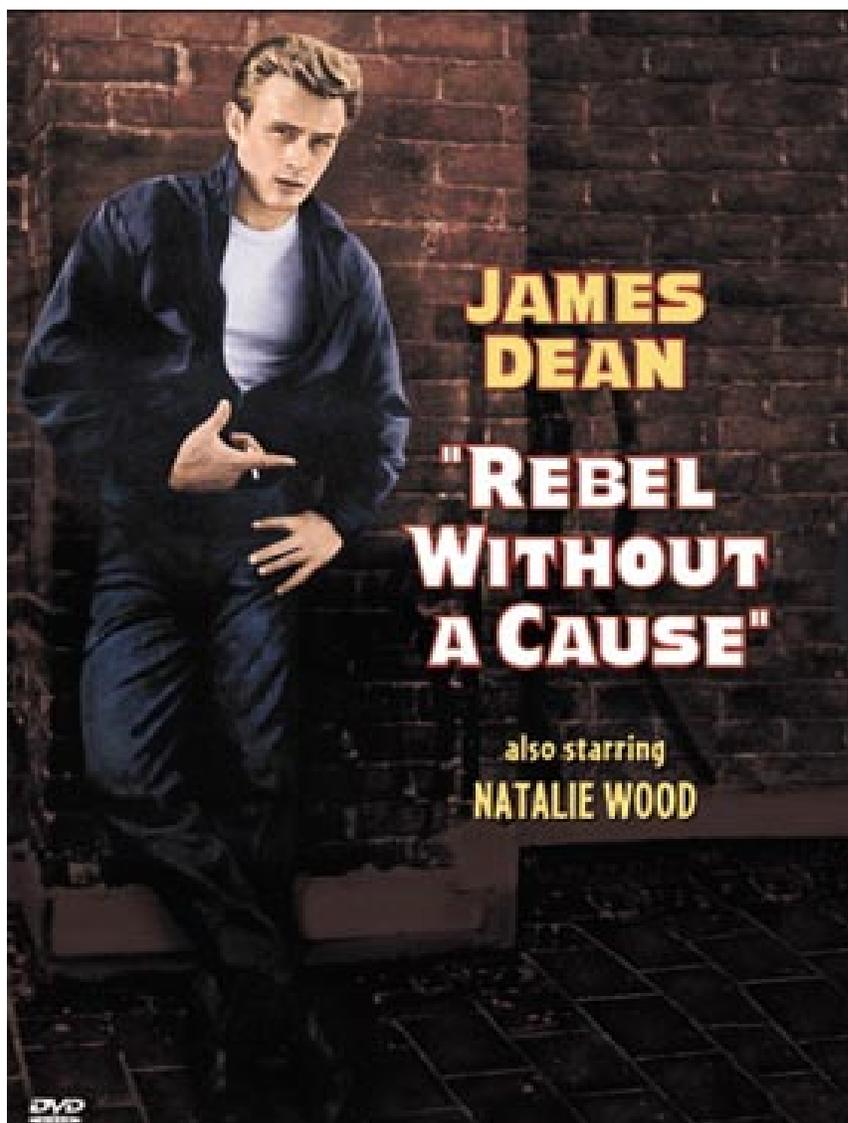


AGORA
sinto-me
mais jovem

Não há melhor tônico que a Emulsão de Scott, isto diziam meus pais e agora o repito eu! Porque voltei ao remédio antigo e o resultado me surpreendeu! — Sinto-me mais jovem, sadio, e sobretudo livre dos resfriados que, assiduamente, me tomavam. Emulsão de Scott é o tônico completo pela fórmula feliz que reuniu as vitaminas do óleo de fígado de bacalhau com cálcio e fósforo.

Fonte: O Estado de Mato Grosso. 05 jul. 1951, p. 01. APMT

FIGURA 08 - CAPA DO DVD DO FILME "REBELDES SEM CAUSA"



Fonte: Capa do DVD do filme: "Rebeldes sem Causa" de 1955.

FIGURA 09 - ANÚNCIO DA CANETA PILOT



quando
começarem -
as aulas,
muitos
rapazes e
môças
estarão bem
preparados
para escrever,
escrever,
escrever.

São rapazes e môças que compraram o
JOGO JUVENIL PILOT
Jogo Juvenil Pilot é especial para estudantes. Com
uma Caneta Juvenil e uma Hidrográfica, acompanha-
das de frascos de tintas.
E sempre é bom lembrar que Pilot também oferece
outras sugestões.

CONJUNTOS ESCOLAR
Conjunto Escolar CN - 1 caneta
Pilot CN e 1 frasco de tinta.
Conjunto Escolar AMS - 1 caneta
Pilot AMS e 1 frasco de tinta.
Conjunto Escolar AM - 1 caneta
Pilot AM e 1 frasco de tinta.

Conheça também o **Jogo Pilot** e a **Caneta Almirante**

Pilot Nas boas casas
de ramo em
todo o Brasil.

Fonte: O Estado de Mato Grosso. Cuiabá, 22 mar. 1966, p. 02. APMT.

FIGURA 10 - ANÚNCIO DA COOPERATIVA CENTRAL DOS PRODUTORES DE AÇÚCAR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Aonde a juventude vai buscar tanta energia?

Hoje tem festa. Vou dançar o tempo todo.

Amanhã tem prova. Vou estudar barbaramente.

Domingo quero um sol legal e um mar todo azul. E todo doce-doçura do mundo.

Aquêlo bôlo de chocolate.

O sorvete cremoso.

A gelatina bem vermelhinha. Ontem vi um anúncio muito bacana que diz que "açúcar sacode".

Acho que é por causa de ser o açúcar o alimento que mais rapidamente se transforma em energia, deixando a gente com muita disposição.

Hum, acho que um refrigerante agora vai bem.

Açúcar
é mais
alegria!
Açúcar
é mais
energia!



Colaboração da Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)